

Revista

# RAÍZES

# 62

Publicação Semestral  
Distribuição gratuita

Dezembro de 2020

Publicação da  
Fundação Pró-Memória  
de São Caetano do Sul

ANO XXXII





Engraxates em  
atividade na região  
central de São Caetano  
na década de 1950

FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA

**Há 29 anos**  
**preservando**  
**sua memória**

# Palavra do Presidente

Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

**EVAMOS FALAR DE FUTURO.** Não deixemos de valorizar nosso passado, mas o momento é de vislumbrar os próximos anos de nossas vidas. A pandemia do coronavírus veio e mudou drasticamente a vida de muitos. É tempo de repensar valores, ideais, modos de fazer e pensar. Encerramos nossa administração (2017-2020) com a esperança de momentos melhores, mas muito satisfeitos com nosso desempenho.

Nos últimos quatro anos, apesar dos muitas ideias suspensas em 2020, nossa instituição cresceu. Passou por incrementos, inovações e ampliações, e manteve-se firme em seus propósitos. Conseguimos dar continuidade a muitos projetos, principalmente em nossa área editorial. A revista *Raízes* seguiu sua periodicidade, com duas edições anuais, e ainda temos outras publicações a serem lançadas este ano.

Entre as novas propostas e ações realizadas, vale ressaltar uma grande conquista para a área de pesquisa sobre a região do ABC, a partir da doação, realizada pelo *Diário do Grande ABC* à Fundação Pró-Memória, de toda a coleção do jornal, desde o primeiro número do *News Seller*, lançado na década de 1950. São 70 anos de história que já estão à disposição de qualquer interessado, no Centro de Documentação Histórica da instituição.

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul fecha um ciclo e se prepara para os dias que virão. Esse futuro tão incerto que nos espera. Costumamos desejar a nossos leitores e amigos um ano de muitas histórias. Em 2021, que busquemos novas narrativas, com diferentes perspectivas. Uma coisa é certa, não devemos voltar ao mesmo lugar em que estávamos antes da pandemia. ■

Ano XXXII – Número 62  
Publicação semestral  
Distribuição gratuita  
Publicação da Fundação  
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR  
FPM@FPM.ORG.BR  
RAIZES@FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL

**Prefeito Municipal:** José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** João Manoel da Costa Neto. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Coordenação Geral da Fundação Pró-Memória:** Márcia Gallo. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Anna Figueira, Breno Diorrener Pereira, Eva Bueno Marques, Francisco José Gripp Bastos, João Manoel da Costa Neto, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Monica lafrate, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Cláudio Prieto, Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, José Ramos Vitorino, Maria José Amaral Pante, Mário Porfírio Rodrigues, Mauro Vincenzi Laranjeira, Newton Mori, Sueli Bimbachi, Teruo Fujita, Valdo Armino Rechelo

## RAÍZES

**Jornalista Responsável:** Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). **Edição e Revisão:** Cristina Toledo de Carvalho, Paula Fiorotti. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Ana Luisa Nóbrega Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo Canhoni, Caio Bruno Siqueira de Paula, Cristina Toledo de Carvalho, Humberto Domingos Pastore, Isabel Cristina Ortega, João Alberto Tessarini, João Manoel da Costa Neto, Mário Porfírio Rodrigues, Monica lafrate, Nelson Albuquerque Oliveira Júnior, Paula Ferreira Fiorotti, Roberta Sernagiotto Soares. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Roberta Giotto. **Serviço de Difusão Cultural (nesta edição):** Cristina Ortega e Paula Fiorotti. **Fotografia, Digitalização e Restauração de Imagens:** Antonio Reginaldo Canhoni. **Apoio à Pesquisa Iconográfica:** Jacqueline Nakagawa, Jussara Ferreira Muniz, Monica lafrate

Tiragem desta edição:  
2.000 exemplares  
Dezembro de 2020

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255  
Santa Paula - CEP: 09541-520  
São Caetano do Sul - SP  
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

# Carta ao leitor

Paula Fiorotti

EDITORA

E 2020 ESTÁ CHEGANDO AO FIM. Continuamos sob os efeitos da pandemia de Covid-19, e retomamos parcialmente as atividades em nossa sede administrativa e nos espaços expositivos da instituição. Apesar de todas estas condições adversas, seguimos com nosso *Projeto Editorial* e apresentamos mais uma edição da revista *Raízes*, que só pôde ser realizada graças ao apoio de nossos articulistas. Devemos, mais do que nunca, agradecer e exaltar todos aqueles que dedicam parte de seu tempo para a produção de textos para nossa revista. Como já mencionamos anteriormente, em outros editoriais, *Raízes* é um projeto feito em conjunto.

O número 62 apresenta, em sua capa, uma procissão em louvor ao santo São Caetano, realizada na década de 1930. O evento ganhou destaque, pois ilustra artigo sobre os 540 anos do nascimento de Caetano Di Thiene (outubro de 1480), padroeiro de nossa cidade. Beatificado em 1629, foi canonizado, pelo papa Clemente X, em 1671.

A seção *Homenagem* presta tributo ao ex-prefeito Antônio José Dall'Anese, que nos deixou no dia 9 de setembro de 2020, aos 86 anos, e ao jovem Maurício Sanches Todisco, reconhecido por seu tra-

balho como mestre de cerimônias nos eventos públicos locais, falecido em setembro de 2019. Ainda no ano passado, sofremos a perda do autonomista Mário Dal'Mas. Para reverenciar este ilustre cidadão resgatamos uma de suas mais importantes produções como poeta, na seção *Ensaio*. E por falar em autonomia, publicamos trabalhos de alunos da rede municipal para celebrar os 72 anos da conquista da independência administrativa e política de São Caetano.

Os articulistas rememoram personagens locais que marcaram nosso cotidiano, seja no aspecto da música, como fez Ricardo Rizek, professor da Fundação das Artes por diversos anos, quanto na área jornalística, que recebeu grandes contribuições de Hermano Pini Filho. *Raízes* nos traz recordações da Usina Colombina, que funcionou na cidade por cerca de 50 anos, ficando famosa pela produção de lança-perfume, e a história de vida do hoteleiro Vincenzo D'Ângelo.

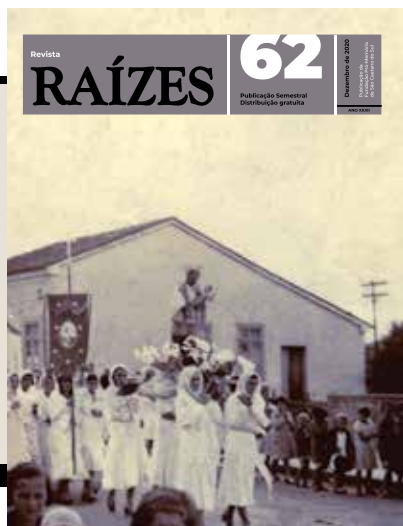
Na seção *Artigos*, a partir de textos elucidativos, poderemos entender como foi o processo de organização escolar e pedagógica da rede municipal infantil que teve início nos anos 1960, e, ainda, acompanhar a instalação das associações de amparo aos imigrantes do Núcleo

Colonial de São Caetano, no final do século 19, diante do surgimento de doenças e das transformações urbanas e cotidianas. A repercussão, em nosso município, das grandiosas comemorações do quarto centenário de São Paulo também ocupa as páginas da revista.

Nas memórias sobre o esporte, registros do desempenho da Associação Desportiva São Caetano no ano de 1992, e do tão esperado título de campeão da divisão principal de futebol de 1971, do Clube Atlético Tamoio. Para finalizar, uma crônica espirituosa marca o lançamento de mais uma publicação de nosso *Projeto Editorial*, a biografia do geólogo Paschoal Giardullo, que trabalhou na Cerâmica São Caetano. Ainda um pouco mais enxuta, mas com muitas histórias contadas. Esta é a edição de número 62 de *Raízes*. Aproveitem! ■

Paula Fiorotti é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul e é editora da revista *Raízes*.

✉ raizes@fpm.org.br



**10**  
CAPA  
**Há 540 anos nascia Gaetano Di Thiene, o santo vêneto que deu nome às terras do Tijucuçu**  
Rodrigo Marzano Munari

**4**  
#HASHTAG

**5**  
ENSAIO  
**O poeta da autonomia**  
Paula Fiorotti

**20**  
CURIOSIDADES

**21**  
RAÍZES E RETRATOS  
**Acervo Oswaldo Hernandez**

**22**  
ARTIGOS  
**As primeiras diretrizes pedagógicas e de organização escolar da educação infantil da cidade de São Caetano do Sul**  
Elaine Becatti  
Paulo Sérgio Garcia

**35**  
ARTIGOS  
**São Caetano do Sul e o IV Centenário da cidade de São Paulo (1954)**  
Cristina Toledo de Carvalho

**40**  
ARTIGOS  
**O subúrbio amanhece entre doenças e mortes**  
Enrique G. Staschower

**49**  
CURIOSIDADES

**50**  
MEMÓRIA  
**Colombina: a usina que nasceu em São Caetano**  
Humberto Domingos Pastore

**54**  
HISTÓRIA ORAL  
**Vincenzo D'Ângelo Um empreendedor italiano em nossa cidade**  
Cristina Ortega

**56**  
HOMENAGEM  
**Antônio José Dall'Anese, uma vida de dedicação e amor a São Caetano do Sul**  
Cristina Toledo de Carvalho

**59**  
HOMENAGEM  
**E o microfone silenciou...**  
Cristina Ortega

**61**  
PERSONAGENS  
**O homem que garimpava palavras**  
Ademir Medici

**72**  
PERSONAGENS  
**Ricardo Rizek: um furacão de possibilidades criativas atingiu a Fundação das Artes**  
Marcos Eduardo Massolini

**78**  
ESPECIAL AUTONOMIA

**85**  
RAÍZES E RETRATOS  
**Acervo Nilton Jorge Vetorazzi**

**86**  
QUEM FOI?

**87**  
MEMÓRIA E AFETO

**88**  
ESPORTES  
**Adeus ao tabu de 27 anos**  
Luiz Domingos Romano

**92**  
ESPORTES  
**Associação Desportiva São Caetano: 1992, rumo à primeira divisão**  
Renato Donisete Pinto

**98**  
POESIAS E CRÔNICAS  
**Quem para a massa parte, faz cerâmica e faz arte!**  
João Tarcísio Mariani

**101**  
CURIOSIDADES

**102**  
NOSSO ACERVO  
**Museu Histórico Municipal**

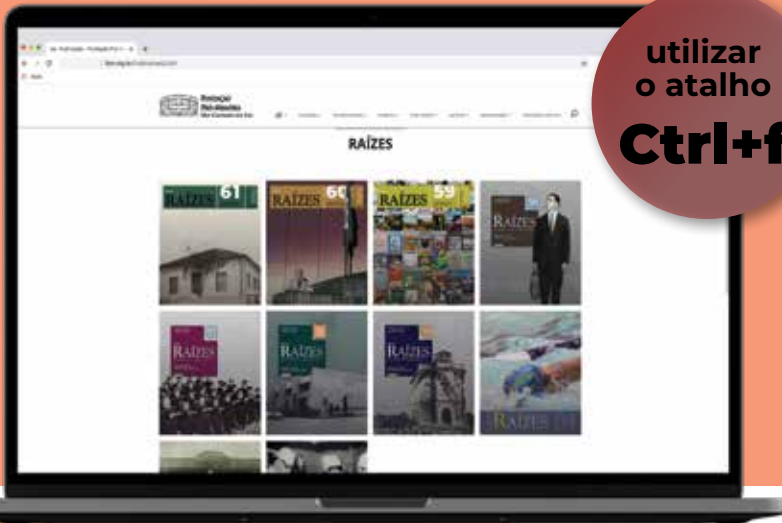
**103**  
NOSSO ACERVO  
**Pinacoteca Municipal**

**104**  
MEMÓRIA  
FOTOGRAFICA

(#) HASHTAG

## Você sabia que todas as edições da revista *Raízes* estão disponíveis no nosso site ([fpm.org.br](http://fpm.org.br))?

É possível visualizar cada número da publicação por completo, fazer o download e, ainda, realizar pesquisas por meio de palavras-chave.



utilizar  
o atalho  
**Ctrl+f**

## HISTÓRIA DOS BAIRROS

Nosso site ainda disponibiliza a história de todos os 15 bairros de São Caetano. Se você é morador do Bairro Mauá, por exemplo, vai descobrir que ele recebeu este nome em homenagem ao Instituto Mauá de Tecnologia.

Os moradores do Olímpico saberão que o ponto mais alto do bairro era chamado, no passado, de “Morro dos Ventos Uivantes”, nome do famoso romance de Emily Brontë.

**Quer saber mais sobre seu bairro?  
Dá uma olhadinha lá!!**



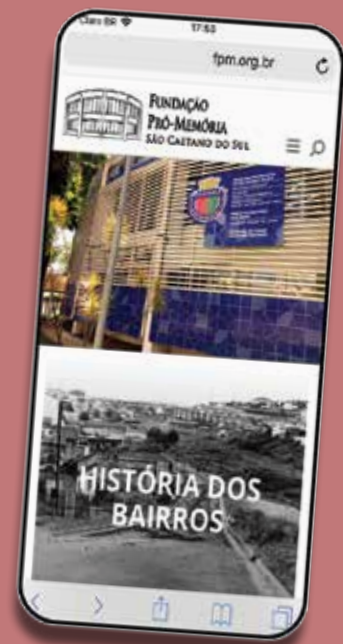
[instagram.com/  
fpmscs\\_oficial](https://www.instagram.com/fpmscs_oficial)



[facebook.com/  
promemoria.caetano](https://www.facebook.com/promemoria.caetano)



**WWW.  
FPM.ORG.BR**



**Você  
também  
pode acessar  
nosso site  
pelo celular!**



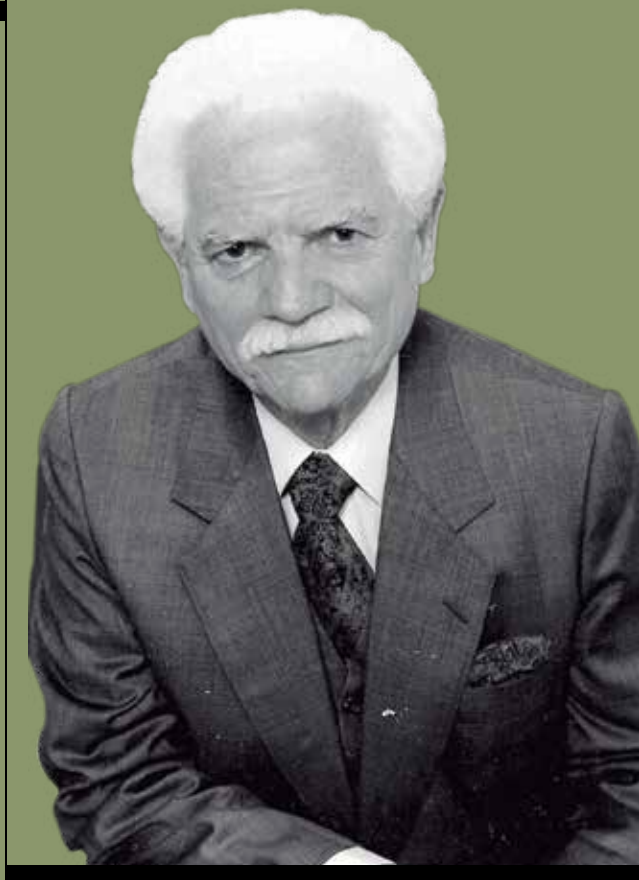


Nascido em 6 de setembro de 1923, Mário Dal'Mas nos deixou no dia 16 de outubro de 2019, aos 96 anos.

Na página anterior: Mário Dal'mas em foto de 2010

# O poeta da autonomia

 Paula Fiorotti



Retrato de Dal'mas na década de 1990



UM SENHOR MUITO SIMPÁTICO, já com os cabelos todos brancos, que vivia caminhando por São Caetano, cheio de autonomia, e de alegria... Assim ficou a imagem de Mário Dal'Mas guardada em minha memória. Sempre se empolgava bastante ao falar sobre a sua cidade, contar suas histórias, seus feitos, e falar sobre o movimento popular de 1948 que levaria o então subdistrito a alcançar sua independência política e administrativa, processo do qual participou ativamente.

A empolgação e a emoção tomavam conta de seu espírito e voz, quando, a cada evento comemorativo da autonomia municipal, recitava o poema *Lembrando a Autonomia*, de sua autoria.

Nascido em 6 de setembro de 1923, Mário Dal'Mas nos deixou no dia 16 de outubro de 2019, aos 96 anos. Um dos fundadores do *Jornal de São Caetano*, participou da criação do Hospital São Caetano e foi líder autonomista. O engenheiro foi fundador da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de São Caetano, e ocupava a cadeira número 13 da Academia de Letras da Grande São Paulo. Dal'Mas é autor dos livros *São Caetano Sentimental* e *Teoria da Relatividade trocada em miúdos*. Além disso, quando jovem, participou ativamente dos grupos teatrais A Turma e Grupo Labore de Teatro.

A revista *Raízes* presta sua homenagem a este grande homem e apresenta novamente o poema *Lembrando a Autonomia*, de que tanto Mário Dal'Mas se orgulhava. O engenheiro, autonomista e poeta chegou a publicar, de forma independente, em anos diferentes, alguns livretos apresentando este trabalho. A única publicação nesta revista aconteceu na edição especial que celebrou os 50 anos do movimento autonomista, em 1998. Portanto, lembremos a autonomia, pelas palavras de Mário Dal'Mas...

## Lembrando a Autonomia

MÁRIO DAL'MAS

São Caetano enfermo.  
Um distrito abandonado,  
Desorganizado,  
Subjugado agonizava.  
Urgia livrá-lo dos grilhões de Santo André.  
Um grito de liberdade espalhava-se pelo espaço,  
Sem eco desvaneceu.  
Frustou-se o primeiro movimento autonomista.  
Bairro da Fundação,  
Bairro de tradição  
Bairro de *Le Scarpe Grosse*,  
Origem da cidade,  
Berço da Autonomia.  
Margeando o brejel do Rio Tamanduateí,  
Uma rua poeirenta,  
A Rio Branco,  
Uma residência.  
Aí renasce a chama da juventude.  
Nasce uma ideia,  
Surge o *Jornal de São Caetano*,  
Um ideal,  
Uma força,  
Uma energia,  
É a esperança.  
Desponta a liberdade,  
É o porta-voz da emancipação político-administrativa,  
É o incendiário dos espíritos do movimento épico.  
Funda-se a Sociedade Amigos de São Caetano,  
empunhando a Bandeira Autonomista.

Reuniões se sucedem,  
Organizam-se os líderes.  
Inicia-se a campanha,  
Embalados ao som da vitória,  
Alegres determinados saem a campo.  
É uma harmonia de trabalho  
Com amor enfrenta a luta,  
Perseguidos,  
Agredidos,  
Caluniados,  
Não esmorecem.  
Há uma meta,  
Há uma decisão,  
Ver São Caetano liberto.  
Afastam o medo,  
Expulsam a dúvida,  
Com o poder da fé,  
Confiantes na vitória,  
A campanha se agiganta.  
O povo é esclarecido.  
Ressurge a consciência da  
tradição,  
Aflora-se a altivez dos nossos  
antepassados, que ergueram a  
cidade.  
Desperta-se o civismo.  
Todos se voltam a nobre causa do  
homem do bem comum.  
Forma-se uma consciência  
popular.  
Agita-se a Bandeira Autonomista  
nos lares.  
O entusiasmo domina a cidade.  
O povo vibra.  
Na Câmara de Santo André, o  
subdistrito abandonado se faz  
presente,

Briosos,  
Valentes,  
Destemidos,  
Enfrentam as forças  
antiautonomistas,  
Ameaçados,  
Não curvam a cabeça.  
Lutam com galhardia.  
Caçam-se mandatos.  
Por direito são reintegrados,  
Com dignidade renunciam.  
Fortalecidos, não desistem de seu  
propósito,  
Lutam denodadamente em prol  
da emancipação.  
Em São Paulo, mais de cinco mil  
vozes sancaetanenses, ressoam na  
Câmara dos Deputados.  
É a representação comprovando  
ser emancipável:  
Tem seu corpo material,  
Possui uma personalidade  
histórica,  
Tem seu potencial industrial.  
O Legislativo ouve o clamor.  
Reconhece a maioria.  
Autoriza o plebiscito.  
Brilha a primeira vitória,  
Uma explosão de alegria envolve  
a população,  
Fruto do trabalho de uma plêiade  
de autonomistas,  
Atentos,  
Firmes,  
Vigiando e defendendo os  
reclamos do povo,  
Escrevendo com seus feitos

luminosas páginas da nossa  
história.  
É a marcha cívica.  
É a chapa branca.  
É a chapa preta.  
A luta se desenha entre o sim e  
o não.  
É o confronto dos contrários,  
É a liberdade,  
É a escravidão,  
É o progresso,  
É a regressão,  
O povo diante do sim e do não,  
Com fé e esperança aguardam o  
plebiscito.  
24 de outubro de 1948.  
Domingo.  
Ao som de pássaros cantores, a  
cidade desperta.  
Linda! Calorosa e alegre manhã.  
Brilha o sol,  
Radioso céu azul!  
O povo com o coração  
transbordando de emoção,  
Solta o grito,  
O grito da salvação,  
O sim da libertação.  
A autonomia adquire corpo e  
vida.  
É a tarde da vitória.  
Crepúsculo,  
A noite chega languidamente,  
O céu suavemente cerra as  
pálpebras,  
A luz prateada da Lua,  
emoldurada pelo véu das estrelas,  
abraça a cidade.

Sucedem-se os dias.  
Ansiosamente o povo espera a  
homologação.  
Véspera de natal.  
A justiça e a paz se entrelaçam,  
Da terra surge a verdade,  
Do céu a justiça lança seu olhar,  
enviando o presente a merecer.  
Corações tocados, que alegria!  
Abraços,  
Euforia,  
Que a notícia da assinatura vem  
trazer,  
A confirmação.  
Materializa-se o sonho.  
É a criação do município,  
Renasce novo São Caetano,  
Resplandece São Caetano do Sul.  
Ocupa seu trono.  
Dirige seu próprio destino.  
Comanda sua política.  
Ordena a vida jurídica.  
Estrutura sua administração.  
É a festa do triunfo,  
Canta o sino do campanário  
anunciando a vitória.  
É a missa em ação de graça.  
Clubes e grupos escolares  
desfilam garbosamente,  
Rufam os tambores,  
Gritam os clarins das fanfarras,  
Gemem as sirenes,  
Troam as baterias,  
No corso o fonfonar dos veículos.  
Gente nas janelas acenando  
lenços.  
A música,

O povo dança,  
Empoando o ar.  
É um furacão de contentamento,  
Brilha a alegria nos olhares,  
Todos se cumprimentam.  
Palmas vivas ressoam pelo espaço.  
Nos bares e clubes o brinde a  
cervejada.  
A festa adentra pela madrugada,  
No horizonte surge mansamente  
o astro-rei, colorindo as nuvens  
em tons róseos.  
Os raios dourados acarinhos os  
ramos das árvores, que bailam  
animados por suave brisa.  
É a natureza esfuziante em festa,  
que jubilosa ao município vem  
saudar.  
Quietude.  
Paz.  
Hora da construção.  
Vereadores ocupam as cadeiras da  
primeira Câmara.  
Elege-se o primeiro prefeito,  
Capaz,  
Digno.  
Qual a herança recebida?  
Cofres vazios.  
O gabinete  
Uma sala alugada,  
Uma mesa,  
Uma cadeira,  
Papel e caneta,  
Tem uma grande estrutura,  
honradez e trabalho.  
É São Caetano do Sul  
Rompe-se com a inércia do

subdistrito.  
Com os tributos tudo começa a  
ser feito.  
Desenvolve-se o potencial.  
Sucedem-se os mandatários.  
Rasgam-se ruas,  
Instalam-se rede de água e  
esgoto,  
Fazem-se galerias pluviais,  
Asfaltam-se e arborizam-se,  
Constroem-se escolas, hospitais e  
creches.  
Praças e jardins adornam a  
cidade.  
Há o florescimento cultural!  
Surgem teatros e auditórios.  
Valorizam-se as áreas!  
A construção civil se desenvolve,  
Os telhados vermelhos começam  
a desaparecer,  
Prédios verticalizam a cidade.  
As casas comerciais se  
modernizam.  
O perfil da cidade se transforma.

**É o povo construindo  
com amor, a grandeza de  
São Caetano do Sul,  
O príncipe dos novos  
municípios. ■**

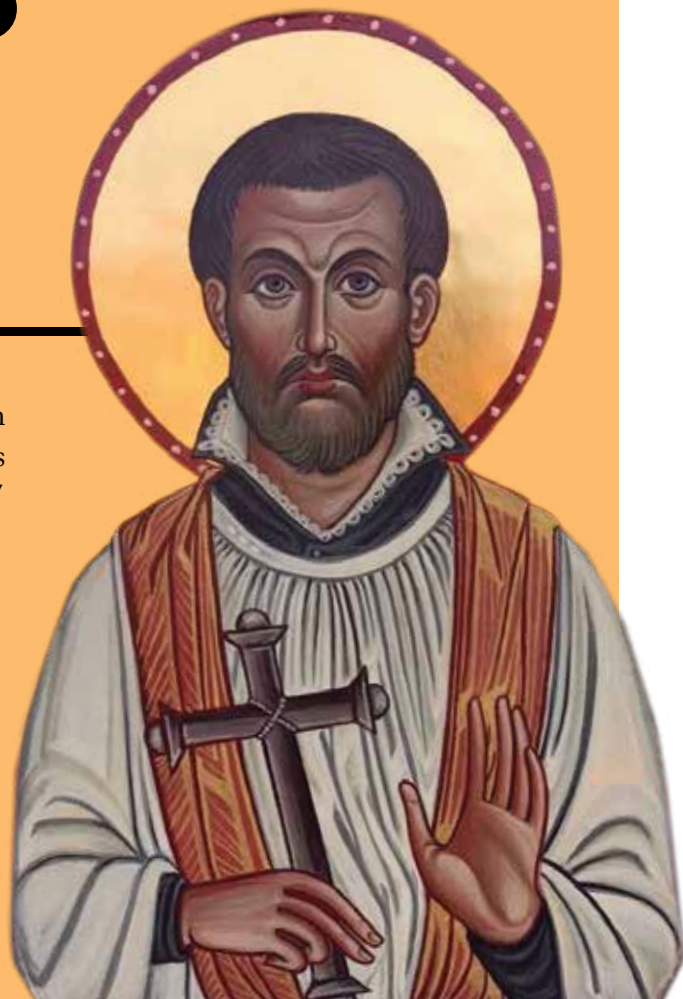
---

# Há 540 anos nascia *Gaetano* *Di Thiene*, o santo vêneto que deu nome às terras do Tijucuçu

☰ Rodrigo Marzano Munari

**DO VÊNETO AO TIJUCUÇU** – As pessoas que conhecem um pouco da história do município devem saber que os monges da Ordem de São Bento, entre os anos de 1717 e 1720, dedicaram a São Caetano Di Thiene uma capela erigida em terras de sua fazenda no bairro do Tijucuçu (antiga denominação, de origem tupi, de parte do território hoje pertencente à cidade de São Caetano do Sul).

Há razões para crer que a escolha daquele santo italiano – e proveniente da região do Vêneto – não foi determinada por circunstâncias fortuitas, uma vez que ela é reveladora da identificação que os monges vislumbravam entre São Bento, o fundador de sua Ordem, e o santo de Thiene, que foi um dos fundadores de outra congregação religiosa, a Ordem dos Clérigos Regu-



lares (conhecidos como Teatinos). Naquele cenário bucólico, onde, afora os sons da natureza, só se podia ouvir o murmúrio ritmado das orações e dos cânticos sacros, os monges edificaram, no século 18, uma verdadeira indústria cerâmica (produtora de telhas, tijolos, louças, lajotas), concretizando de forma muito significativa o lema que os orientava: *Ora et labora* (reza e trabalha)<sup>1</sup>.

São Caetano, o “Santo da Divina Providência”, patrono do pão e do trabalho, ainda hoje muito popular em diversos países da Europa e da América Latina, devia ser sobremaneira venerado pelos monges beneditinos, que cultivavam e cultivavam a contemplação associada ao valor primordial do trabalho; entendendo-se que este, ao mesmo tempo em que se opõe à imprevidência e ao ócio, obtém sustento e força da providência divina, que não deixa de alimentar as aves do céu e vestir os lírios do campo (Mt 6,26-29)<sup>2</sup>. No início do século 18, naquelas várzeas alagadiças, cujas terras próximas eram povoadas apenas por algumas famílias e moradores nascidos no lugar e por índios descidos dos sertões pelas expedições bandeiristas, os chamados negros da terra, que eram escravizados (e que também seriam utilizados como mão de obra

nas fazendas beneditinas, na condição de índios administrados<sup>3</sup>), como não haviam de se fiar na providência divina aqueles monges piedosos e empreendedores? O mínimo que se pode dizer é que, em tais condições, muito trabalho havia pela frente.

**O Santo da Providência, patrono do pão e do trabalho** – Gaetano (conforme a grafia original), pertencente à nobre família Thiene, filho do Conde Gaspar Di Thiene e da Condessa Maria Di Porto, nasceu em Vicenza, na região do Vêneto (Itália), no mês de outubro de 1480. As palavras

São Caetano, o “Santo da Divina Providência”, patrono do pão e do trabalho, ainda hoje muito popular em diversos países da Europa e da América Latina, devia ser sobremaneira venerado pelos monges beneditinos, que cultivavam e cultivam a contemplação associada ao valor primordial do trabalho (...)

“Di Thiene”, portanto, referem-se ao sobrenome da abastada família a que pertencia Caetano, o qual nasceu em um povoado que somente mais tarde, depois da morte do religioso, tornou-se uma comunidade autônoma e recebeu o nome de Thiene<sup>4</sup>. Esta cidade, localizada na província de Vicenza, foi considerada coirmã – e é hoje *città gemellata* – do município de São Caetano do Sul durante a segunda administração do prefeito Hermógenes Walter Braido, por lei municipal de 30 de junho de 1976.<sup>5</sup> Assim, pode-se denominá-lo Caetano di Thiene (com letra “d” minúscula) caso se queira destacar a atual cidade cuja denominação faz memória do santo nascido na localidade.

O que se sabe sobre a biografia de um santo – também conhecida como hagiografia ou narrativa hagiográfica – confunde-se, não raro, com a devoção popular que se estabelece em relação à sua figura. Segundo a tradição católica, Caetano Di Thiene encontrou em sua família profundamente religiosa, sobretudo no seio de sua mãe, as condições favoráveis para cultivar a santidade fundamental recebida através do batismo e abraçada por meio do fiel seguimento a Jesus Cristo, que o chamava a viver na busca perpétua e incessante daquela santidade – primeiro no estado laical e, depois,

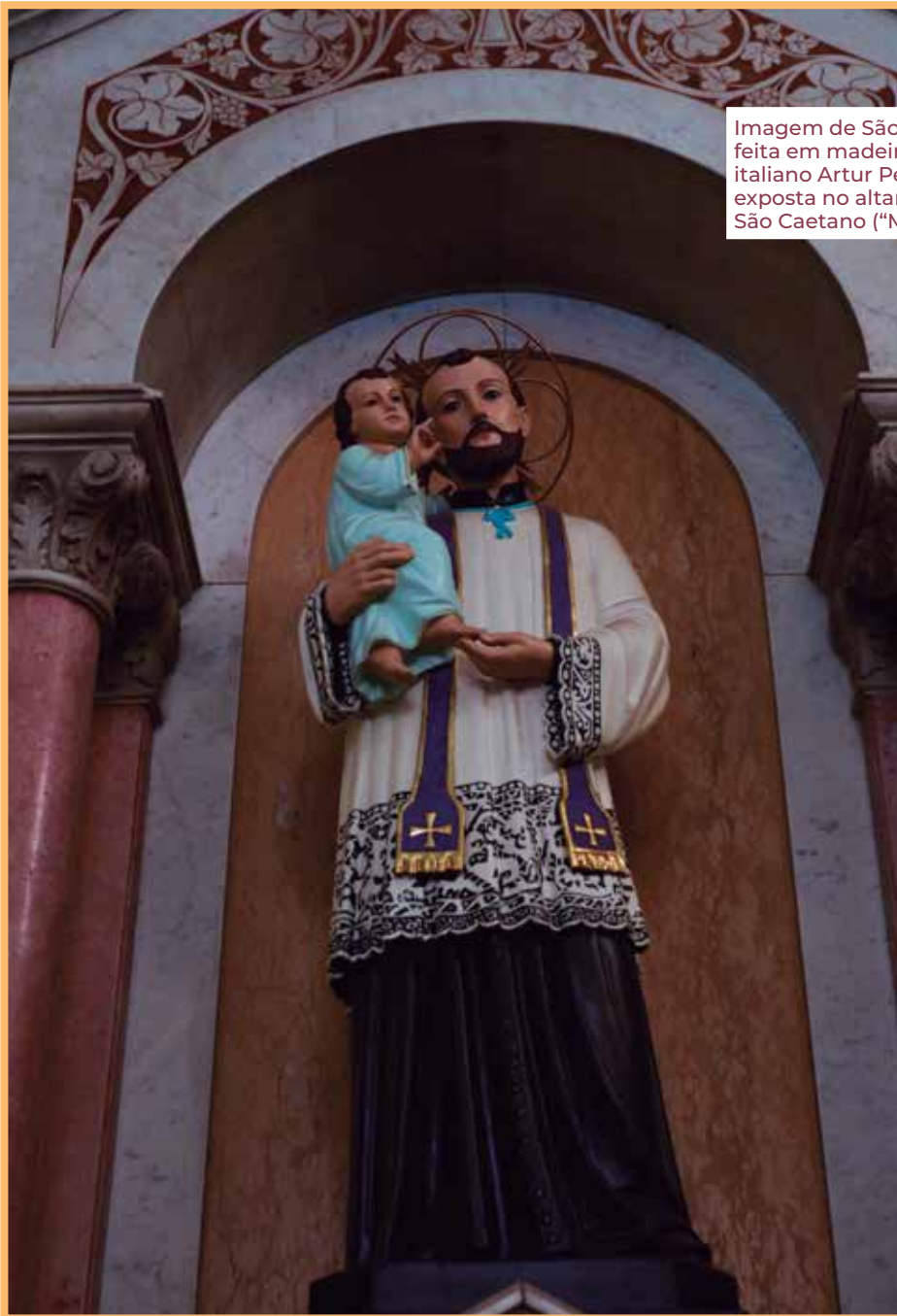


Imagem de São Caetano Di Thiene, feita em madeira pelo escultor italiano Artur Pederzoli, em 1945, e exposta no altar-mor da Paróquia São Caetano ("Matriz Velha")

apostólicas), recebendo a dignidade de protonotário apostólico nos pontificados de Júlio II e Leão X. Juntando-se ao chamado Oratório do Divino Amor, também na capital italiana, e exercendo o apostolado em outras confrarias laicais, sobretudo nas cidades de Vicenza (sua terra natal), Verona e Veneza, Caetano renovou o espírito dessas associações piedosas, levando seus membros à oração em comum, à meditação das Sagradas Escrituras e à valorização dos sacramentos, que deveriam ser recebidos frequentemente; exercícios que se manifestavam, de maneira muito clara, pela caridade para com os doentes, principalmente os denominados incuráveis (para os quais fundou hospitais e asilos), e os pobres, pois, como ele dizia, "as almas purificam-se não com o fervor do afeto mas com o do efeito"<sup>7</sup>.

Caetano Di Thiene foi ordenado sacerdote no ano de 1516. Vivendo na Europa de Martinho Lutero, uma das figuras centrais da chamada Reforma Protestante, Caetano empenhou-se na missão de reformar os costumes do clero, idealizando uma forma de restaurar na igreja católica de seu tempo o modo de viver dos apóstolos

na vida sacerdotal e religiosa. Desde criança, influenciado por sua progenitora, Caetano manifestou clara inclinação para a vida de oração e para as obras de caridade. Como aluno da Universidade de Pádua, um dos maiores centros intelectuais da Europa na época, doutorou-se em "ambos os direitos", o Civil e o Canônico, quando tinha por volta de 24 anos de idade. E pouco tempo depois escolheu receber a sagrada tonsura<sup>6</sup>, pela qual obedecia a um chamamento íntimo para o estado eclesiástico.

Estabelecendo-se em Roma, no início do século 16, o religioso pôde prestar diligentes serviços à Cúria Romana como redator das cartas pontifícias (ou

de Jesus Cristo. Foi com esse intuito e obedecendo à inspiração divina que, com mais três companheiros – João Pedro Carafa, bispo teatino e pouco depois papa com o nome de Paulo IV, Bonifácio de Colli e Paulo Consiglieri –, ele fundou a Ordem dos Clérigos Regulares, conhecidos como Teatinos, no dia 14 de setembro de 1524. Manifestando grande desdém pelas coisas mundanas e irrestrita confiança na divina providência, Caetano e os outros fundadores da Ordem procuravam viver segundo o espírito da primitiva comunidade apostólica, sem acumular bens ou patrimônio, sem riquezas ou rendimentos fixos que não fossem os proventos do ministério sagrado e as esmolas oferecidas espontaneamente pelos fiéis. Não é por outra razão que São Caetano é comumente invocado como o Santo da Providência, que não deixa o pão e o trabalho faltarem àqueles que o procuram em suas aflições.

O santo também é conhecido por sua veneração ao Natal de Jesus e à Sagrada Família, devendo-se enfatizar sua associação com a devoção à Virgem Maria. Por esse motivo é que certa iconografia representa São Caetano recebendo o menino Jesus em seus braços, tal como fora oferecido pela mesma Virgem, o que tem por fundamento a narração de uma experiência mística ocor-

rida na Basílica de Santa Maria Maior, de Roma, no Natal de 1517.<sup>8</sup> A isso ainda se relaciona uma curiosidade referida à biografia do religioso. Domingo Glenir Santarnecchi, dedicando-se ao estudo da vida do santo de Thiene durante muitos anos, descobriu que um livro editado em Veneza – *Vita di San Gaetano*, de Antonio Rambaldo –, em 1726, revela que o “presépio moderno”, como é feito atualmente, fora uma criação de Caetano Di Thiene. Este santo teria introduzido (além das imagens do menino Jesus, de Maria e José, que constam do presépio originalmente concebido por São Francisco de Assis, no século 13) outras figuras na tradicional representação do nascimento de Cristo, como os três reis magos, os animais e os anjos. Conta essa tradição que, depois de montado o presépio por São Caetano em uma igreja de Nápoles, onde morava, o costume teria se espalhado, nas igrejas e residências dos fiéis, por toda a Itália e, paulatinamente, para o resto do mundo.<sup>9</sup>

Caetano Di Thiene morreu pobre e exaurido por uma vida de intensa atividade no dia 7 de agosto de 1547, em Nápoles, onde repousam seus restos mortais (Basílica de São Paulo Maior). Beatificado em 1629, foi canonizado (proclamado Santo) pelo papa Clemente X, em 1671. Por ocasião do quinto centenário de seu nascimento, em 1980, o papa

João Paulo II, em *Carta aos Teatinos*, tratou de destacar algumas das virtudes que fazem de São Caetano um exemplo a ser imitado pelos fiéis católicos:

Foi verdadeiramente adornado de espírito sacerdotal, empenhadíssimo em renovar assiduamente “o homem interior”, para melhor servir ao amor de Deus e do próximo, no que está a verdadeira perfeição; procurou verdadeiramente, com infatigável ardor, renovar a Igreja do seu tempo, “sempre necessitada de reforma”; recorreu sincera e fortemente às puras fontes do Evangelho e à maneira de viver dos Apóstolos e dos discípulos do Senhor, seja na prática da pobreza particular e comum, seja na maneira de viver dos cristãos, unidos pelo vínculo do amor de Cristo, para terem um só coração e uma só alma; empenhou-se instantaneamente na beleza da Casa de Deus e no digno ministério litúrgico, cuja celebração estava particularmente ao cuidado da sua família religiosa; sem descanso serviu aos doentes, aos pobres, aos abandonados, aos empestados e atacados por doenças molestas e semelhantes calamidades; finalmente entregou-se confiadamente à providente bondade do Pai celeste, que exorta o homem a receber, esperar e procurar obter as coisas que ultrapassam o sentido deste século, que só pensa na utilidade e foi repreendido pelo Concílio Vaticano II; porque brilhou por estes louvores e por outras propriedades de espírito,



Registro fotográfico do dia 13 de junho de 1908, dia de Santo Antônio, santo muito querido e festejado pelos italianos e seus descendentes. Supõe-se que praticamente toda a população da localidade achava-se presente, em frente à igreja em construção (Matriz Velha). Era o início do período de festividades que, segundo os relatos de que dispomos, só se encerraria com a festa do padroeiro, São Caetano, em 7 de agosto

São Caetano não sem motivo pode ser proposto aos fiéis para imitação.<sup>10</sup>

**O santo, a cidade e suas festas centenárias** – Renato Bellucci, em seu opúsculo comemorativo do cinquentenário da inauguração do Núcleo Colonial de São Caetano, em 1927, comentou que os primeiros colonos italianos, aqui chegados em 28 de julho de 1877, devem ter ficado abismados quando souberam que a fazenda a eles des-

tinada chamava-se São Caetano! Afinal, não se tratava de um “mundo novo”? O processo duro e traumático de separação da terra natal em busca do estabelecimento em uma pátria tão longínqua e diversa, se não foi amenizado por esta simples circunstância, deve ter sido, certamente, reinterpretado em face do que se afigurava como um sinal de alento para aqueles imigrantes que conservavam acesa a chama da fé que traziam do “Velho Mundo”:

O próprio lugar onde fixariam sua estrada (estada), embora com ligeira alteração, era nome de velho conhecido: S. Caetano Thiene! O seu S. Caetano! Era da sua terra, italiano: mais, como a maioria deles, era vêneto. E a este seu sentimento mais delicado e profundo, o sentimento religioso, deviam sentir-se encorajados, recebendo a grata impressão, que mesmo no meio de tanta novidade que esperava, algo eles conservariam que os prendia ao mundo velho, às suas mais queridas tradições: a sua Religião!<sup>11</sup>



Os colonos italianos aqui encontraram, em 1877, a capela barroca (e já reformada e ampliada) que os monges beneditinos dedicaram a São Caetano em 1717. Uma capela relativamente pequena, ainda que não totalmente destituída da antiga beleza pelo peso dos anos e pelo estado de abandono em que jazia há algum tempo. O que é certo, porém, é que esses imigrantes organizariam seus primeiros e difíceis anos em torno daquele templo secular, referência central e praticamente obrigatória de todos os eventos e personagens que comporiam a história da localidade até a construção de uma nova igreja no mesmo lugar (atual Paróquia

São Caetano, também conhecida como Matriz Velha), durante a primeira década do século 20. Festas memoráveis ali se realizaram em louvor ao santo padroeiro da comunidade. Já em 1879, por iniciativa dos próprios colonos, foi fundada a Irmandade de São Caetano, cujo calendário religioso era regulado pela festa de São Caetano, em 7 de agosto, dia em que a mesma irmandade se encarregava de fazer “Missa cantada e mais atos de adoração e festividade que puder e quiser fazer o Provedor e Provedora”.<sup>12</sup> Uma entidade que, a fim de satisfazer suas finalidades religiosas e caritativas, precisava movimentar-se para angariar recursos, já que não bastavam as

contribuições dos seus irmãos e irmãs beneméritos, fundadores e contribuintes. Entre seus objetivos, encontrava-se a reforma e manutenção da velha capela. Assim começaram, anualmente, as grandes festividades religiosas que movimentaram a São Caetano de fins do século 19 e primeiras décadas do século 20.<sup>13</sup>

Um relato do jornal *A Província de S. Paulo*, de agosto de 1884, fornece significativo exemplo do esplendor de uma dessas festas, bastante procuradas, inclusive, por pessoas de fora do Núcleo Colonial, que chegavam da capital por trens especiais oferecidos pela São Paulo Railway Company, com preços das passagens reduzidos,

Registro de uma das grandiosas procissões realizadas no Bairro da Fundação. Vemos, ao centro, o padre Alexandre Grigolli. Foto da década de 1920



Acervo/FPMSCS



Procissão de São Caetano na década de 1930. Em destaque, as Filhas de Maria carregando o andor com o santo padroeiro da localidade pelas ruas do Bairro da Fundação



Procissão na Rua 28 de Julho (Bairro da Fundação), em foto da década de 1930. As Filhas de Maria, em procissão, carregam o andor de Santo Antônio. Ao fundo, a Paróquia São Caetano ("Matriz Velha")

para os romeiros que desejassem ingressar nos festejos:

Terminaram no domingo as festas de São Caetano, naquele núcleo colonial. / Constaram de missa cantada, sermão, procissão, fogos, leilão de prendas, etc., etc. / A estrada de ferro emitiu naquele dia, nas estações da Luz e Brás, cerca de 3 mil bilhetes para outros tantos romeiros. / O aspecto da colônia era agradável; toda a área achava-se coberta de arcos, havendo espalhadas diversas barracas onde se vendiam iguarias, jogavam-se o búzio e outros jogos. / À porta da capela estava levantado o coreto,

onde a Sociedade Vinte e Quatro de Maio executou peças de seu repertório e de onde foram apreoadas as prendas do leilão. / Os habitantes da colônia mostravam-se satisfeitos e era agradável ver-se o grupo das guapas moçoilas ali residentes passeando alegres e contentes de si. / A Colônia de São Caetano parece que será em breve uma nova povoação paulista de certa importância (...).<sup>14</sup>

Alguns festejados memorialistas nos deixaram belos relatos sobre a ocorrência dessas festas, amiúde muito concorridas, ao longo das primei-

ras décadas do século passado. Eles nos falam de um período de comemorações religiosas e sociais que tinha início, a bem da verdade, com a festa de Santo Antônio (13 de junho), prolongando-se durante toda a época das festas juninas, com quermesses realizadas aos finais de semana, incorporando, a partir de certa data não exatamente identificada, o dia da "fundação" da localidade (28 de julho) e se estendendo até o dia do padroeiro, São Caetano Di Thiene, em 7 de agosto. Nicola Perrella, em seu livro de memórias, é quem melhor sintetiza o espírito que presidia a essas festividades:

As festas juninas aproximavam-se para gáudio de nossa gente, era a festa de Santo Antônio, festa de S. João, a grande festa de S. Pedro e por fim, a inesquecível festa do Padroeiro. Eram dias festivos realmente, eram semanas que se passavam em festas, eram meses que se festejavam, mas, naturalmente, tudo era festejado após a luta diária de nossos trabalhos. S. Caetano engalanava-se, ficava todo festivo e nossa gente sentia-se alegre e feliz com isso.<sup>15</sup>

As crônicas de Manoel Cláudio Novaes, reunidas no livro *Nostalgia*, dão também um expressivo testemunho da grandiosidade e do significado de que se revestiam, para a população da localidade, as antigas festas de São Caetano. O autor aponta que, a partir de 1924, quando foi

criada a Paróquia de São Caetano, os festejos comemorativos do 28 de julho associaram-se à festa religiosa em louvor a São Caetano e “ganharam maior dimensão”<sup>16</sup>. As comemorações atingiram seu “ápice”, por assim dizer, em 1927, por ocasião do cinquentenário da fundação do Núcleo Colonial, e foram capitaneadas pela Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli (criada em 1892), que tomava o encargo de organizar e promover, anualmente, os concorridíssimos eventos cívicos e religiosos que envolviam a data solene.

Com o passar dos anos e as transformações socioeconômicas pelas quais passou a localidade, onde as pequenas plantações e as olarias domésticas cederam lugar às fábricas e, em breve tempo, às grandes indústrias, não só a festa do padroeiro, já integrada (e, em certa medida, ocultada) aos festejos do 28 de julho, vai aos poucos desaparecer da cena pública (especialmente após a criação do município de São Caetano do Sul, em 1948)<sup>17</sup>, como também o próprio São Caetano, o santo patrono do pão e do trabalho, vai perder seu lugar no imaginário religioso da população local. Nessa nova realidade, como bem expressou o professor José de Souza Martins, “o novo trabalho da indústria nada tem a ver com o trabalho medieval do moinho comunitário e do pão eucarístico da refeição familiar e comunal”<sup>18</sup>. Basta por exemplo mencionar



Missa campal celebrada durante a solenidade de inauguração do Monumento a São Caetano, obra do artista José Bernardo Salazar, em 7 de agosto de 1991, no Espaço Verde Chico Mendes

"Muito mais recentemente, no ano de 1993, um evento, nas palavras do ilustre e saudoso Oscar Garbelotto, “marcou o ressurgimento de uma tradição centenária para São Caetano.” Garbelotto falava da 1ª Festa Italiana de Rua de San Gaetano (...)

que uma data importante, o 7 de agosto de 1947, ocasião do quarto centenário da morte de São Caetano Di Thiene, passou, segundo o *Jornal de São Caetano*, “quase que despercebida em nossos meios (com exceção da igreja católica, é claro)”<sup>19</sup>. Em outra matéria, esta dedicada aos 500 anos do nascimento de São Caetano, em 1980, afirmava-se que a festa do padroeiro, até 1945 (aproximadamente) o acontecimento mais importante da localidade, após essa data “foi caindo paulatinamente no esquecimento e hoje nem festa mais existe e nem tampouco procissão”<sup>20</sup>.

Muito mais recentemente, no ano de 1993, um evento, nas palavras do ilustre e saudoso Oscar Garbelotto, “marcou o ressurgimento de uma tradição centenária para São Caetano”:

A emoção tomou conta da enorme multidão participante da procissão em homenagem ao santo que deu nome à cidade. Era perceptível este sentimento aumentado à medida que o grande cortejo religioso, precedido pelo andor iluminado de São Caetano, aproximava-se da velha matriz. Homens e mulheres – muitos deles recordando a infância transcorrida no bairro da Fundação, a velha Barra Funda – não puderam impedir lágrimas emocionadas. Entre esses, lado a lado, os primos João Garbelotto e Mario Dal’Mas, ambos nascidos na Fundação na década de 20. Com certeza, lembravam, saudosamente, as grandes festas do passado...<sup>21</sup>



1ª Festa Italiana de Rua de San Gaetano, realizada em 1993, no governo de Antonio José Dall'Anese. Em destaque, a Paróquia São Caetano, ao redor da qual aconteciam as antigas festas do padroeiro e as atuais festas italianas

Garbelotto falava da 1ª Festa Italiana de Rua de San Gaetano, hoje denominada Festa Italiana de São Caetano do Sul, que acontece anualmente, no mês do santo padroeiro (agosto), e já completou 27 edições na cidade<sup>22</sup>. A sua 28ª edição não pôde ser realizada em 2020 devido à pandemia de Covid-19. Mas a festa há de continuar. Não como as festas que nossos antepassados realizavam e que pertencem, definitivamente, ao domínio dos tempos idos e à memória de uma época transata. Embora hoje as grandiosas procissões e missas cantadas não componham a programação do evento, que já não é caracteristicamente religioso, as atuais festas italianas do Bairro da Fundação permitem estabelecer, por meio de um fecundo exercício mental, uma espécie de ponte imaginária entre o antigo Tijucuçu, onde os monges de São Benito construíram sua capela e fazenda, o Núcleo Colonial ali fundado e festejado pelos colonos e seus descendentes, e o padroeiro da cidade, São Caetano Di Thiene, santo venerado nessas mesmas terras há mais de 300 anos. ■

#### Notas

- <sup>1</sup> Cf. MARTINS, José de Souza. O 3º Centenário da Capela de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 55, pp. 6-28, ago. 2017.
- <sup>2</sup> BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1714.
- <sup>3</sup> Cf. MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Caetano (1598-1871)*. São Caetano do Sul: Associação Cultural, Recreativa e Esportiva Luís Gama/Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de São Caetano do Sul/CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1988.
- <sup>4</sup> SANTARNECCHI, Domingo Glenir. *São Caetano Di Thiene – O Santo que deu nome à cidade*. São Caetano do Sul; São Paulo: All Print Editora, 2010, p. 53-56.
- <sup>5</sup> LEI N. 2.333, de 30 de Junho de 1976. "Considera a cidade de THIENE, da ITÁLIA como cidade co-irmã de São Caetano do Sul e dá outras providências". Legislação Municipal de São Caetano do Sul. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/5281/leis-de-sao-caetano-do-sul>.
- <sup>6</sup> Corte rente de parte do cabelo, geralmente de forma arredondada, que antigamente distinguia os clérigos e certos religiosos. A entrada na clerezia fazia-se com o rito *prima tonsura*. Cf. [http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id\\_entrada=1891](http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1891).
- <sup>7</sup> CARTA do Papa João Paulo II aos Teatinos por ocasião do quinto centenário de nascimento de São Caetano de Thiene. Palácio do Vaticano, 7 ago. 1980. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19800807\\_mons-tuCCI.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1980/documents/hf_jp-ii_let_19800807_mons-tuCCI.html).
- <sup>8</sup> A respeito, cf. pequena biografia de São Caetano no site da Ordem dos Clérigos Regulares Teatinos: <https://teatinos.org/pt-br/sao-caetano/>.
- <sup>9</sup> SANTARNECCHI, op. cit., p. 30.
- <sup>10</sup> CARTA aos Teatinos, citada em nota anterior (n. 7).
- <sup>11</sup> BELLUCCI, Renato. *Pagine di verita e di vita* (Cinquant'anni di storia della popolazione di São Caetano). São Paulo: Tipografia de l'Argus, 1927, p. 14.
- <sup>12</sup> Apud MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, p. 152.
- <sup>13</sup> Cf. GARBELOTTO, Oscar. O Núcleo Colonial e sua evolução vista pelas Festas de São Caetano (1883-1927). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 15, pp. 18-24, jul. 1997.
- <sup>14</sup> Apud MARTINS, José de Souza. *Diário de uma Terra Longtana*: Os "faits divers" na história do Núcleo Colonial de São Caetano. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 143.
- <sup>15</sup> PERRELLA, Nicóla. *Entre as "tórvas" de S. Caetano*. São Paulo: Edições Alarico, 1961, p. 74.
- <sup>16</sup> NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1991, p. 42.
- <sup>17</sup> *Ibidem*, p. 3.
- <sup>18</sup> MARTINS, *Diário de uma Terra Longtana*, op. cit., p. 20.
- <sup>19</sup> JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano III, n. 54, 25 jul. 1948, p. 11. Acervo da FPMSCS.
- <sup>20</sup> JORNAL DE SÃO CAETANO DO SUL, São Caetano do Sul, ano V, n. 354, 26-28 jul. 1980, 2º caderno, p. 3. Acervo da FPMSCS.
- <sup>21</sup> GARBELOTTO, Oscar. A centenária festa do padroeiro da cidade: São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, jan. 1994, p. 36.
- <sup>22</sup> O evento foi criado no primeiro ano do governo do prefeito Antonio José Dall'Anese (1993-1996), como parte integrante do calendário de festejos do 116º aniversário da cidade.

Rodrigo Marzano Munari

é historiador. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), onde é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social. É autor do livro *Deputados e delegados do poder monárquico: eleições e dinâmica política na província de São Paulo (1840-1850)*, publicado pela Editora Intermeios em 2019. Membro da Comissão Pró-Memória Histórica da Diocese de Santo André e assessor de difusão cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atua na área de pesquisa.

## **As festas em louvor a São Caetano, de inícios do século 20, nas palavras de um memorialista**

Dentro da velha Igreja, o sacerdote postado em frente à grande nave, abençoava tudo e a todos. Os sinos, de vez em quando repicavam lá no alto da torre, dobravam badaladas da grande festa, era a procissão que ia ter início, era a marcha da fé que ia ser começada. A banda mantinha-se quieta, o leiloeiro não mais gritava para o lance do leilão, e, a um só tempo, em todo esse instante, todos pareciam compreender que havia chegado o momento de voltarem suas vistas para o céu, e, enquanto os sinos badalavam, muitas mãos eram levadas à testa e ao peito, era o sinal da cruz entre toda uma prece voltada ao nosso Padroeiro.

O lusco-fusco do entardecer, ia cobrindo com seu manto escuro todo o dia claro de nosso “S. Caetano de Ontem”, aquele vozerio e gritarias não se ouviam, era a plenitude calada, era o último dia festivo desse ano, era o derradeiro dia em festa que transitava por toda aquela gente de “ontem”, era mais um dia de saudades que ficava por todo este nosso S. Caetano.

A massa compacta de nossa gente, ia tomando lugar em frente à Igreja para a marcha da procissão. Eram velhos e moços que acendiam suas velas dentro de uma forma de saquinho de papel, as falas emudeciam nesse instante, apenas murmúrios em voz baixa. A imagem do Santo Padroeiro aparecia pelos umbrais da grande porta da Igreja. Homens, mulheres e crianças baixavam-se nesse momento, entre todos um só respeito, a imagem de S. Caetano era então recebida entre toda aquela multidão com grande salva de morteiros, a bateria artificial irrompia estourando barulhentosamente suas bombas saudando a imagem carregada, os rojões riscavam o ar subindo de encontro ao céu e estalando por onde passavam, fumaça com cheiro a pólvora queimada invadia todas as narinas, a festa continuava em seu esplendor.

Lá na frente, moças, todas vestidas de branco entoavam hinos e cânticos sagrados, mais atrás, senhoras de todas as idades formavam o grande coro, como tudo isso era lindo, como lembramos isso tudo com grande saudade, e, finalmente, mais atrás vinham nossas gloriosas bandas musicais, mas, à frente de todos os homens que compunham a enorme procissão.

Em muitas casas, podia-se ver nas janelas, velas acesas e as fachadas todas adornadas com ban-

deirinhas de papel de seda, nossas ruas estavam coalhadas de ambulantes de toda qualidade, eram quinilharias e doces que vendiam, outros negociavam frutas de espécies diversas.

A grande festa encontrava-se em todo seu apogeu, a procissão seguia lentamente pela noite festiva, eram preces e mais preces que se elevavam ao céu dentro da fé e da esperança, era o povo daquele “S. Caetano de Ontem” que caminhava esperançoso para a grandeza deste S. Caetano de hoje.

Os sinos continuavam badalando aquela procissão que seguia, nosso céu parecia ser riscado com a trajetória do rojão que subia, era o povo de nossa terra que ia abrindo as portas dos gonzos endurecidos... Era aquela gente de “ontem” que nos acendia uma luz brilhante, eram eles, que marchavam pelas trevas nos dando o rútilo de nossos dias, e, fora toda aquela gente que, na realidade, abriram-nos as portas do progresso.

“S. Caetano de Ontem”, de todo esse tempo, todos os anos debruçava-se finalizando suas festividades. Após o término da grande procissão, a terra de “Tijucuzú” parecia ficar toda iluminada, eram rojões e mais rojões que subiam lá no alto espoucando e assobiando para todos os lados, os fogos de artifício chiavam e iluminavam todo o espaço de nossa terra. Nesse instante, este lugar do barro e das argilas, este torrão de todos aqueles oleiros parecia tornar-se cintilante, era o fim da festa que se tornava fulgurante.

O espetáculo estava a findar-se, a grande festa do Padroeiro terminava, todos voltavam satisfeitos para suas casas à espera do novo dia... Todos seguiam cantarolando por aqueles caminhos, que na realidade, não eram estradas. Os instrumentos musicais não mais tocariam por algum tempo... Muitos carregavam as prendas arrematadas no leilão, havia também aquele que dera o maior lance para a conquista do beijo... Este, certamente ia pensando nisso... Talvez pensasse mesmo na linda moça...

Dessa forma, a luta para a sobrevivência ia continuar, as festas inesquecíveis parecia ficarem para o olvido... (...) Agora, era a festa do trabalho... Olvidaram aquela... Mas, ficava esta... Era isso, davam o máximo, no roteiro da vida.

**Nicola Perrella, no livro  
Entre as “tórbas” de S. Caetano (1961), p. 80-83.**



### Periquitos em Revista

DESDE OS ANOS 1970, e até o final da década de 1990, uma das tradições da programação dos festejos de aniversário de São Caetano era a apresentação do grupo de patinação artística *Periquitos em Revista*, que sempre acontecia no Ginásio Milton Feijão, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida.

Fundado pelo comendador Hiada Torlay, em 8 de junho de 1954, é considerado o primeiro espetáculo de patinação artística sobre rodas do Brasil. É formado por patinadores amadores da Sociedade Esportiva Palmeiras e tem esse nome em homenagem ao mascote do clube. O objetivo é, ainda, reverenciar o teatro de revista brasileiro.

Ainda em atividade, desde 2003 o grupo faz um trabalho de inclusão social, promovendo a patinação artística para portadores da Síndrome de Down, que integram o elenco do espetáculo. Nas imagens, registros de duas apresentações na cidade, nas décadas de 1970 e 1990.

O local ficava sempre lotado de moradores da cidade para acompanhar o espetáculo, cheio de plumas e cores. ■



Aservo/PMSCS

Aservo/PMSCS

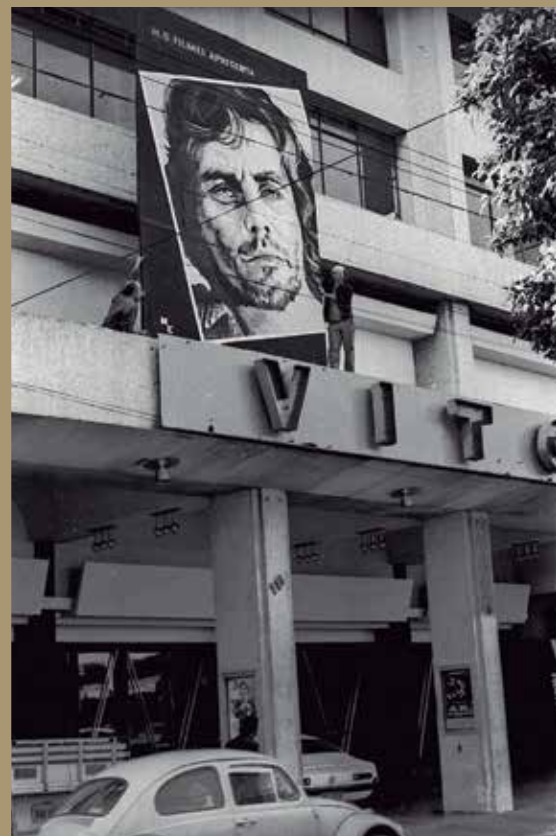
## Acervo Oswaldo Hernandez

Foto/Oswaldo Hernandez



Vista panorâmica do Bairro Centro no ano de 1977. A imagem foi feita do alto de um edifício da empresa Refinadora de Óleos Brasil (atual Vigor), localizado no início da Rua Amazonas

Foto/Oswaldo Hernandez



Fachada do Cine Vitória em 1978 com o cartaz do filme *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia*, no qual destaca-se o ator Reginaldo Faria. O cinema ficava localizado na Rua Baraldi

# As primeiras diretrizes pedagógicas e de organização escolar da educação infantil da cidade de São Caetano do Sul

Elaine Becatti

Paulo Sérgio Garcia

ESTE ARTIGO tem origem em uma dissertação de mestrado que analisou as primeiras diretrizes pedagógicas e de organização escolar da educação infantil<sup>1</sup> da cidade de São Caetano do Sul, a partir da legislação, decretos e leis, e da visão que alguns profissionais que estavam presentes no início da história.

Para lidar com o objetivo deste estudo optou-se pela pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa e descritiva. Este tipo de tratamento busca a compreensão da totalidade das relações sociais. O objeto de estudo se perfaz no ponto de partida da análise. Neste caso, estuda-se o ambiente percorrido pelas pessoas, os documentos e textos escritos e analisam-se os significados e a forma como eles são construídos e compartilhados.

Para Neves (1996), a pesquisa qualitativa usa vários procedimentos que podem ser de cunho racional e intuitivo. Isso acontece para melhor compreender o fenômeno analisado. Os pesquisadores que utilizam essa metodologia bus-





cam integrar o contexto, a opinião dos atores e os ambientes.

Dentro deste estudo foram realizadas duas fases distintas, mas complementares. Na primeira foram identificadas e analisadas as leis, decretos, pareceres, resoluções e publicações em jornais do município, disponíveis na Fundação Pró-Memória e na Secretaria de Educação da cidade. Trata-se, portanto, de fontes primárias para análise.

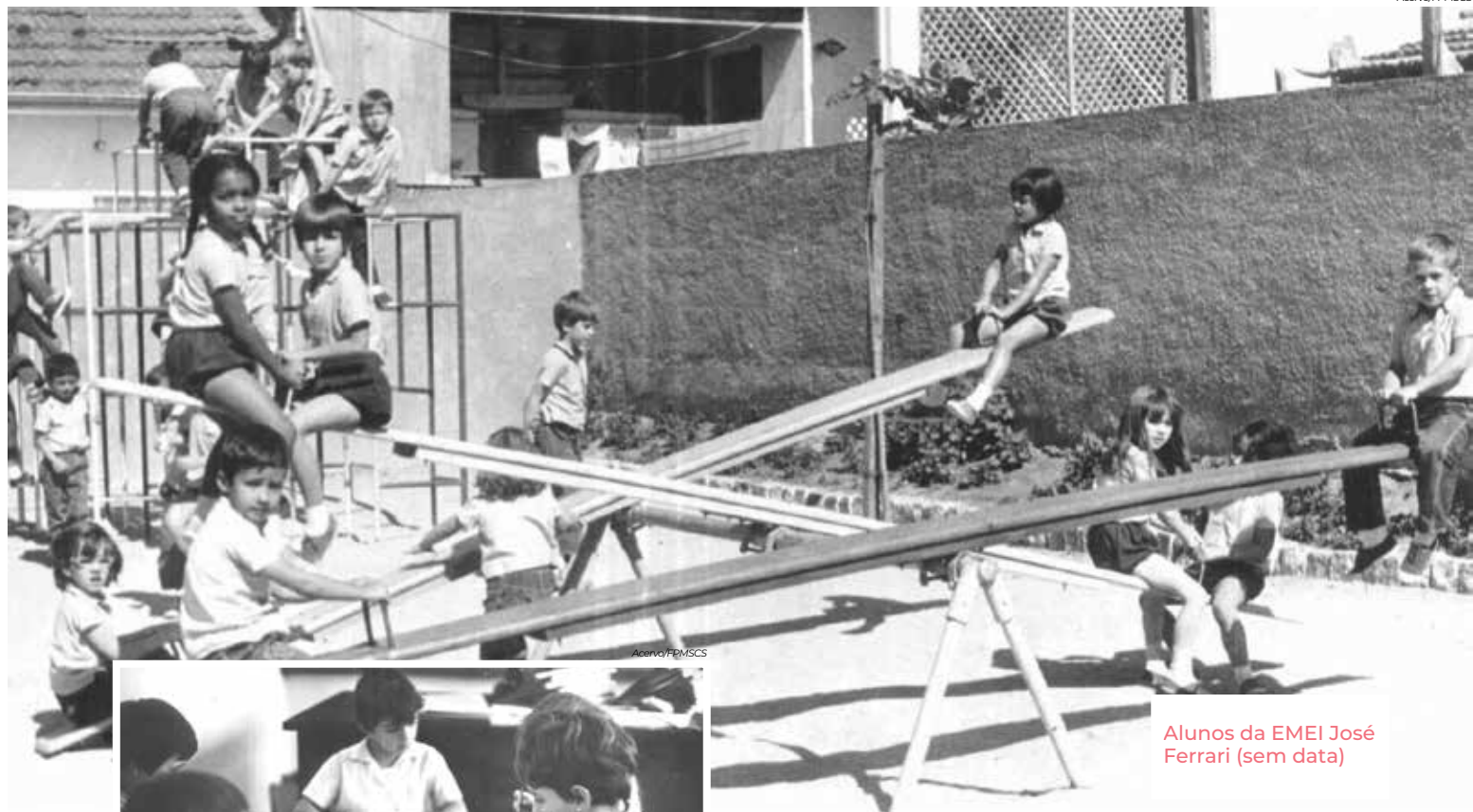
Os documentos coletados para esta fase foram aqueles relacionados à educação infantil do município de São Caetano do Sul período de 1961 a 1985. Tal recorte se prendeu ao fato de que o primeiro documento, o decreto nº 1.047, foi publicado em 1961, e no ano de 1985 foi publicado o primeiro *Regimento Interno Funcional das Escolas Municipais de Educação Infantil*, um documento que regulou e normatizou questões que ainda estavam pendentes nos textos anteriores em relação à organização escolar e pedagógica.

A coleta de dados envolveu 30 decretos e 25 leis referentes à estrutura organizacional e pedagógica da educação infantil da cidade. Todavia, foram selecionados para análise aqueles que mais contribuíam com os objetivos deste estudo. São eles os decretos nº 1.047, 2.337, 2.562, 3.101, 4.470, 4.513, 4.679, 5.028, 5.430 e a lei nº 2.682. O quadro 01 revela os decretos e as leis analisadas:

Quadro 01: Decretos e as leis analisadas		
Data	Decreto	Assunto
9/2/1961	1.047	Dispõe sobre horário, fixa normas e atribuições para os parques infantis e respectivo pessoal, e dá outras providências.
23/2/1965	2.337	Dispõe sobre horário, fixa normas e atribuições para os parques infantis e respectivo pessoal, e dá outras providências.
20/10/1965	2.562	Dispõe sobre horário, fixa normas e atribuições para os parques infantis e respectivo pessoal, e dá outras providências.
6/5/1968	3.101	Dispõe sobre horário, fixa normas e atribuições para os parques infantis e respectivo pessoal, e dá outras providências.
9/12/1977	4.470	Dispõe sobre as escolas municipais de educação infantil e dá outras providências.
9/3/1978	4.513	Institui a Comissão de Planejamento e Normas Pedagógicas do Depec e dá outras providências.
17/7/1979	4.679	Adita três parágrafos ao artigo 26 do decreto nº 4.470.
22/3/1985	5.430	Regimento Interno Funcional das Escolas Municipais de Educação Infantil.
8/10/1981	2.682	Dispõe sobre o ensino público municipal pré-escolar, EMEIs – respectivo quadro de magistério, suas funções, classificações, padrões de referências e dá outras providências.
9/12/1985	5.430	Dispõe sobre o primeiro regimento interno funcional das EMEIs.

Dentro da pesquisa qualitativa foi usada a abordagem documental, que considera o documento escrito como fonte importante para a compreensão dos fenômenos históricos. Seu uso traz uma riqueza de informações que possibilita a ampliação e o entendimento dos objetos, cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Sobre tal situação, Cellard (2008) sinaliza que o documento escrito é uma fonte valiosa para o pesquisador, pois trata de algo “insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas” (CELLARD, 2008, p. 295). O mesmo autor afirma também que “muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente” (ibid, p. 295).



Alunos da EMEI José Ferrari (sem data)



Atividade de pintura com alunos de escola municipal de educação infantil da cidade (sem data)

Na segunda fase do estudo foram elaboradas e desenvolvidas entrevistas semiestruturadas, em parte preparadas a partir das análises realizadas sobre os documentos, com algumas personalidades que viveram a primeira década da educação infantil na cidade de São Caetano do Sul. Foram entrevistadas, em 2018, duas professoras, uma delas foi a primeira profissional contratada pela Secretaria de Educação de São Caetano do Sul, em 1958, e que experienciou as primeiras décadas da educação infantil na cidade. A segunda iniciou na rede pública em 1968 e ainda atua no município, sendo, portanto, uma profissional que tem acompanhado diversos momentos e transformações. Tais entrevistas foram gravadas com o intuito de captar os detalhes das informações.

Foram coletados dados sobre o perfil das professoras e sobre o início da organização escolar e pedagógica da educação infantil na cidade de São Caetano do Sul. No primeiro caso, as informações foram reunidas sobre sexo, idade, local de residência, estado civil, formação e experiência no magistério. No segundo caso, sobre o tempo de trabalho na educação infantil, as funções exercidas, o início na carreira, as escolas onde atuou, o tipo, a proveniência das orientações iniciais, as funções do Departamento de Educação Física e Esportes (Defe), a denominação das professoras, as principais atividades, a estrutura física dos parques, o número de crianças atendidas, a organização de planejamento e reuniões, o tipo de regime de trabalho.

A primeira entrevistada (Professora-01) foi professora e diretora e atuou junto à Secretaria de Educação e hoje ainda presta serviços na mesma secretaria. Ela entrou na prefeitura em 22 de julho de 1968 e, recentemente, foi homenageada por completar 50 anos dedicados à educação do município na educação infantil. A segunda (Professora-02) foi a primeira professora contratada

da rede municipal. Iniciou suas atividades em 1958, trabalhando por 37 anos. Aposentada há 20 anos, encontra-se com 79 anos (2018) e reside no município.

Os dados das duas fases foram analisados a partir da análise de conteúdos (BARDIN, 1977; CHIZZOTTI, 2006), com a utilização de códigos e descritores. Neste tipo de averiguação dos dados, busca-se interpretar os significados temáticos ou lexicais de um documento ou de um texto.

Chizzotti (2006) indica que o trabalho de análise de conteúdo relaciona-se, entre outras coisas, à frequência da citação de alguns assuntos, com ideias e palavras em um texto. Ao mesmo tempo, associa-se à interpretação, à atribuição e à emissão de juízos conferidos a um determinado assunto.

**Tecendo a tessitura** - Os decretos e a lei analisados, assim como as duas entrevistas realizadas com as profissionais que viveram o início deste processo histórico, se constituíram em referências para a estruturação de uma parte da história da educação infantil em termos administrativos (de organização escolar) e pedagógicos.

A análise dos documentos permitiu o agrupamento das referências em três décadas, de 1960, de 1970 e de 1980, e nos domínios de organização escolar e pedagógico. Todavia se compreende que as questões (administrativas e pedagógicas) são inseparáveis e que as primeiras

existem em função das segundas (PARO, 2016). A separação aconteceu, na apresentação dos dados, apenas com uma possibilidade didática para a melhor compreensão histórica dos fatos.

**O âmbito da organização escolar** - No âmbito da organização escolar, administrativa, na década de 1960, a ausência de critérios fez com que as primeiras bases norteadoras fossem oriundas do Departamento de Educação Física e Esportes (Defe) do Estado de São Paulo, pois o município não dispunha de um departamento específico para atender às demandas dos primeiros parques infantis. Assim, as primeiras indicações, por exemplo, atreladas ao controle de matrícula e à frequência das crianças utilizaram modelos já estabelecidos pelos grupos escolares do Estado. Em São Caetano, já existia o Grupo Escolar Senador Fláquer, a escola mais antiga da cidade (fundada em 1920).

De acordo com as professoras entrevistadas, o Defe orientava também a seleção, o processo de entrevista e o estágio obrigatório para as professoras que quisessem ingressar na rede. Esse órgão era ainda responsável pela organização do planejamento a ser desenvolvido pelas professoras nos parques infantis: “Eles planejavam e nós tínhamos que executar” (Professora-02).

O decreto nº 1.047, de 1961, trouxe as primeiras indicações

em relação aos fins e aos objetivos da educação infantil, à admissão de crianças nas escolas, ao período de férias, às atribuições do pessoal e aos horários, entre outras, baseadas nas organizações já preexistentes do Defe.

Os horários, a partir deste decreto, foram instituídos como funcional e de recreação. Em ambos, surgiram os primeiros indícios das primeiras inquietações com a segurança da criança no cotidiano escolar. De fato, o cuidado e a segurança das crianças eram preocupações visíveis nos documentos e, neste sentido, solicitava-se daqueles que atuavam nas escolas “o sigilo das questões internas sobre a criança” e “o cuidado em relação à entrega da criança diretamente aos familiares ou responsáveis” e, ainda, no caso de ocorrências graves, como o desaparecimento de um aluno, este fato deveria ser levado ao conhecimento do prefeito da cidade.

Esta situação, de cuidado e de segurança das crianças, foi também reportada pelas professoras entrevistadas, que indicaram, enfaticamente, a questão de ter de tomar conta e se responsabilizar pelas crianças. Situação, segundo as professoras, assumida de forma séria pelas escolas da cidade.

Nesta mesma década, as primeiras diretrizes trouxeram referências para a realização da matrícula do aluno e para a questão da quantidade de alunos por turma. No primeiro

caso, era indicado às famílias a documentação específica, própria daquele tempo: certidão de nascimento, abreugrafia (radiografia do tórax), atestado médico para comprovar que a criança não possuía doenças infectocontagiosas e duas fotos 3x4.

A exigência para apresentação destes documentos se fez notória em todos os cinco primeiros decretos (nº 1.047, nº 2.337, nº 2.562, nº 3.101 e nº 4.477), ocorrendo apenas a substituição da apresentação da abreugrafia pelo atestado de vacina contra a tuberculose. Esse quesito indica uma preocupação relevante com a saúde dos alunos em relação às doenças infectocontagiosas. A realização da matrícula ocorria a partir dos 4 anos completos até os 7 anos incompletos.

No segundo caso, com relação à quantidade de alunos, foi definido, inicialmente, que os grupos teriam entre 40 e 50 crianças por turma, com idade de 3 anos e meio até 6 anos e meio, conforme descrito no decreto nº 1.047, período este em que existiam apenas três escolas (parques) no município. De fato, as profissionais entrevistadas (Professoras 01 e 02) indicaram que duas professoras atendiam 100 crianças em um período de quatro horas, 50 crianças por turma. Havia uma organização que já previa uma lista de presença com os nomes dos alunos.

Nesta década de 1960, também foram definidas as primei-

ras orientações em relação aos períodos de férias e de recesso escolar. Foram instituídos dois momentos ao longo do ano, que aconteciam nos meses de dezembro/janeiro e julho, com a variação de 75 a 90 dias, conforme definido em alguns decretos (nº 1.047, nº 2.337, nº 2.562 e nº 3.101).

Além dessas questões da matrícula, número de aluno e momentos de férias, em 1965, ocorreu uma mudança importante em termos de nomenclatura. A denominação parque infantil, até então utilizada na rede de ensino de São Caetano do Sul, foi substituída por educação infantil e curso pré-primário. Tal substituição ocorreu pelo decreto nº 2.337, de fevereiro do mesmo ano. Neste período, as escolas eram de responsabilidade do chefe da Secção do Pessoal. Este profissional controlava a frequência dos profissionais (livro de ponto), as férias escolares, as questões de ordem disciplinar, as indicações sobre as competências e as atribuições dos funcionários e professoras, entre outras questões. Atribuição que, posteriormente, passaria ao chefe da Secção de Educação e Cultura.

Na década de 1970, outras diretrizes administrativas organizaram ou reorganizaram o contexto escolar, trazendo mudanças para a etapa infantil. As aulas, neste contexto, que ocorriam de segunda a sábado, passaram, em 1977 (decreto nº 4.470), a acon-

Na década de 1970, outras diretrizes administrativas organizaram ou reorganizaram o contexto escolar, trazendo mudanças para a etapa infantil. As aulas, neste contexto, que ocorriam de segunda a sábado, passaram, em 1977, a acontecer somente até as sextas-feiras.

tecer somente até as sextas-feiras. O sábado passou a ser destinado aos trabalhos pedagógicos, como a realização de planejamento, discussões, análises e registros sobre alunos, além de outros assuntos ligados à vida escolar (questões de sala de aula).

Nota-se aqui, os primeiros tempos destinados às questões pedagógicas. De fato, uma das entrevistadas (Professora-02) sinalizou

que nessas reuniões, entre elas e os responsáveis pelo setor de Educação, eram apresentados os problemas, entre outros, relacionados às crianças com deficiências e com dificuldades pedagógicas.

Neste período, o controle externo que foi de responsabilidade, na década anterior, do chefe da Seção do Pessoal e depois do chefe de Seção de Educação e Cultura, passou a ser assumido pelo Departamento de Educação e Cultura (Depec), que controlava a frequência, as indicações de férias escolares, as questões de ordem disciplinar, as organizações internas, as indicações sobre as competências e atribuições dos funcionários e professoras, entre outras questões. No mesmo período, o parque infantil passou a ser denominado de Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), denominação que está em vigor até os dias atuais na rede de ensino de São Caetano do Sul.

Em 1977, foi criado o Conselho de Seleção de Professores (Cosepro), pelo decreto nº 4.470. Este órgão foi importante, pois criou as novas formas de seleção para os cargos de professoras, professoras encarregadas, estagiárias, substitutas e professoras titulares para as escolas.

Para as professoras encarregadas, aquelas que exerciam as funções de gestão (as escolas naquela época não tinham diretoras) e de sala de aula, passaram a ser exigidas a formação supe-

rior e experiência, ou seja, ter no mínimo três anos de docência na rede de ensino. Esta função, ainda, era decorrente de algum tipo de indicação, técnica ou política, do Depec.

No caso de admissão de estagiárias, a disposição das vagas seguia os termos da lei nº 2.161, de 24 de maio de 1974. As candidatas teriam de estar cursando o ensino médio de formação de professor para ensino pré-escolar, comprovar a frequência e ser aprovada na seleção realizada pelo Cosepro. Neste sentido, as aprovadas eram encaminhadas para uma unidade. No caso da professora substituta, a candidata teria de passar por uma seleção promovida pelo Cosepro, apresentar os títulos exigidos pela legislação (formação de professor para ensino pré-escolar) e, ao mesmo tempo, cumprir um ano de estágio na pré-escola.

Por fim, para assumir a função de professora titular as indicações do Cosepro sinalizavam que era necessário cumprir todos os quesitos descritos, anteriormente, e realizar mais um período de regência em sala de aula. As professoras entrevistadas (Professoras 01 e 02) indicaram que a partir desta seleção de professores realizada pela Consepro, a organização e a qualidade da rede de ensino de São Caetano do Sul avançaram muito.

Essas sinalizações, por meio da legislação estudada, evidenciaram a importância da forma-

ção e da experiência das professoras, duas questões que, de fato, são relevantes para a melhoria da educação, em geral, e da educação infantil, em particular. (OBEDUCABC, 2016).

Na década de 1980, foi instituído o quadro do magistério (lei nº 2.682), trazendo as funções para professor, dirigente, diretor, orientador pedagógico e psicólogo. Tais profissionais passaram a integrar as EMEIs de São Caetano do Sul. O mesmo quadro instituiu também as classificações dos profissionais da educação, assim como os padrões de vencimentos e as cargas horárias de trabalho. Tais aspectos foram relevantes para consolidar as questões de organização escolar da rede de ensino.

Nesta mesma década, foi criado o primeiro *Regimento Interno Funcional das Escolas Municipais de Educação Infantil* (lei nº 5.430, de 1985), estabelecendo os objetivos, as referências para a escrituração escolar, para as matrículas, criando a possibilidade da criação de comissões, estabelecendo o regime disciplinar, entre outras questões. Esta lei trouxe também os procedimentos para a seleção de profissionais (professores e gestores), revelando uma preocupação com a qualidade do profissional que atuaria nas EMEIs.

O Quadro 02 sintetiza as três décadas de diretrizes para a organização da pré-escola:

Quadro 02: Síntese de três décadas da organização da pré-escola		
Década de 1960	Década de 1970	Década de 1980
As orientações pedagógicas eram provenientes do Defe.	O sábado deixa de ser letivo e abre espaço para o planejamento e as discussões pedagógicas.	O quadro do magistério é instituído.
São criadas as primeiras definições sobre matrícula e sua documentação.	O contrato foi instituído com a primeira forma de contratação da professora.	É criado o cargo de diretor e de dirigente de escola.
São criadas as primeiras definições sobre frequência.	Foi criado o Conselho de Seleção de Professores (Cosepro).	É instituído o primeiro regimento interno funcional das Escolas Municipais de Educação Infantil.
São estabelecidas as primeiras definições sobre horários.	O parque passou a ser denominado de EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil.	
São estabelecidas as primeiras definições sobre quantidade de alunos, períodos de férias.	Foram instituídas exigências para a seleção de professoras (encarregadas, estagiárias, substitutas, professoras titulares).	
São estabelecidas as primeiras definições sobre as ocorrências escolares.		
Instituído o controle externo à escola (de frequência, das férias escolares, das normas disciplinares, das competências e atribuições dos funcionários e professoras) exercido pelo chefe da Seção do Pessoal e, depois, pelo chefe de Seção de Educação e Cultura.	O controle externo à escola (de frequência, das férias escolares, das normas disciplinares, das competências e atribuições dos funcionários e professoras) passou a ser exercido pelo Departamento Educação e Cultura.	
O parque infantil passa a ser denominado de educação infantil e curso pré-primário.		

Fonte: Elaboração dos autores (2018).

**O âmbito pedagógico** - No âmbito pedagógico, na década de 1960, surgiram as primeiras diretrizes advindas dos documentos legais que instituíram as competências das professoras denominadas de recreacionistas, uma posição que só poderia ser assumida por mulheres e com a exigência do cumprimento de um período de estágio de 15 dias.

Tais competências estavam associadas à realização de atividades recreativas; à responsabilidade da guarda das crianças (tomar conta e tratar bem); à realização de registros e de relatórios das atividades

para serem submetidos à Seção de Educação e Cultura e ao Defe; ao cumprimento, com zelo, do plano de recreação; à transmissão de princípios morais e de hábitos sadios; ao desenvolvimento de um espírito comunitário.

Uma das entrevistadas (Professora – 02) indicou que, no período entre 1958 e 1962, as professoras recreacionistas recebiam tal denominação em virtude de o processo de ensino da época ser justamente com base em jogos e brincadeiras, explorando os princípios básicos do movimento.

A mesma professora sinalizou que era comum nas escolas utilizarem: “O jogo sensorial, por exemplo, era a brincadeira de ‘calçar as cadeiras’. Tínhamos uma caixa com vários pares de sapatos. A brincadeira consistia em que as crianças, com os olhos vendados, teriam que encontrar os pares de sapatos certos e calçar nos pés das cadeiras” (Professora-02). Esta profissional também indicou que aproveitava todas as chances possíveis para desenvolver junto às crianças habilidades de ritmo, dança, canto, e todo esse trabalho era apresen-

Alunos brincam no playground de parque infantil de São Caetano, na década de 1980



tado nas festinhas que desenvolviam nos parques: “Era tudo muito organizado, era recreativo e ao mesmo tempo pedagógico” (Professora-02). Esta professora sinalizou também que com a recreação era desenvolvido o trabalho pedagógico atrelado à música, à dança, ao ritmo, ao som, aos sentidos, entre outras habilidades. Mas o foco estava, de acordo com ela, na recreação.

Embora este período seja mais marcado, nos textos legais, pelas questões atreladas ao brincar, ao cuidar e à segurança das crianças, de caráter recreativo, havia, ao mesmo tempo, preocupações, sinalizadas pelas professoras, com a questão pedagógica, na busca do desenvolvimento de habilidades de ritmo, dança, canto, entre outras (Professoras-01 e 02). Tal situação vai ao encontro do que indicou Kuhlmann (1998), que ressaltou que, embora as instituições, no começo, tivessem maiores preocupações associadas a um caráter mais assistencialista e de custódia das crianças, elas também tinham interesse nas ações pedagógicas. Todavia, é preciso destacar, neste processo, que tais preocupações com o pedagógico, neste período inicial da cidade de São Caetano, não se caracterizavam o centro do trabalho escolar com as crianças.

Neste período, em meados da década de 1960, aparecem de forma mais visível e indicativa, questões relacionadas à realização de uma educação com a

utilização de princípios morais, de saúde e comunitários. Tais orientações foram muito positivamente influenciadas pelo período de ditadura militar instituído no Brasil (1964-1985). Neste, o novo modelo educacional desenvolveu características de um sistema autoritário, domesticador e comunitário (ARANHA, 1996).

Também nesta mesma década, no ano de 1965, ocorreram al-

gumas mudanças importantes de nomenclaturas e de incumbências. A professora recreacionista passou a ser denominada de jardineira, indicando, neste contexto, o início de uma preocupação, nos textos legais, para além da recreação, agora mais associada com desenvolvimento da criança no âmbito social, motor, cognitivo, moral e de higiene.

Nesse período histórico no Brasil, de acordo com Bastos

(2017), a educação pré-primária se intitulava jardim de infância e atendia crianças de 4 a 6 anos. As professoras desse nível eram denominadas jardineiras. Esta autora indica que:

O Jardim de Infância deve ser um prolongamento do lar, e, para que a jardineira consiga atrair as crianças ao Jardim é preciso observar o seguinte: a jardineira deve ser agradável, cortês, delicada, calma e de aparência atraente; a sala do jardim deve ser ampla, clara, bem arrumada, bem limpa, ornamentada com vasos de flores ou plantas para dar ao ambiente uma impressão agradável e atraente; todos os objetos devem ter lugar apropriado, a fim de que desperte e desenvolva na criança o hábito da ordem e da arrumação; o material deve ser variado para que as atividades proporcionem às crianças seu desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional; várias atividades podem ser desenvolvidas no Jardim – a música, o desenho, o modelado, o recorte, as artes representativas em geral, as dramatizações, as projeções luminosas, o teatro infantil. (BASTOS, 2017, p. 66).

Neste contexto, vale lembrar outras expectativas que eram esperadas na época desta professora. De acordo com Koire (1961), a professora jardineira tinha de:

Ter paciência, alguns conhecimentos médicos, ser formada em Educação, ser hábil transportadora de móveis, ser arrumada, ser boa dona de casa, ser razoável marceneira, ser psicóloga, ser “artista” (e pianista se possível). Deve ter também uma excelente visão (para ver os 4 cantos ao mesmo tempo), saber voar (ultrapassar com facilidade os muitos obstáculos espalhados pela sala), correr mais rápido do que uma lebre (para estar presente onde e quando for necessário), andar suavemente para passar tranquilidade, cantar e dançar com alegria e olhar para cada criança como uma criança e as crianças como um grupo (KOIRE, 1961, p. 34).

Bastos e Colla (2004) sinalizaram que algumas dessas qualidades (ter paciência, conhecimentos

médicos, ser hábil transportadora de móveis, ser boa dona de casa, ser razoável marceneira, ser psicóloga, ser artista, ter uma excelente visão, saber voar, correr mais rápido do que uma lebre, andar suavemente, cantar e dançar e olhar para cada criança como uma criança e as crianças como um grupo) instituíam características de um profissional ideal. Todavia, de acordo com os autores, apesar de indicar este perfil (ideal), isso não refletia a professora que realmente atuava, assumindo, neste caso, uma função de espelho na qual um tipo de imagem deveria ser buscada. Tal imagem incluía um conjunto de normas e de valores de conduta profissional, ou seja, formas de controle da profissão.

Essa professora jardineira, no final dos anos 1960, passava a ter as primeiras atribuições, ainda que incipientes, nos textos legais de São Caetano, voltadas para as questões sociais, motoras e cognitivas com o objetivo de atuar, de forma mais ampla, no desenvolvimento das crianças.

De fato, como sinalizou uma das entrevistadas (Professora- 01), tal denominação advinha da questão de elas trabalharem no jardim da infância e cuidarem das crianças, que eram as flores. Um contexto onde as preocupações começaram a se voltar para algumas dimensões: o cognitivo, o motor e o social.

Ainda no final da década de 1960, neste cenário da professora jardineira, foi instituída a primeira rotina escolar, uma situação que tinha o objetivo de garantir a distribuição das atividades pedagógicas em todo o período em que as crianças estivessem na escola. A rotina indicava um conjunto de tarefas que deveriam estar presentes na formação da criança. Eram atividades de acomodação e de chamada inicial, de tempo livre, de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, de expressão, de preparação para o lanche, de atividades ao ar livre, de higiene, de repouso, de música, de habilidades motoras e manuais.

De fato, como uma participante (Professora-02) relatou, a rotina auxiliava no trabalho com as crianças na hora da alimentação, da higiene e do sono. Todavia, ela não relacionou tal atividade ao âmbi-



to pedagógico, ou seja, como um elemento estruturante da organização da escola e dos processos pedagógicos.

Barbosa (2006) destacou que as rotinas auxiliam na criação de um padrão de horário, de tempo e de ações a serem realizadas e na segurança para as crianças na escola, minimizando as angústias, sobretudo no início da escolarização. Seu caráter pedagógico auxilia as crianças na organização do mundo interno, a partir de suas relações com o mundo externo. Todavia, a rotina, para as professoras entrevistadas neste estudo, foi reconhecida como um processo mais corriqueiro das atividades do que uma ação mais reflexiva e pedagógica.

Por fim, na década de 1960, o Parque Infantil Emílio Carlos foi designado como parque padrão por sua estrutura, sendo a primeira escola a ter duas salas de aula e outras instalações, diferentes dos galpões que caracterizavam e abrigavam as outras escolas. A partir desta designação, e com tal infraestrutura, este parque passou a receber todas as professoras que ingressavam na rede para a realização de um estágio obrigatório e, ao mesmo tempo, de um curso que tinha a duração de 15 dias e que era promovido pelo Defe. De fato, como sinalizou uma das entrevistadas (Professora – 02), este parque passou a ser uma espécie de sede para a formação das professoras que iniciariam na rede infantil.

Segundo uma das entrevistadas, as escolas no início eram como: “(...) galpões enormes, sem divisão. No pátio havia um quiosque onde usávamos em dias de sol para realizar atividades com as crianças menores (4 anos), até porque os interesses eram diferentes, e os maiores ficavam no galpão” (Professora-02).

A década de 1970 trouxe várias diretrizes pedagógicas. Destaca-se a questão do estabelecimento de um objetivo pedagógico para as escolas da cidade (decreto nº 4.470, artigo 4). De fato, o propósito da educação se tornou mais visível, indicando que as instituições deveriam proporcionar desenvolvimento integral para a criança nas dimensões física, emocional, intelectual e social, integrando todos esses aspectos no sentido de expressão, comunicação e autodireção consciente.

É preciso registrar, todavia, a partir das entrevistas realizadas, que este texto do decreto instituiu aquilo que já estava presente nos anseios e no trabalho de muitas escolas e professoras, indicando que a legislação, em São Caetano, parece sempre ter andado “a reboque” dos desejos e das práticas escolares.

Em outras orientações, ainda na mesma década (decreto 4.470, artigo 37), foi criada a Comissão de Planejamento e Normas Pedagógicas (Conplanp), sob a responsabilidade do Departamento de Educação e Cultura

(Depec), com funções e responsabilidades, entre outras, de atuar na melhoria do desempenho pedagógico das professoras. Este órgão tinha também como finalidade analisar os métodos e os processos pedagógicos, considerando a idade da criança, assim como avaliá-los e torná-los efetivos nas escolas e, ao mesmo tempo, elaborar o plano anual e avaliar os planejamentos elaborados pelas escolas. Tal situação aponta para uma perspectiva de desenvolvimento do processo pedagógico, envolvendo a formação do professor, a análise de materiais e a avaliação do percurso de formação.

De fato, as professoras entrevistadas citaram que a criação da Conplanp, por suas características e especificações, representou um “salto” de qualidade para as escolas e para as professoras e, por consequência, para as crianças.

Por fim, nesta década, registra-se que, apesar da questão da seleção exclusiva para os cargos de professoras (encarregadas, estagiárias, substitutas, professoras titulares) se atrelar mais à situação de organização escolar, trata-se de uma circunstância que incide, diretamente, também no âmbito pedagógico, pois passaram a ser exigidas formação superior e experiência para o ingresso na rede de São Caetano.

Na década de 1980, diretrizes relevantes passaram a fazer parte da rede de ensino do município: a definição do quadro do magis-

tério, a criação do cargo de diretor de escola e o primeiro regimento interno funcional das EMEIs. Tais orientações já foram citadas no quadro de análise da organização escolar (administrativa). No entanto, elas atuaram também no campo pedagógico, pois trouxeram definições importantes para o contexto escolar e de sala de aula.

No caso da definição do quadro de magistério, após 20 anos da criação do primeiro decreto, em 1961, foi instituída a primeira lei (nº 2.682), estabelecendo as funções e as classificações dos profissionais e as cargas horárias de trabalho. Esta legislação trouxe a composição das funções de carreira do magistério público (professora, professora encarregada, dirigente de pré-escola, diretor de pré-escola, orientador pedagógico e psicólogo).

No caso das professoras encarregadas, essa lei transformou suas funções e, neste contexto, elas assumiram o cargo de diretora ou de dirigente de educação infantil. Neste cenário, as atribuições de gestão escolar ligadas às questões financeiras, de

mobilização de pessoas, de organização de conflito e pedagógica, passaram a ser parte de um perfil profissional específico. Uma das profissionais entrevistadas (Professora-01) afirmou, de fato, que este foi dos pontos mais importantes para o desenvolvimento pedagógico escolar e de qualidade da Educação, pois agora havia uma pessoa específica para cuidar diretamente das professoras, de suas formações, do desenvolvimento escolar como um todo, dos eventos educacionais e pedagógicos, entre outras coisas.

Por fim, no caso da criação do primeiro *Regimento Interno Funcional das Escolas Municipais de Educação Infantil*, pela lei nº 5.430, de 1985, destaca-se a definição de objetivos e de procedimentos para a seleção de profissionais da educação (professores, gestores), mostrando, de forma mais clara, uma preocupação com a qualidade do profissional que atuaria nas escolas.

O Quadro 03 sintetiza as três décadas de diretrizes pedagógicas da pré-escola:

Quadro 03: síntese das três décadas de diretrizes pedagógicas		
Década de 1960	Década de 1970	Década de 1980
As orientações pedagógicas eram provenientes do Defe.	É instituído um objetivo pedagógico para as escolas.	O quadro do magistério é instituído.
São instituídas as competências das professoras recreacionistas.	É criada a Comissão de Planejamento e Normas Pedagógicas.	É criado o cargo de diretor e de dirigente de escola.
O parque infantil passa a ser denominado de educação infantil e curso pré-primário.	Foram instituídas exigências para a seleção de professoras (encarregada, estagiárias, substitutas, professora titular).	É instituído o primeiro regimento interno funcional das Escolas Municipais de Educação Infantil: a definição de objetivos e de procedimentos para a seleção de profissionais da educação (professores, gestores).
“Surge” a professora jardineira.		
É criada a primeira rotina escolar.		
O Parque Infantil Emílio Carlos é designado Parque Padrão.		

Fonte: Elaboração da autora (2018).

**Considerações finais** - Este estudo analisou as primeiras diretrizes pedagógicas e de organização escolar da educação infantil da cidade de São Caetano do Sul. Uma pesquisa que envolveu a decodificação de documentos (decretos, leis, entre outros) e entrevistas com profissionais que viveram o início deste processo.

As primeiras três décadas trouxeram elementos relevantes para a organização escolar da rede de ensino. Com bases iniciais externas, orientadas pelo Departamento de Educação Física e Esportes, foram estruturados elementos importantes como o controle de matrícula e sua documentação, a frequência escolar, os horários das escolas, as formas de controle de segurança, a quantidade de alunos por turma, os períodos de férias e de recesso escolar.

Depois, com autonomia local, muitas dessas questões citadas foram alteradas (por exemplo, a quantidade de alunos por turma). Outras foram instituídas, como a criação do Conselho de Seleção de Professores, que estabelece a seleção para os cargos de professoras; a denominação de Escola Municipal de Educação Infantil; a criação do quadro do magistério e o primeiro *Regimento Interno Funcional*, entre outros.



Professoras do então Parque Infantil Irineu da Silva, no ano de 1970. A partir da esquerda, vemos: Maria José Mazzutti, Maria Luíza Santana, Neves dos Ramos e Maria Roseli Conti Rodrigues

Em termos de organização pedagógica, as três primeiras décadas trouxeram importantes sinalizações que possibilitaram melhorar a educação infantil da cidade de São Caetano do Sul. Surgiram as competências das professoras recreacionistas e das jardineiras; a criação da primeira rotina escolar; a designação de um parque padrão; a definição de um objetivo pedagógico para toda a educação infantil, visando o desenvolvimento integral das crianças; a criação da Comissão de Planejamento e Normas Pedagógicas; a definição do quadro do magistério; a criação do cargo de diretor de

escola e o primeiro *Regimento Interno Funcional das Escolas Municipais de Educação Infantil*.

O presente estudo trouxe à tona evidências e elementos empíricos importantes de organização escolar e pedagógica, que possibilitaram conhecer um pouco do início da educação infantil do municipal.

Pode-se afirmar, a partir dos documentos analisados, que, no início, as características administrativas foram mais marcantes do que as pedagógicas, que foram ganhando relevância, aos poucos, a partir das legislações e do trabalho realizado pelas esco-

las, a partir da década de 1980. Situação que pode ser explicada pela questão da falta de normatização e regulação das escolas e, ao mesmo tempo, pela ausência de teorias sólidas sobre crianças e bebês nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil.

Ao longo das análises realizadas, percebeu-se, também, que a legislação, em geral, era instituída com o intuito de consolidar questões importantes, todavia, tais situações, muitas vezes, já estavam presentes nas escolas. Esta questão traz referências relevantes para os legisladores, pois há grande possibilidade que eventos, como já descrito acima, estejam ocorrendo nas escolas e necessitem ser consolidados a partir de decretos ou leis, o que demandaria estudos e aproximações mais frequentes do contexto da educação infantil. Este estudo, portanto, traz um indicativo relevante em relação às políticas públicas. No presente estudo, percebeu-se, ainda, a presença, muitas vezes entremeadas, das questões administrativas e pedagógicas em todas as legislações analisadas e também nos depoimentos das profissionais entrevistadas.

Os dados deste estudo trazem contribuições, pelo menos, em três perspectivas. Na primeira, eles podem ser utilizados pelas universidades locais e da região do Grande ABC no contexto da formação de professores, tanto inicial como continuada, um cenário que pode promover debates sobre a história da educação infantil; na segunda, eles podem ser usados pela Secretaria Municipal de Educação que, neste sentido, pode criar mecanismos para que todos os profissionais de educação conheçam o início desta história local a partir das diretrizes pedagógicas e de organização escolar; na terceira, a Fundação Pró-Memória, entidade da cidade que objetiva criar, organizar, instalar e manter instituições e atividades voltadas à preservação, manutenção e divulgação do patrimônio, pode utilizar esses dados para a criação de eventos de divulgação. Paralelamente, podem ser elaborados novos artigos e materiais sobre a história da educação infantil de São Caetano do Sul. ■



#### Notas

<sup>1</sup> Na cidade de São Caetano do Sul, a educação infantil, no início da história, aparece nos documentos com o nome de pré-escola.

#### Referências bibliográficas

- ARANHÁ, M. L. *História da educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *Por amor & por força*. rotinas na Educação Infantil. Campinas, SP: [s.n.], 2006.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.
- BASTOS, Maria H. C. De jardineira para a jardineira: orientações didático-pedagógicas para a educação pré-primária. *Revista Linhas Florianópolis*, v. 18, n. 38, p. 63-80, set./dez. 2017.
- BASTOS, Maria H. C.; COLLA, Ana M. L. A idealização do professor na representação da docência: Retrato dos mestres. In: ABRAHÃO, Maria H. M. B. (Org.). *A Aventura (Auto)biografia*. Porto Alegre/RS: Edipucrs, 2004, p. 465-484.
- CELLÁRD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 295 (Coleção Sociologia).
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOIRE, Martha. Requisitos para uma Professora de Jardim de Infância. *Revista do Ensino*, n. 76, 1961, p. 33-34.
- KÜHLMANN JR., Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SÃO CAETANO DIGITAL. A história da cidade de São Caetano do Sul. Disponível em: [www.saocaetanodigital.com.br/historia-da-cidade](http://www.saocaetanodigital.com.br/historia-da-cidade). Acesso em: 11 mar. 2017.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 1047, de 9 de fevereiro de 1961. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 2337, de 23 de fevereiro de 1965. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 2562, de 20 de outubro de 1965. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 3101, de 6 de maio de 1968. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 4470, de 9 de dezembro de 1977. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 4513, de 9 de março de 1978. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 4679, de 17 de julho de 1979. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 4829, de 22 de agosto de 1980. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Lei 2682, de 8 de outubro de 1981. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 15 mai. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 5028, de 29 de dezembro de 1981. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- SÃO CAETANO DO SUL. Decreto 5430, de 22 de março de 1985. Disponível em: <http://administracaoweb.saocaetanodosul.sp.gov.br/buscar.php>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- VENZKE, L. H. D.; FELIPE, J. Professoras e crianças pequenas no contexto da Educação. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 205-227, jan./mar. 2015.

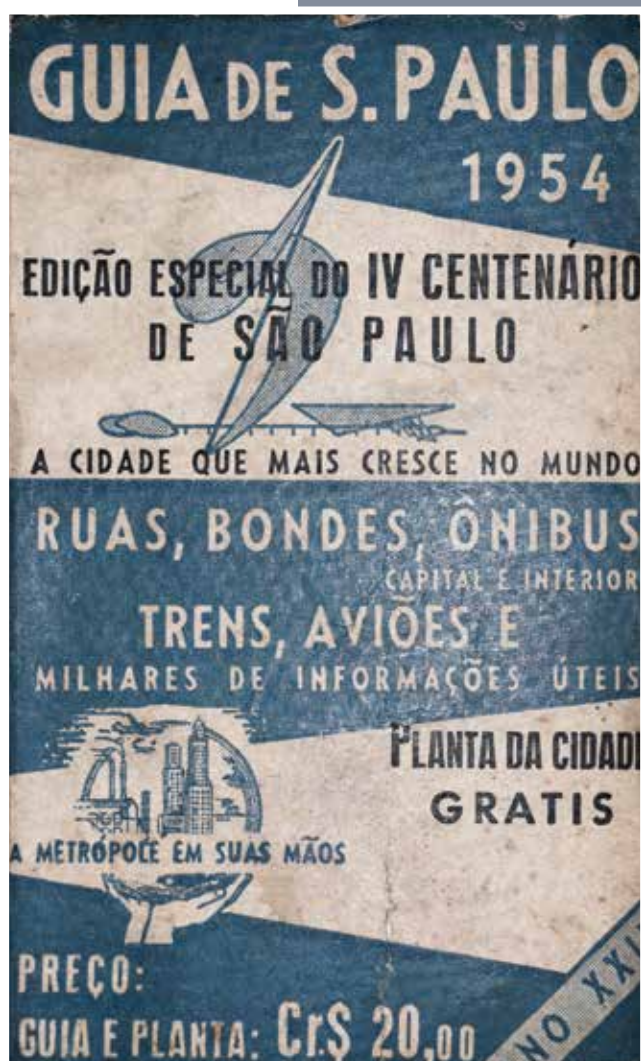
Elaine Xavier Beccatti Cezario é pedagoga, mestre em Educação pela Universidade de São Caetano do Sul. É professora da rede pública de São Caetano do Sul há 34 anos, onde já ocupou funções de professora, diretora interina, coordenadora pedagógica, assistente de direção e formadora de professores (Cecape).

Paulo Sérgio Garcia é professor do departamento de Educação da Universidade de São Caetano do Sul (Uscs) e coordenador do Projeto de Observatório da Região do Grande ABC Paulista. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, tem pós-doutorado com estudos no Brasil e na Itália.

# São Caetano do Sul e o IV Centenário da cidade de São Paulo (1954)

☰ Cristina Toledo de Carvalho

Reprodução da capa do Guia de S. Paulo, edição especial do IV Centenário. Destaque para o símbolo da comemoração, na parte superior do material. Batizado de “aspiral” por Francisco Matarazzo Sobrinho, primeiro presidente da comissão encarregada dos festejos concernentes à efeméride, o seu significado era uma alusão ao anseio de progresso de São Paulo e à sua “aspiração para o alto.” Foi criado pelo Grupo Niemeyer de Arquitetura. Junto a ele, a expressão “a cidade que mais cresce no mundo”, que, entre um repertório amplo de representações atinentes à capital paulista, firmou-se como uma das maiores referências discursivas à imagem da São Paulo grandiosa, tão aclamada durante a celebração



Arquivo/FPMSCS  
Foto/Art. Tonon (FPMSCS)

AS COMEMORAÇÕES DE ANIVERSÁRIO de uma cidade, localidade ou região são momentos que ensejam a construção e a afirmação de memórias e de narrativas históricas imbuídas de sentidos triunfalistas e de exaltação a sujeitos (transformados, quase sempre, em personagens heroicos) e a fatos. Conforme elucidada Maria Izilda Santos de Matos, os referidos momentos apresentam-se “carregados de conteúdos emocionais e forças simbólicas”,<sup>1</sup> o que faz deles uma temática privilegiada, instigadora de inúmeros debates e reflexões no campo da produção do conhecimento. Para as historiadoras Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, as datas comemorativas se revelam significativas frente ao processo de constituição de uma memória oficial, “fazendo emergir práticas, personagens e símbolos dessa construção”.<sup>2</sup> Em sua relação repetitiva com o passado, tais práticas, as quais Eric Hobsbawm convencionou chamar de *tradições inventadas*, impõem-se por meio de um processo de formalização e ritualização, que encontra na história a sua ação legitimadora.<sup>3</sup>

Articulando-se a essas considerações teóricas preambulares, a celebração do IV Centenário da cidade de São Paulo emerge

como um tema profícuo, polarizador de perspectivas diversas de abordagem, que, só no âmbito historiográfico, tangenciam questões relacionadas à discussão de uma infinidade de categorias, como as condizentes, sobretudo, à identidade, à memória, ao imaginário e à representação.

Evento grandioso e emblemático, começara a ser arquitetado com uma antecedência razoável em relação ao ano que marcou a passagem da efeméride (1954). No dia 29 de dezembro de 1951, por meio da lei nº 4.166, fora instituída a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo,<sup>4</sup> a partir da qual se desenvolveu o audacioso e complexo projeto da comemoração da data. Entidade autárquica, com personalidade jurídica e patrimônio próprio, “era composta por membros representativos da força econômica de São Paulo, além de nomes ligados à classe intelectual, como jornalistas, escritores e professores universitários”,<sup>5</sup> expõe Sílvio Luiz Lofego, autor de uma pesquisa minuciosa sobre as festividades dos 400 anos da capital paulista. A mencionada comissão, extinta apenas em dezembro de 1956, fora presidida, inicialmente, por Francisco Matarazzo Sobrinho, sucedido no cargo por Guilherme de Almeida, cuja posse deu-se no dia 24 de março de 1954.<sup>6</sup>

Pela repercussão e visibilidade alcançadas,

a comemoração de 1954 teve um efeito tão espetacular, talvez o maior

em toda a História do Brasil, (...), ao envolver profundamente todos os segmentos sociais de São Paulo, com repercussões em todos os cantos do país, numa época em que a TV mal existia<sup>7</sup>

Em São Caetano do Sul, o evento não passou despercebido, sendo noticiado, com uma considerável recorrência, em edições de janeiro e fevereiro de 1954 do *Jornal de São Caetano*. Os textos que se referem ao assunto, os quais servem de base para a mensuração dos ecos de tal celebração na localidade, contribuem para o reforço da memória atinente à data, além de mostrarem como a urbe sul-são-caetanense posicionou-se diante dos festejos, em meio ao registro das homenagens jubilosas prestadas à cidade quadricentenária.

No dia 13 de janeiro daquele ano, o mencionado jornal trouxe informações sobre a comemoração, destacando as propostas oriundas da edilidade local em prol da participação do município na diversificada programação do 400º aniversário de São Paulo.

(...)

É essa efeméride que o Brasil inteiro comemorará a 25 de janeiro: o 400º aniversário da fundação de São Paulo. Diversas festividades estão sendo programadas, inclusive um espetacular desfile com a participação de associações, indústrias, clubes, representações de entidades diversas. Os festejos serão iniciados no outro sábado, dia 23, prolongando-se do-

mingo e segunda-feira, que será dia 25 de janeiro.

A Câmara Municipal de São Caetano do Sul participará ativamente dessas solenidades. Diversas proposições neste sentido foram apresentadas na penúltima sessão da Edilidade. O sr. Jaime da Silva Reis solicitou a criação de uma Comissão de Vereadores para representar o nosso município nas solenidades e festividades; o sr. Luiz Rodrigues Neves requereu a inserção nos Anais e na Ata de um voto de congratulações e de regosijo pelo transcurso do IV Centenário de São Paulo; o sr. Concetto Constantino em indicação apontou ao Presidente da Câmara e ao Prefeito Municipal a conveniência de decretarem ponto facultativo nas repartições dia 25, ao mesmo tempo que solicitou do chefe do executivo local que seja feito um apelo por intermédio da imprensa a todas as indústrias e casas de comércio no sentido de cerrarem suas portas dia 25, possibilitando dessa forma ao povo a participação nos festejos programados para os dias 23, 24 e 25 próximos.

(...)<sup>8</sup>

A indicação do vereador Concetto Constantino fora endossada, no ponto alusivo à expectativa de fechamento dos estabelecimentos industriais e comerciais no dia 25 de janeiro, pela proveniente do edil Orlando Souza, dirigida à Associação Comercial e Industrial da localidade, conforme informou o próprio *Jornal de São Caetano*, em sua

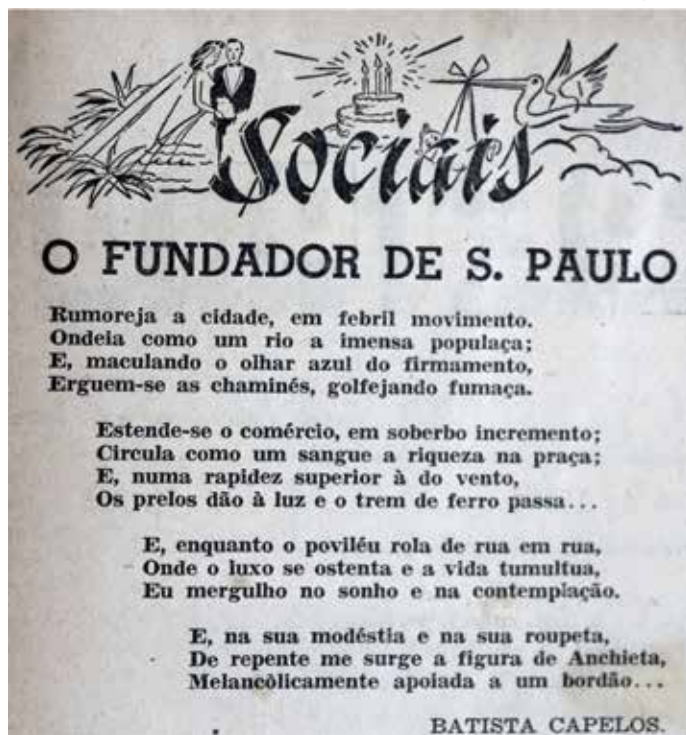
edição de 20 de janeiro de 1954. Almejava-se, assim, garantir a suspensão do expediente naqueles estabelecimentos, a partir do apelo abalizado da aludida associação. Acontece que, mesmo diante da mobilização de alguns membros da vereança, tal proposta não obteve êxito, uma vez que, já no dia 23 daquele mês, antevéspera da celebração do aniversário de São Paulo, o periódico sul-são-caetanense publicara a seguinte nota de esclarecimento: “Segunda-feira, dia 25, não será feriado em São Caetano do Sul. O comércio e a indústria trabalharão normalmente. As repartições municipais fecharão por força de ponto facultativo.”<sup>9</sup>

Nessa mesma edição, o jornal divulgara também o apelo formulado pela Associação Comercial e Industrial junto ao comércio e à indústria da localidade, valendo-se das indicações tramitadas na Câmara. Divergente do teor da nota destacada acima, o apelo em tela, ao ter sido publicado, sugere a instauração de uma polêmica em torno do assunto.

Obedecendo a uma solicitação da Egregia Câmara Municipal deste Município, para os FESTEJOS DO QUARTO CENTENÁRIO

DE S. PAULO, esta Associação, querendo também prestar homenagem a uma data da nossa história, data da fundação de S. Paulo, de pleno acordo com a indicação feita no Legislativo de nosso Município, vem fazer um vivo apêlo ao comércio e indústria desta localidade, no sentido de manterem cerradas as portas dos seus estabelecimentos no dia 25 de janeiro, afim de que todos

tinuou em destaque na edição do dia 23 de janeiro de 1954 do *Jornal de São Caetano*, que, na espera efusiva das festividades programadas para aquele final de semana em São Paulo, anunciara a realização de um concerto sinfônico no Cine Vitória em homenagem à data. Ocorrido na manhã do dia 24 daquele mês, na véspera da grande comemoração, tal concerto revestiu-se de êxito, nas palavras do próprio jornal:



Credita/Jornal de São Caetano, edição de 23 de janeiro de 1954  
Foto/An Tonon (FPMSCS)

Coroou-se do mais completo êxito o concerto sinfônico realizado domingo último pela Comissão de Educação e Cultura da Prefeitura local, no cine Vitória, com a participação da orquestra Sinfônica de Santo André, da qual fazem parte músicos dos municípios do ABC, sob a regência do maestro Leonid Urbein.(...)

O cine Vitória esteve repleto de sancaetanenses que demonstraram assim seu interesse pela música, coroando de êxito esta iniciativa da municipalidade.<sup>11</sup>

possam participar a assistir, à uma data tão festiva.

Assim na certeza de que todos concorrerão, para maior brilho desse dia festivo, esta associação agradece.<sup>10</sup>

A pauta do IV Centenário con-

Com entrada franqueada ao público, o evento contou ainda com uma palestra sobre a fundação de São Paulo, proferida, “com brilhantismo”, pelo pro-

Em sua edição de 23 de janeiro de 1954, o *Jornal de São Caetano* conseguiu captar parte dos efeitos produzidos pelo IV Centenário no imaginário social, ao publicar a poesia *O Fundador de S. Paulo*, de Batista Capelos. Nela, a exaltação ao poderio da cidade aniversariante é notória, com uma breve, mas contundente, menção a José de Anchieta, transformado em um dos personagens centrais da fundação da capital paulista

fessor Erodice de Queiroz.<sup>12</sup> Na esteira de tal momento, em que iniciativas de exaltação ao passado da capital paulista ocupavam um lugar relevante na programação dos festejos, o Rotary Club de São Caetano do Sul, durante o seu tradicional jantar festivo, prestou homenagem ao IV Centenário. Na ocasião, o então diretor do Museu Paulista (Museu do Ipiranga) e secretário geral do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Tito Lívio Ferreira, palestrou sobre a história da cidade aniversariante aos presentes.

O *Jornal de São Caetano*, em sua edição de 3 de fevereiro de 1954, apresentou um panorama acerca dessa promoção do Rotary local, que, na oportunidade, estava sob a presidência de Mário Porfírio Rodrigues. Na sequência, seguem os trechos principais da reportagem:

Realizou-se segunda-feira (1º de fevereiro) o jantar-festivo do Rotary Club de São Caetano do Sul, dedicado ao IV Centenário da Fundação de São Paulo, que contou com a presença de mais de 100 pessoas (...). À mesa principal, além do Presidente Mario Porfírio Rodrigues, tomaram assento os srs. Anacleto Campanella, Prefeito Municipal de nossa Cidade; Ângelo Cianfarani, Presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul; Lauro Gomes, Prefeito de São Bernardo do Campo; Sigismundo Sergio Ballotin, presidente da Câmara do

vizinho município; Nicolau Filizola, Governador do Distrito Rotário 119; Prof. Tito Lívio Ferreira, diretor do Museu do Ipiranga e secretário geral do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Coronel Tenorio de Brito, primeiro secretário do mesmo Instituto; Vicente Martins Junior, presidente do Rotary Club de Santo André; Edmar Rabello, presidente do Rotary Club de São Bernardo do Campo; sras. Egle Filizola, Aracy Torres Campanella, Macaria Rodrigues e Elly Rabello.

A saudação aos rotarianos visitantes, aos convidados e às senhoras presentes, foi feita pelo diretor do Protocolo, dr. Urames Pires dos Santos (...)

Em seguida falou o dr. Manoel Gutierrez Durán que fez a apresentação do orador da noite, prof. Tito Lívio Ferreira, o qual fez uma brilhante palestra sobre a fundação de São Paulo. Partindo da fundação da ordem dos jesuítas evocou todos os episódios relacionados com os primeiros passos dados para a fundação do Colegio de Piratininga, destacando as figuras memoráveis de Anchieta, Manoel da Nobrega, Padre Paiva, João Ramalho e outros grandes vultos que ajudaram a escrever a história da cidade que completou dia 25 o seu IV Centenário.(...)<sup>13</sup>

Para além da agenda de eventos e homenagens de São Caetano, instituída por ocasião da

efeméride, o jornal também reservou espaço em suas páginas para divulgar programas do calendário oficial da comemoração, a cargo de sua respectiva comissão. Tal se sucedeu com o Ballet IV Centenário, que, no dia 7 de julho de 1954, fora, em nota, referenciado pelo periódico como “uma das mais interessantes manifestações culturais patrocinadas pela Comissão do IV Centenário”.<sup>14</sup> Nessa mesma nota, alguns detalhes a respeito de sua temporada foram ressaltados:

Quatro espetáculos de gala organizados por Aurelio Milloss em que serão apresentados bailados de criação exclusiva, principalmente sobre motivos brasileiros como “Lenda do Amor Impossível,” sem música; “Fantasia Brasileira,” de Souza Lima; “O Uirapurú,” de Vila Lobos; “O Guarda-Chuva,” de Francisco Mignone e “A Cangaceira,” de Carmargo Guarnieri.  
(...)<sup>15</sup>

A ênfase atribuída ao elemento nacional, durante a construção e promoção da comemoração, insere-se na premissa de que “São Paulo se propunha ser uma espécie de resumo do Brasil ou seu ponto de convergência”.<sup>16</sup>

É interessante registrar que, a par do quadro conjuntural do país, que tinha na política desenvolvimentista uma de suas marcas maiores, o IV Centenário, en-



quanto enunciado, passou a ser apropriado pela esfera privada. Assim, muitos produtos foram batizados de “IV Centenário”,<sup>17</sup> o que mostra o peso dessa expressão junto a um mercado que buscava expandir-se sob a tutela daquela política e do emergente capitalismo da década de 1950.

No clima entusiástico das festividades de 1954 e em diálogo com essa tendência mercadológica deflagrada pela data, a cidade acompanhou a inauguração do Posto “IV Centenário”, em 27 de fevereiro daquele ano, conforme informado pelo *Jornal de São Caetano*. Tal posto, representante dos produtos Esso, era de propriedade de Nicolau Perrella e filhos e estava localizado na Rua Maximiliano Lorenzini, nº 739, no “histórico Bairro da Fundação”.<sup>18</sup>

No que tange ao imaginário social, é desnecessário afirmar o quão fértil foi o alcance das comemorações. Bastante elucidativo, nesta perspectiva, é o relato do professor emérito da Universidade de São Paulo, José de Souza Martins, que, no auge de sua adolescência, testemunhara, de São Caetano, toda a efervescência cultural inerente à passagem do IV Centenário de São Paulo. De acordo com ele, o seu interesse pela história paulista deveu-se, em grande parte, àquele momento celebrativo.

Em boa parte, a movimentação cultural intensa de 1954, ano do quarto centenário da Cidade de São Paulo, foi um fator de motivação para meu interesse particular pela história paulista. Até consegui convencer o encarregado do almoxarifado da fábrica, a Cerâmica, onde eu já trabalhava, a encontrar na pilha de jornais já lidos, que ele recolhia dos vários escritórios, e me dar o exemplar de *O Estado de S. Paulo*, de 25 de janeiro, maço, com artigos dos grandes nomes das ciências humanas em São Paulo. Tanto insisti que ele finalmente saiu à procura daquele número e o encontrou. Guardei-o durante muitos anos, até substituí-lo por um exemplar do livro em que aquela edição do jornal foi transformada pelo escritor e editor Paulo Duarte, *Ensaio Paulistas*, da Editora Anambi, um livro de referência.<sup>19</sup>

Em 1954, São Caetano do Sul encontrava-se também sob uma conjuntura efervescente. Engatinhando na vida municipal, vivia a euforia da sua modernização urbana, representada por obras como o Viaduto dos Autonomistas, o Jardim Público Primeiro de Maio, entre outras realizações que possibilitariam igualmente a melhoria do seu ainda precário cenário estrutural. No segmento identitário, a construção da imagem de uma cidade pujante mostrava-se célere e em estreita interlocução com narrativas memorialísticas de enaltecimento ao passado local, fortemente centradas na figura mítica do imigrante italiano. À luz dessas condições históricas, a urbe sul-são-caetanense pôs-se como espectadora da celebração do IV Centenário de São Paulo. Inspirado pela mensagem ufanista de tal efeméride, o “Príncipe dos Municípios” permitiu-se sonhar, sem, no entanto, deixar de reverenciar a capital paulista, grande metrópole e berço do progresso, ou, simplesmente, “a cidade que mais crescia no mundo”. ■

#### Notas

<sup>1</sup>MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista*: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru: Edusc, 2007, p. 72.

<sup>2</sup>CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Discutindo a memória e ensinando a história: uma experiência de educação continuada na PUC – SP. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 415-428, nov. 1998, p. 424.

<sup>3</sup>HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020, p. 11 e 20.

<sup>4</sup>Embora a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo tenha sido instituída, oficialmente, no dia 29 de dezembro de 1951, as articulações do poder público municipal, no sentido da preparação das festividades, iniciaram-se em 1948, quando da indicação de alguns nomes, por parte do então prefeito Paulo Lauro, para a constituição da Comissão de Festejos da Comemoração do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, em 29 de julho daquele ano. Com isso, era esboçada a gênese do projeto de celebração da data. LOFEGO, Sílvio Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo*: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004, p. 40.

<sup>5</sup>Ibidem, p. 37.

<sup>6</sup>Ibidem, p. 46.

<sup>7</sup>Ibidem, p. 15-16.

<sup>8</sup>PARTICIPARÁ São Caetano das comemorações do IV Centenário. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 390, primeira página, 13 jan. 1954.

<sup>9</sup>NOTA. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 393, primeira página, 23 jan. 1954.

<sup>10</sup>APELO ao Comércio e Indústria de S. Caetano do Sul. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 393, última página, 23 jan. 1954.

<sup>11</sup>EXITO do Concerto. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 394, última página, 27 jan. 1954.

<sup>12</sup>Ibidem.

<sup>13</sup>HOMENAGEM ao IV Centenário da Fundação de S. Paulo. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 396, primeira página e p. 3, 3 fev. 1954, primeira página.

<sup>14</sup>MOTIVOS brasileiros no Ballet IV Centenário. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 438, última página, 7 jul. 1954.

<sup>15</sup>Ibidem.

<sup>16</sup>LOFEGO, Sílvio Luiz, op. cit., p. 39.

<sup>17</sup>Ibidem, p. 112.

<sup>18</sup>INAUGURADO o Posto IV Centenário. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 404, primeira página, 6 mar. 1954.

<sup>19</sup>MARTINS, José de Souza. *Moleque de fábrica*: uma arqueologia da memória social. Cotia: Ateliê Editorial, 2018, p. 341.


Cristina Toledo de Carvalho

é historiadora, mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e doutoranda junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História desta universidade. É autora do livro *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*, publicado em 2015 pela Fundação Pró-Memória, onde atua como assessora de difusão cultural. Representa a instituição no Grupo Temático História e Memória, do Consórcio Intermunicipal Grande ABC.

# O subúrbio amanhece entre doenças e mortes

“A história local não é uma história de protagonistas, mas de coadjuvantes.”

José de Souza Martins  
*Subúrbio* (Editora Hucitec)

 Enrique G. Staschower

O AMANHECER DO DIA 25 DE JUNHO DE 1918 apresentou uma situação inédita nas várzeas do Rio Tamanduateí e do Córrego dos Meninos. Aquele início de inverno revelou-se inesperadamente frio. As baixas temperaturas somaram-se às notícias vindas da Europa, devastada por uma guerra cruel que arruinava territórios, economias e, principalmente, muitas, muitas vidas, havia quatro anos. Esse conflito avançava sobre os subúrbios de São Paulo, uma vez que, desde fins do ano anterior, envolvia o Brasil, com sentimentos divididos entre os imigrantes europeus e descendentes aqui nascidos, no Bairro de São Caetano.

Dentre os moradores, aqueles operários que acordaram cedo, rumando para o trabalho nas, ainda poucas, fábricas instaladas no Bairro da Ponte, nas várzeas do Tamanduateí, puderam ver uma camada branca de geada que se espalhava – os jornais de São Paulo

noticiariam o frio de três graus negativos. Esse cenário, gélido e branco, era inédito no bairro. As poucas poças d'água, no caminho entre as calçadas de parques pavimentados, estavam congeladas. Juntar coragem para enfrentar a mais baixa temperatura registrada na história de São Paulo, somava-se à rotina do trabalho em fábricas do setor químico, de resíduos, ou de produtos nocivos. No trajeto até o trabalho, pelo qual esses operários cruzavam com as últimas roças, plantações de uva e batatas, o apito da fábrica rapidamente substituíra o cantar do galo.

Se esse operário rumasse em direção à igreja (*Igreja São Caetano*), para trabalhar na antiga Fábrica de Sabão e Graxa Pamploña<sup>1</sup>, recentemente comprada por Francesco Matarazzo, certamente subiria a Rua Um, posteriormente chamada Rua Rui Barbosa<sup>2</sup>, emblematicamente deixando para trás a chácara do “João Português”. Esse caminho em aclive desde as margens do Tamanduateí, era em terra batida, sem árvores, ladeado por casas simples e geminadas, moradia de operários, tais como ele – provavelmente italiano ou descendente, como Matarazzo. Mas seus trajetos seguramente seriam distintos.

Entretanto, se o operário rumasse em direção à Fábrica de Camas de Ferro e Colchões F. Cigolo & Cia, o trajeto o levaria



Funcionários da Fábrica de Sabão e Graxa Pamplona, localizada no Bairro da Fundação, uma das primeiras a se instalar no Núcleo Colonial no início do século passado

mais longe, além da linha férrea, seguindo os trechos do antigo caminho colonial em direção ao litoral, quando aproveitaria para coletar capim, mesmo frio e úmido pela geada, usado para enchimentos de colchões, complementando assim a jornada do seu trabalho. O galpão da fábrica, com tijolos à vista, na atual Rua Pernambuco, empregava várias crianças – mas estas, seguramente, chegariam atrasadas, com pés gelados e sob poucas roupas.

Longo e frio seria o trajeto do operário em direção à Fábrica de Formicida Paulista<sup>3</sup>, deixando para trás caminhos coloniais, atravessando olarias e a linha férrea, ultrapassando pinguelas de madeira sobre os canais remanescentes da agricultura beneditina, até chegar à fábrica pela Rua Capitão Virgínio de Rezende<sup>4</sup>, que levava o nome do diretor da fábrica, que também, em certos documentos, figurava como seu proprietário – áspero e gélido seria o percurso rotineiro na trilha nomeada pelo patrão.

Os trajetos, herdados dos traçados de caminhos coloniais,

que uniam o planalto ao litoral, serviram de base ao traçado do núcleo urbano da colônia. Esse centro organizava-se frente às construções remanescentes da fazenda beneditina, irradiando suas ruas para os lotes rurais<sup>5</sup>. Graças às transformações trazidas pela nascente industrialização, restara somente o sítio da capela, sobre a qual se assenta a igreja matriz – como núcleo de sociabilização e agregação.

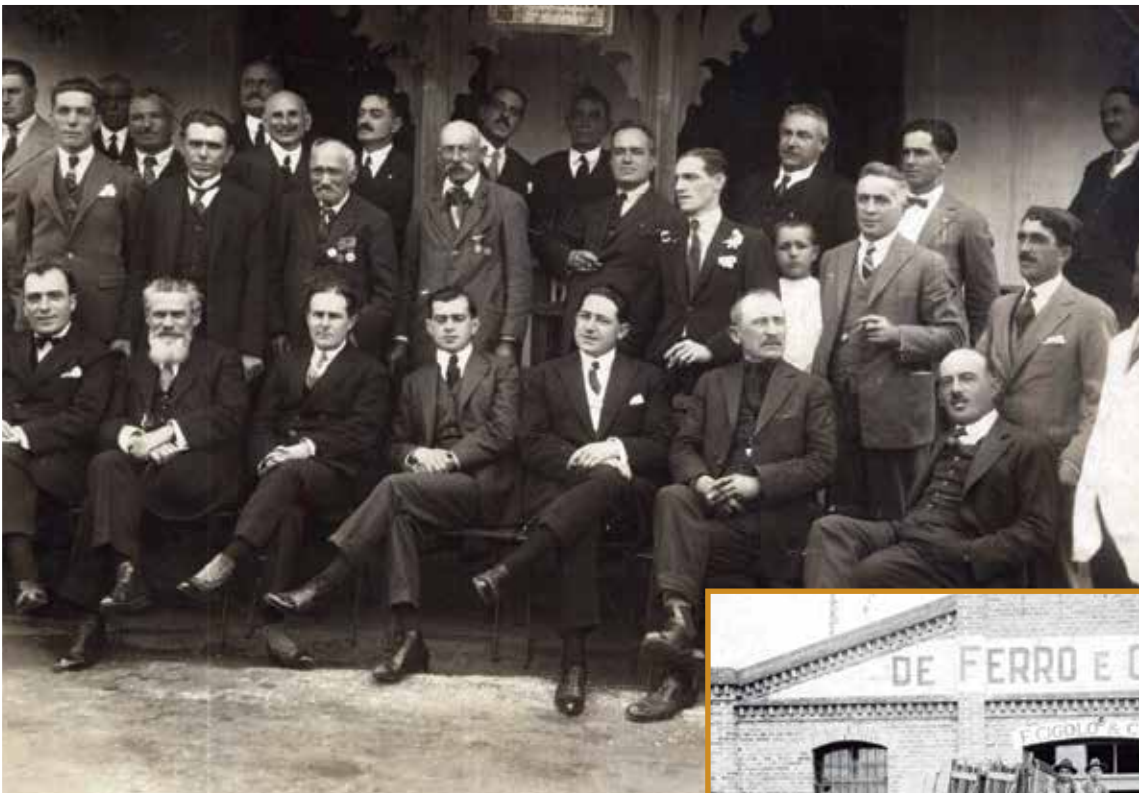
A branca geada que atingira São Caetano, pouco mais que um povoado à beira da linha férrea, nada tinha de bucólica para aqueles que subsistiam de trabalho em fábricas, olarias ou nas últimas roças, no trajeto de alpercatas, poucos sapatos e amarfanhados chapéus para proteger das intempéries. Enquanto, em São Paulo, o mundo urbano acolhe o saber e o comando, lá a voz corrente afirmara que, na Avenida Paulista, caíra neve, grossos flocos, corroborando seu cenário europeu de mansões e calçamentos. O trajeto ao trabalho dos moradores da avenida assentada sobre o antigo Caaguaçu, se daria

nos bondes da Companhia Viação Paulista, rivalizando seu espaço e velocidade com automóveis ou limusines – talvez conduzida por um *conductor* habilitado pela Inspetoria de Viação Municipal, tal como Ernesto Gattaí<sup>6</sup>.

A velocidade no subúrbio seria aquela conduzida pelo trem, que viria a substituir os carros de boi e as tropas de mula no transporte de mercadorias entre o planalto e o porto de Santos. A fumaça do trem também acelerou a extinção da fazenda beneditina quando desembarcara na sua plataforma os colonos do Núcleo Colonial.

À fumaça do trem se somaria a das caldeiras das fábricas (a energia elétrica chegaria somente em 1915). Essas fábricas vendiam suas instalações em São Paulo para adquirir terras baratas à margem da linha férrea. Em 1890, o Banco União, pertencente à família do senador Lacerda Franco<sup>7</sup>, comprou a pequena Fábrica de Bebidas Alcoólicas e de Refinação de Açúcar; em sequência, nos dois anos seguintes, passou a adquirir lotes ao longo da ferrovia, prevendo o escoamento das mercadorias das fábricas poderiam instalar-se – mas nem essa atividade a salvou da falência, em 1919.

A compra de lotes se revelou uma atividade interessante a ponto de complementar a produção industrial. O Banco



Reunião da Società de Mútuo Soccorso Principe di Napoli em imagem da década de 1920

Acervo/FPMSCS



Operários da fábrica de colchões F. Cigolo & Cia. Ltda, em foto de 1922

União, em um período de dois anos, passaria a ser dono de 30% das terras do antigo Núcleo Colonial – entre a estação ferroviária e o Córrego do Moinho, atualmente ao lado da General Motors. A fragmentação dessas áreas interessaria, não mais à agricultura, mas, em breve, passaria às indústrias, e a seguir aos trabalhadores das indústrias, da ferrovia e do comércio.

Mas voltemos à geada, com suas diferentes narrativas, entre o subúrbio e o urbano. O frio do subúrbio ocorre à margem oficial, registra as carências daqueles que observam a partir dessas margens. Por outro lado, o frio onde reside o comando, tem registros, faz a História ao criar imagens de uma vida social entre abrigos, sapatos e aquecimento. A História oficial retrata a repercussão dos grandes eventos, replicando as vozes mais altas; ao homem comum, de fala apequenada pelo cotidiano, cabe a memória quase oculta ou invisível, sobressaindo sua voz quando atua no coletivo, entre seus pares.

A História oficial relata a participação do Brasil na Primeira Grande Guerra, mas para os coadjuvantes do subúrbio, que ainda cultivavam suas raí-

zes europeias, como natos ou descendentes, havia a adesão ao conflito e o sentimento de perda e morte dos que aqui se alistaram e não voltaram<sup>8</sup>. Havia também a carestia, a falta de alimentos, o insucesso das roças e a venda dos lotes que transformavam agricultores em operários – substituíam o ritmo das estações do ano pelo apito da fábrica, da rotina.

Os jornais que chegavam ao distrito de São Caetano, desde maio de 1918, relatavam uma doença de difícil diagnóstico surgida na Europa, vitimando cidadãos em grande escala. O anúncio esclarecedor e final apareceria seis dias depois da geada, nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Comércio*, os quais elucidavam aos seus leitores que a doença era gripe ou influenza, como se referiam à “Gripe Espanhola” – primeiro país a alertá-la e onde até mesmo o seu rei caíra enfermo.

A gripe espanhola trouxe uma trágica primavera para São Paulo. A região da cidade e entorno de São Paulo concentrava grande parte das estatísticas de mortes publicadas no *Annuario Demographico do Estado*, de 1918, uma vez que, devido ao acelerado processo de urbanização promovido pela industrialização, aglomerações, movimentações e precárias condições de moradia eram uma variável de risco. Assim, essas regiões contribuíam para que os meses de outubro, novembro e dezembro apresentassem o período mais crítico do ano, com 99,23% das mortes pela influenza – durante todo o ano de 1918 os óbitos por gripe somaram 5.372, sendo no último trimestre 5.331, registrando, entre outubro e dezembro, 116.177 casos de gripe espanhola.

Mas os óbitos não se encerraram naquela primavera, adentraram o verão e regressaram com força no inverno de 1919. O número de mortos diários na cidade de São Paulo saltou de 14, em 25 de outubro, para 77, no dia 30 do mesmo mês. Contribuíram para a continuidade o descaso com a saúde pública, o despreparo das autoridades e do Serviço Sanitário do Estado para enfrentar uma epidemia de tais proporções; somados às péssimas condições socioeconômicas e sanitárias da maioria da população.

Mas isso não poupou as mortes, principalmente dos homens, que no seu cotidiano de trabalho se movimentavam e se expunham aos riscos. Dessa forma, homens casados, trabalhadores e operários, com idades entre 22 e 35 anos, foram a maioria das vítimas. A sensação de medo e impotência cresceu entre a população a ponto de verificarmos uma notícia, publicada dia 23 de outubro pelos jornais de São Paulo, da tentativa de suicídio de um operário ao supor estar com gripe espanhola, porque tinha dor de cabeça. Tãmanha era a incidência, sobre operários, imigrantes em sua maioria, que se propôs a distribuição de um texto em italiano, com instruções de cuidados e profilaxia, entregue de porta em porta nos bairros operários e nos subúrbios.

Os setores mais abastados da sociedade apontaram menor mortalidade, já que contavam com

boas condições de moradia e alimentação – garantindo uma maior resistência à doença – além disso, tinham acesso a bons serviços médicos, inclusive, alas exclusivas nos hospitais. Sua probabilidade de sobreviverem à gripe era bastante alta. Ao final de 1918 os dados do Serviço Sanitário apontavam que a gripe espanhola vitimara 1% da população estadual – entretanto devido às falhas de coleta de dados no primeiro mês da epidemia, estes números poderiam ser drasticamente maiores.

Entretanto, a capacidade da sociedade civil em criar redes de apoio foi fundamental por prestar serviços de socorro, oferecer atendimento médico-terapêutico, transporte, roupas e alimentos. Transformara-se a Hospedaria dos Imigrantes em enfermaria, atendida pela equipe cedida pela Cruz Vermelha Brasileira, assim como por congregações religiosas. Outras como a maçonaria e associações espíritas prontificaram-se a ajudar.

O distrito de São Caetano, em 1918, não dispunha de médico que aqui residisse, farmácias instaladas ou mesmo hospitais para atender a população contaminada. Seus moradores recorriam ao isolamento, às ervas medicinais, ou aqueles que dispunham de meios tomavam Sal de Quinino<sup>9</sup> – que se alardeava como uma cura, mas sem qualquer comprovação científica, mas graças à desinformação, a indústria se aproveitava e promovia Água Tônica de Quinino como remédio.

Os relatos dessa primavera impactaram os moradores de São Caetano. Os poucos recursos para combater a gripe espanhola eram a solidariedade. Os laços de vizinhança formam elos de amparo, quando uma perda próxima pode enfraquecer a corrente comunitária. A memória do medo, da rotina quebrada, não foi dimensionada pelo *Annuario Demographico*, tampouco fora destaque nos jornais, mas estava presente nas narrativas familiares – não com o tempo cronológico da História, mas na cronologia atemporal da oralidade, onde os impactos mais profundos cavam lembranças e se estendem a ponto de delimitar o antes e o depois.



Olaria de Ângelo Moretti, em foto de 1916



Trabalhadores na olaria da família Perrella, em 1926

Assim como o distrito de São Caetano, as cidades brasileiras não estavam preparadas para a saúde, mas guardadas as devidas comparações, teriam mais recursos para aquela que viria a ser a primeira grande pandemia noticiada. As principais cidades brasileiras estavam voltadas às remodelações urbanas, que, apesar de chamarem-se de “higienistas”, buscavam livrá-las dos “miasmas” e das doenças. Talvez as enfermidades que buscaram sanar não afligissem o corpo humano, como um todo, mas resumiam-se àquelas que atingiam seus olhares.

Estas remodelações urbanas se deram na Avenida Central, do Rio de Janeiro, e no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Acreditava-se que acabariam com as doenças removendo cortiços e os indesejáveis que moravam neles, como garçons, motorneiros, carregadores, “mulheres da vida”, dançarinas e, principalmente, biscateiros ou diaristas, aqueles sem profissão definida – a estes deslocados destinavam-se os desvãos dos negros, imigrantes e operários, em seus cortiços do Brás ou da Mooca.

As ciências sanitárias receberam incentivos governamentais para conter os avanços da febre amarela, no porto de Santos e no centro do Rio de Janeiro. Uma busca desvencilhar-se da pecha de “Porto da Morte” e a outra perseguia a meta de livrar-se de doenças crônicas, que assolavam a capital republicana, desde as iniciativas de Dom João VI. Assim surgiram os atuais Instituto Butantã e a Fiocruz.

A vacinação obrigatória e compulsiva, promovida por Oswaldo Cruz, não foi recebida muito bem por uma população desgastada pelo “bota abaixo” para a abertura da Avenida Central. Assim, surgiram as revoltas da Vacina, do Vintém e outras tantas que conduziram à revisão da política do café-com-leite. Ciência, sociedade e política nem sempre foram sincrônicas.

O subúrbio, desde o seu nascedouro, como herdeiro do trabalho beneditino, congregando escravos africanos e índios apesados, recebeu imigrantes italianos em seu Núcleo Colonial, para que se reconfigurasse o trabalho livre, não como assalariado, mas como a livre iniciativa de trabalho agrícola para aqueles que desconheciam como e o que cultivar

nesse clima. O trabalho agrícola “livre” conduziu o imigrante à produção de videiras, algo conhecido, difícil de aclimatar, mas que lhe brindou uma curta prosperidade; até a praga de filoxeras<sup>10</sup> – graças a esta situação e às condições climatológicas desfavoráveis, os colonos, desanimados pela devastação, atiraram-se às matas, à extração de madeira, lenha e carvão vegetal.

Entretanto, as vicissitudes de fome, doença e morte acompanham o nascimento do Núcleo Colonial, uma vez que decorridos menos de 90 dias da sua instalação, em 1877, foram notificadas 18 mortes, uma a cada cinco dias, totalizando 10% da população. Após 11 meses da instalação do núcleo, contabilizavam-se 26 mortes, mormente crianças, por tifo, oftalmia purulenta, febre tifoide, diarreia, reumatismo, e principalmente pela incompreensão, ou estranhamento. Todas essas mortes, e as subsequentes, por 34 anos tiveram de esperar até 1911 para a inauguração de um cemitério local.

O trabalhador temia pela reprodução do seu trabalho. A interrupção por morte, doença ou viuvez exigiu uma organização, que não poderia depender de uma estrutura oficial e sim de núcleo aglutinador reconhecido e representativo: a igreja em homenagem a São Caetano, oriundo da Itália, tal como os colonos. Assim, em 8 de maio de 1879, a Irmandade de São Caetano é reconhecida pelo bispo de São Pau-

lo – uma das primeiras formas de organização que tinha como finalidade amparar a família com um caixão comunitário, acompanhar o enterro nos cemitérios de São Paulo (Brás ou Consolação) e celebrar os ritos fúnebres religiosos. As contribuições e anuidades tinham por finalidade atender a Irmandade no auxílio e socorro às viúvas, órfãos dos falecidos, e aos que caírem na indigência – a pobreza ligada à morte, decorre do sentimento de perda, do trabalho, do provedor familiar.

Entende-se que a morte transcendia o núcleo familiar, devendo ser tratada socialmente, já que as perdas eram plurais, corporativas, dentro de um grupo de indivíduos que se conectavam às suas heranças culturais e nacionais. A mediação da sociabilidade era pela religião – reproduzindo-se, assim, a configuração espacial do núcleo urbano da colônia, onde a igreja era irradiadora e concentradora das relações de sociabilidade.

A compreensão do espaço religioso ampliado, como parte interessada do quadro social, explica o conflito ocorrido na noite de domingo de 18 de setembro de 1887, dentro da igreja, durante o culto, quando membros da comunidade (seguramente da Irmandade) atacaram-se com funcionários da Olaria Paulista, relatando-se tiros, facadas, pedradas e cacetadas – noticiado no jornal *Província de São Paulo* com ferimentos em três homens e uma mulher, do Núcleo Colonial.

O trabalhador temia pela reprodução do seu trabalho. A interrupção por morte, doença ou viuvez exigiu uma organização, que não poderia depender de uma estrutura oficial e sim de núcleo aglutinador reconhecido e representativo: a igreja em homenagem a São Caetano (...)

Explica-se esse conflito como parte das tentativas da Irmandade de São Caetano de se opor à expansão da Olaria Paulista sobre os lotes urbanos – especificamente sobre a própria igreja e seu espaço circundante. Acontece que a compra dos primeiros lotes aos colonos deu-se em 1880 pelo dentista sediado em São Paulo, Samuel Eduardo da Costa Mesquita, sempre por meio de testas-de-ferro, inicialmente na margem esquerda do Córrego dos Meninos, junto à linha férrea e terminaria se apropriando dos fornos beneditinos para sua olaria, instalados atrás da capela de São Caetano. Essas ações terminaram por interromper o espaço de sociabilização, à frente e atrás da capela.

A Irmandade recorrera, em 1885, à Fazenda do Império, antes disso, em 1881, questionou a Tesouraria da Fazenda de São Paulo, sobre a legalidade dessa expansão e compras. Parece que as aquisições de Samuel Mesquita chegaram ao limiar, com a compra do lote ao lado da capela, deixando claro aos colonos que suas intenções de expansão sobre as construções beneditinas não se restringiriam à casa grande, instalações fabris e o pátio – a capela e seu adro seriam o próximo passo.

A obstinação e os questionamentos dos membros da Irmandade de São Caetano, para defender o espaço considerado identidade sociorreligiosa, explodiram em conflito naquele domingo de setembro de 1887, quando os funcionários da Olaria Paulista ousaram invadir a capela para intimidar a irmandade. Debalde, foram as agressões e os tiros. Em 1894, Samuel Mesquita falece, seu patrimônio é comprado pela Pamplona, Sobrinho & Companhia, quando todas as aquisições questionadas às fazendas da província e do império passam à fábrica de sabão e graxa – posteriormente à Matarazzo, que termina por enclausurar a igreja.

Dessa forma, a proteção ao trabalhador estendia-se além do auxílio à miséria, à viuvez, à perda do trabalho e à morte, abrangia o amparo ao espaço social coletivo. A defesa dos interesses perante a extinção ou interrupção do trabalho refletia-se na interrupção e na ameaça da extinção do espaço social.

Mas as relações de dependência e auxílio se alteram à medida que as indústrias se instalam, somam-se as relações com as instituições financeiras, que administram as remessas de dinheiro entre o Brasil e a Itália, também aos agentes marítimos que trazem os imigrantes, promovem assim uma revisão das entidades sociais, retirando-as do espaço religioso e inserindo-a no meio empresarial. Desta forma, em 11 de dezembro de 1892, é fundada a Societá de Mutuo Soccorso Principe di Napoli, a primeira entidade destinada ao mútuo socorro de seus associados – perdurou até 1988, deixando presente até hoje a sua marca com a fachada da sua sede na Rua Perrella.

Esta sociedade fora fundada em uma reunião de 110 moradores, maior parte deles de homens, que não eram da primeira leva de imigrantes (provenientes de Veneto, instalados em 1877). Boa parcela deles era de italianos da segunda leva de imigrantes, originários da região de Mântua. Os laços de ligação com a Itália não se dariam somente no nome, mas na larga maioria dos associados. Até mesmo as atas chegavam a ser lavradas na língua-mãe, assim como seus debates<sup>11</sup>. Os associados, todos italianos ou seus descendentes, teriam direito a diárias em casos de doença, pagamento de despesas farmacêuticas, acompanhamento nos velórios e enterros<sup>12</sup>. Familiares que não tivessem possibilidades poderiam contar com acompanhantes ao pé do leito dos doentes (tal como enfermeiros).

As mudanças econômicas da política de encilhamento, somadas às perdas na produção das videiras atacadas pela filoxera, promovem a transição de uma sociedade essencialmente rural, que passa a incorporar valores urbanos, quando estreitam-se relações políticas com a família Fláquer, republicanos que ascenderam politicamente durante a República Velha, com fortes laços em Santo André.

Assim, as atas das reuniões na Principe di Napoli estampam homenagens a empresários e políticos. Havia uma relação de dependência entre as indústrias instaladas, já que o fundo mútuo orga-



nizado a partir das contribuições dos associados, atuava tal como uma associação de seguros, de natureza cooperativa assistencial, portanto lhes interessava associar seus operários para não assumir encargos sobre eles. Este grupo acreditava que as contribuições remetiam a uma previdência, que não distinguia a caridade aos necessitados, desde que associados, pela urgência corporativa – distinguia-se da Irmandade de São Caetano que era eminentemente caritativa.

Se a Irmandade buscava reforçar os laços sociais da morte e da doença, estreitando-os em uma ligação religiosa de uma caridade que não desvinculava o espaço social, a Societá supriria assistencialmente a família expandida dos imigrantes italianos, frente a uma nova realidade que se afastava do meio rural, a caminho de uma urbanidade de relações estendidas em direção à industrialização. Assim não tardaria a estreitarem-se relações com industriais para prover assistência, em um momento onde a previdência ao operário era uma ténue linha no horizonte das reivindicações sociais.

Neste contexto de aproximação com a indústria, surge uma visão internacionalista, que introduziria outras possibilidades associativas, que não as italianas, para minimizar a morte, a doença – mas agora desprovidas da herança latina e do amparo religioso. Em 15 de novembro de 1907, funda-se a Sociedade Beneficente Internacional União Operária – que se propunha a pagar diárias aos doentes que não pudessem trabalhar, arcar com despesas médicas ou farmacêuticas e, de maneira similar às associações anteriores, acompanhar a viagem ao túmulo dos associados. Nesta associação, a origem ou a religião não importariam, desde que se respeitasse a carência de nove meses de contribuição.

Neste modelo, a clara mão da indústria estava por trás, para promover e instrumentar práticas que permitissem a continuidade do trabalho, não mais pela caridade cristã, nem pelo amparo da origem latina comum, mas pela continuidade da produção. Não por acaso, no momento da fundação da União Operária, estava presente Virgí-

nio de Rezende, diretor da Fábrica de Formicida Paulista, naquela cerimônia recebendo o título de presidente honorário ao garantir uma significativa doação. Coincidentemente, no ano seguinte, o presidente eleito da União Operária seria o gerente da Fábrica de Sabão e Graxa Pamplona, Sobrinho & Cia., o engenheiro Constantino Serafini – que, repetindo o gesto do colega industrial, no ano anterior, fez significativa doação aos cofres.

Tanto a Societá de Mutuo Soccorso Principe di Napoli, como a Sociedade Beneficente Internacional União Operária eram corporativistas, mas nenhum operário chegara a presidi-las. As semelhanças encerravam-se nas comemorações ou brindes; se na Principe di Napoli as reuniões encerravam-se com vinho, na União Operária seriam celebradas cervejadas. Nas atas da União Operária, os associados eram denominados operários, na Societá eles eram “necessitados”. Na Societá, o auxílio mútuo era solidário, destinado ao amparo do trabalhador, e na União, o trabalho englobaria o risco do pequeno empreendedor ou comerciante, caracterizando-a como previdenciária.

A indústria trouxera a este solitário distrito uma nova modalidade da morte, aquela ocorrida pelo despreparo para atuar junto ao maquinário, a abrupta morte dos acidentes e mutilações. Elas poderiam vir do descarrilhamentos, das explosões nas fábricas, ao lidar com pólvora, formicidas ou outros contaminantes. A morte não seria encarada com solidão, mas parte do rito social que se combatia em coletivo, solidariamente.

A morte, a doença, a viuvez, o desamparo dos órfãos e, principalmente, o medo da interrupção do trabalho foram uma constante nos primeiros anos da instalação do Núcleo Colonial. Não diminuíram ao lento esmaecer da atividade agrícola, ou se encerraram no amanhecer da instalação das indústrias – ao contrário, a necessidade de vinculações demonstra a formação de redes de proteção.

Estas redes de proteção não necessitavam de instituições para ampará-las ou conduzi-las, poderiam emanar internamente, nos elos de vizinhan-

ças, tal como ocorrera na subscrição para a compra do terreno para o cemitério, a fim de evitar o longo percurso pranteado da morte.

Voltemos à gélida manhã do dia 25 de junho de 1918, aquela foi a mais baixa temperatura registrada em São Paulo; no subúrbio ela seria medida com o frio prenúncio de mais um dia de trabalho nas fábricas - sem os graus Celsius. Os operários teriam sentido o ar frio através das poucas roupas e da marmitta apertada junto ao peito. A lógica do trabalho impunha-se sobre o operário, as famílias e o vínculo de vizinhanças, uma vez que, na falta dele, a interrupção do trabalho levaria à pobreza e ao desamparo.

Os eventos seguintes àquela manhã de frio, com o agravamento da guerra na Europa, ceifando jovens, aqui nascidos, defendendo vínculos com a terra-mãe, somaram-se às vítimas da influenza espanhola - cujas marcas transparecem hoje, na repetição de novas vítimas e mesmos desatinos. As mortes em São Caetano seriam contabilizadas pelo Serviço Sanitário do Estado, diluídas dentro do município de São Bernardo; se somariam àquelas que marcaram o início do Núcleo Colonial, enfrentadas em solidariedade, vizinhanças, irmandades, sociedades e uniões.

As soluções higienistas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro não impediram as mortes da gripe espanhola. Mesmo sob as notícias das mortes na Europa, a eminente chegada ao Brasil, as ações oficiais pouco precaveram. As instalações provisórias de enfermarias e hospitais minoraram, mas não combateram eficientemente e procuraram a cura. As falsas ilusões de remédios, insuflados por aproveitadores, aumentaram lucros nas indústrias. Mas as cidades não mudaram seus traçados, não se alteraram fisicamente, nem perderam os medos aos miasmas dos olhares.

Estas fábricas que surgiram em São Caetano, no alvorecer do século 20, transformaram o núcleo urbano da colônia em uma cidade. Com as indústrias desapareceram as casas de operários na

Rua Um, encapsularam a igreja, elas tomaram os espaços fundacionais do núcleo beneditino; mas as irmandades se opuseram, lutaram para preservar os espaços comunitários, criaram sociedades de socorro, na falta de assistência buscaram formas de prover viúvas e filhos, garantiram consolo e acompanhamento a doentes e órfãos. As pandemias e doenças vieram e ceifaram vidas. Cidades são o palco da interação em constante mudança, as motivações civis de assistência e amparo prevalecem e persistem. ■

#### Notas

<sup>1</sup> Esta fábrica instalada em 1896 sobre os terrenos do conjunto de edificações da fazenda beneditina comprada as instalações da Olaria Paulista, de 1880, propriedade do dentista sediado em São Paulo, Samuel Eduardo da Costa Mesquita, falecido em 1894.

<sup>2</sup> O leito da Rua Rui Barbosa foi permutado em 1939 pela prefeitura de Santo André com as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, por uma área próxima, com 2.681 m<sup>2</sup>. Os lotes e as edificações foram comprados, um a um, com os proprietários. Atualmente estas lembranças jazem sob os escombros das IRFM.

<sup>3</sup> A documentação inicial da fábrica indicava como um dos diretores o destacado membro do Partido Republicano Paulista e futuro governador do Estado, Manoel Joaquim de Albuquerque Lins.

<sup>4</sup> Posteriormente ela seria nomeada Rua João Pessoa.

<sup>5</sup> Isto explica por que o arruamento da atual Rua 28 de Julho não está alinhado com a Igreja São Caetano, mas sim com o centro das construções beneditinas, hoje desaparecidas, jazem sob os escombros das IRFM.

<sup>6</sup> Ernesto Gattai fora empregado na oficina de seu pai, na Rua Barão de Itapetininga (oficina de consertos de bicicletas, armas de fogo, máquinas de costura, etc.) e para mudar de vida buscou o "Registro de Conductor", empregando-se como chofer da família Prado. Ernesto Gattai, em 1916, torna-se pai da escritora Zélia Gattai - a família tinha membros produtores rurais São Caetano.

<sup>7</sup> Em 1891, o Banco União criara a Fábrica Votorantim, dentre as maiores produtoras têxteis do Estado de São Paulo. Localizava-se no município de Votorantim, junto aos trilhos da E. F. Sorocabana, dispunha de uma pequena central hidrelétrica às margens do rio Sorocaba para o fornecimento de energia aos fusos e teares. Seria adquirida por Pereira Ignácio, que formaria o Grupo Votorantim (Sociedade Anônima Fábrica Votorantim), com atuação no setor têxtil, exploração de cal e cimento que assumiria a venda dos lotes em São Caetano.

<sup>8</sup> Jovens como Antônio Forantini, filho do comerciante Gino Forantini, nascido em São Caetano, que em 1915 partiu para se alistar no exército italiano. Lutou nas trincheiras, contraiu tifo e faleceu na linha de frente.

<sup>9</sup> O Serviço Sanitário do Estado emitiu uma série de considerações chamadas de "Comunicação de Serviço Sanitário", dentre as recomendações veiculadas pela imprensa constava: "As inalações de vaselina mentolada, os gargarejos com água e sal, com água iodada, com ácido cítrico, tanino e infusões de plantas contendo tanino, como folhas de goiabeira e outras, são aconselháveis. Como preventivo, internamente, pode-se usar qualquer sal de quinino nas doses de 0,25 a 0,50 centigramas por dia, devendo usá-lo de preferência no momento das refeições para impedir os zumbidos nos ouvidos, os tremores, etc."

<sup>10</sup> Segundo Relatório na Secretaria da Agricultura de 1897, a safra de 1894 fora devastadora.

<sup>11</sup> Encerrara-se o uso da língua italiana somente em 1935, já dentro do Governo de Getúlio Vargas.

<sup>12</sup> Basta lembrar que os Cemitérios eram longe, somados aos escassos meios de locomoção até o atual Cemitério da Quarta Parada ou o Cemitério da Consolação, impingiam um sacrifício extra aos familiares além da perda do ente querido.

#### Referências bibliográficas

ESSANEZI, Maria Silvia C. Baazzo. Uma trágica primavera. A epidemia de gripe de 1918 no estado de São Paulo, Brasil. ESTADO DE SÃO PAULO, p. 73, 2013.

BERTUCCI, Liane Maria. "Conselhos ao povo": educação contra a influenza de 1918. *Cadernos Cedex*, v. 23, n. 59, p. 103-118, 2003.

\_\_\_\_\_. A onipresença do medo na influenza de 1918. *Varia História*, v. 25, n. 42, p. 457-475, 2009.

\_\_\_\_\_. Epidemia em papel e tinta. *Khronos*, n. 6, p. 11-11, 2018.

GARBELOTTO, Oscar. Cenas do Bairro da Ponte. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 6, p. 50-58, jan. 1992.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo*: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.

\_\_\_\_\_. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

\_\_\_\_\_. *O imaginário na imigração italiana*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2003.

MIMESSE, Eliane. Imigrantes italianos no núcleo colonial de São Caetano do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 26, n. 1, p. 163-182, 2000.

SILVA, Gustavo Pereira da; COSTA, Armando João Dalla. A formação do Grupo Votorantim: as origens de um grupo econômico brasileiro no setor têxtil de São Paulo (1891-1929). *Economia e Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 321-354, 2018.

VERONESI, Henry. Italianos e Oriundi na Iª. Guerra Mundial. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 6, p. 4-9, jan. 1992.

Enrique G. Staschower

é arquiteto graduado pela Universidade Braz Cubas, mestre em Culturas e Identidades Brasileiras, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coordenador e docente no curso de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Santo André. É autor dos livros *Arquitetura Brasileira - da Arquitetura Colonial às Divergências no Modernismo e Arquitetura e Urbanismo - Paisagismo de Jardins e Plantas Ornamentais*.

# É grande o teu valor...

O HINO OFICIAL DE SÃO CAETANO DO SUL está completando 65 anos em 2020. Instituído pela lei municipal nº 549, de 23 de agosto de 1955, tem como autor da letra José de Almeida Filho, e Roberto Manzo, como compositor da música. A dupla foi vencedora de um concurso realizado pela prefeitura, durante o governo de Anacleto Campanella (1953-1957), para a escolha do hino, tendo sido premiada com o valor de 5 mil cruzeiros.

O maestro Roberto Manzo foi figura importante no desenvolvimento cultural da cidade. Teve forte atuação na Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc) e foi professor e diretor da Fundação das Artes. Nasceu em 1937, em São Paulo, vindo a radicar-se em São Caetano do Sul em 1943. José de Almeida Filho dirigia a Corporação Musical Santa Cecília e faleceu em 1979.

Em 1967, o hino foi gravado por Mário Ferreira, então diretor da Rádio Cacique e distribuído na cidade. No ano de 2010, recebeu novo arranjo, orquestrado por Sérgio Assumpção (que também fez a regência) e Gesiel Vilarubia. A gravação envolveu a Orquestra Filarmônica de São Caetano, um dos organismos da Fundação das Artes.. A música conta também com as vozes dos coros masculinos da Fundação das Artes e do Colégio Visconde de Porto Seguro. ■

## HINO DE SÃO CAETANO DO SUL

Letra: José de Almeida Filho  
Música: Roberto Manzo

**São Caetano, pequeno gigante  
Sob um céu estrelado e de anil  
És cidade, trabalho, és progresso,  
És infante do nosso Brasil.**

**Do passado nos resta a lembrança  
De heróis que souberam te erguer  
Para frente, para frente,  
São Caetano, tu tens que crescer.**

**Do triângulo joia rara,  
Dá exemplo do teu vigor  
E tua luta não para,  
É grande o teu valor. (Bis)**

**Mais e mais chaminés se levantam,  
Apitos fazem-se ouvir;  
Do trabalho é tua glória,  
De grandeza será teu porvir.**

**No futuro será monumento  
O Brasil saberá te eleger.  
Para frente, para frente,  
São Caetano, tu tens que crescer.**

# Colombina: a usina que nasceu em São Caetano

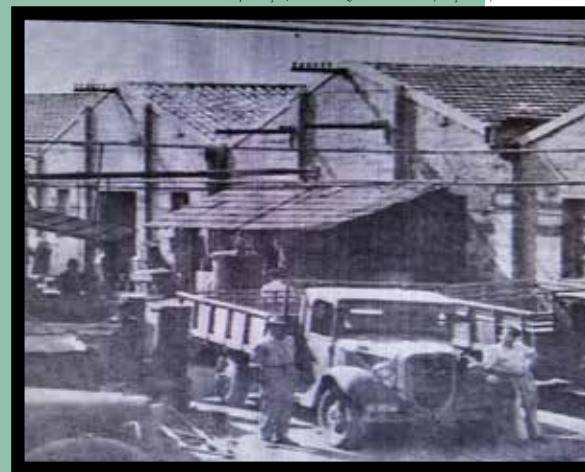
▣ Humberto Domingos Pastore

**NOS IDOS DE 1920**, em um pequeno barracão na São Caetano que era só um distrito de São Bernardo, nascia a Usina Colombina. Durante várias décadas, ela funcionou no número 1 da Rua Luiz Gama, uma travessa da Avenida Goiás, ao lado esquerdo de quem olha de frente para a General Motors (GM). Este espaço foi adquirido pela fábrica de veículos quando, por volta de 1970, a Colombina se transferiu para o Centro Industrial do Jaguaré, em São Paulo.

Infelizmente, nos anos 1990, a empresa entrou em processo de falência, e segundo relatos, alguns ex-empregados, aborrecidos com a demora em receber os direitos trabalhistas, saquearam as instalações

e queimaram os documentos. O certo é que realmente poucos registros históricos foram deixados por essa que, por quatro, cinco décadas, empregou gerações de moradores de São Caetano do Sul.

Em um garimpo preliminar vasculhamos a coleção da revista *Raízes* e encontramos algumas informações. Na edição de número 2, na página 44, uma foto mostra dois caminhões da empresa. Em *Raízes* nº 20, na página 83, uma citação nos informa que a GM havia comprado o seu terreno. Na revista nº 21, podemos ver uma foto da calçada onde a usina ficava localizada, na página 91. Na edição seguinte, de número 22, a página 16 nos traz um pequeno informe sobre a Usina Colombina ter sua fábrica em São



Aspecto da parte interna da Usina Colombina em São Caetano do Sul, na década de 1940

Caetano, mas com escritório na Rua Silveira Martins, caixa postal 1469, em São Paulo. E que tinha sido fundada em 1929, com um capital de Cr\$ 5.000.000,00 (*Cinco milhões de cruzeiros*), pelos sócios Carlos de Barros e Salo Wissmann. Já nas revistas 23 e 31, há pequenas citações, nas páginas 43 e 24, respectivamente. E, por fim, na edição especial sobre a autonomia de São Caetano, publicada em 1998, na página 8, temos uma foto, informando que esta empresa funcionava na cidade.

Curiosamente, contrapondo o informe do ano de fundação citado acima (1929), uma extensa reportagem publicada na edição nº 577 da *Revista de Química Industrial*, de maio de 1980,

ocupando as páginas de 9 a 14, cita que a abertura da empresa teria sido no ano de 1920.

Essa reportagem traz imagens do período inicial da Usina Colombina, em São Caetano, e da sede no Jaguaré. O texto relembra que ela ficou conhecida pela fabricação pioneira do lança-perfume *Colombina*, que tanto sucesso fez nos carnavais dos anos de 1950 até meados da década seguinte, quando teve sua venda proibida por um decreto do então presidente Jânio da Silva Quadros. Além do histórico produto carnavalesco, essa usina também fabricava álcool, éter e ácido sulfúrico, artigos adquiridos pelas farmácias, laboratórios e hospitais. Já em São Paulo, a empresa focou no campo agrícola, produzindo micronutrientes e adubos foliares e, mais tarde, herbicidas e defensivos agrícolas.

Documentos relatam que, em 1947, a Usina Colombina se transformou em Sociedade Anônima, e que seus proprietários doaram algumas ações a Abílio Borin, que logo passou para o cargo de diretor administrativo. Em 1967, Borin assumiu o posto de diretor responsável da fábrica. Sabe-se que, em 1971, ele decidiu montar um negócio próprio voltado ao ramo de mangueiras de borracha. Abílio Borin dá nome a uma rua na capital paulista.

Como valor histórico, cabe deixar registrada a publicação, na coluna 2 da página 8.843, do *Diário Oficial da União*, de 18

de abril de 1959, do decreto nº 44.877, “concedendo, em caráter permanente, autorização para Usina Colombina S.A., estabelecida em S. Caetano do Sul, funcionar aos domingos e nos feriados civis e religiosos”. Assinado pelo então presidente da República, Juscelino Kubitschek, era datado de 26 de novembro de 1958 (com as referências ao 137º ano da Independência do Brasil e ao 70º da Proclamação da República).

### **Importantes relatos**

Esta pesquisa teve as redes sociais como apoio para a coleta de depoimentos de quem tivesse algo a contar sobre a Usina Colombina, referente ao período em que esta esteve instalada em São Caetano. E alguns relatos vieram reforçar as informações.

Jeronimo Della Colleta recorreu: “De 1950 a 1955 meu avô, Antonio Della Coletta, e meu pai (seu filho), Angelo Onorato Della Colleta trabalharam na Usina Colombina, que ficava ao lado da linha férrea. Meu avô trabalhava como carpinteiro e fazia caixotes para abrigar as bombonas. Ela fabricava ácidos, similares e até lança-perfumes usados nas festividades do carnaval. Anos depois a General Motors comprou o local”.

Sara Jane Zanetti nos enviou uma relíquia, uma foto que mostra um *happy hour* realizado pelos empregados da Usina Colombina, em São Caetano do Sul, nos anos de 1960. E explica: “Meu

sogro, Antonio Zanetti, que faleceu aos 90 anos, se aposentou nessa empresa. Na foto (fora de ordem), estão Michel (químico responsável), Benedito, Mercedes, José da Paz, Alcides, Ulisses, Manoel, Maurício, Damião, Agenor, Merguilho, seu filho e Zanetti. A imagem foi registrada dentro do bar que ficava na esquina das ruas Antonio Bento e Américo Brasiliense”.

Nazaré Reis relata: “Lembro pouco. Não me recordo bem o ano. Meu marido, Manoel Reis, trabalhou muito anos como motorista, e ele passou para autônomo quando a Colombina se mudou para o Jaguaré. Lembro que era muito agradecido pela compra do caminhão. Ele falava que tinha sido um negócio de pai para filho. É que venderam com preço simbólico. Meu marido dizia que a Colombina começou fazendo lança-perfume. Quando proibiram eles passaram para os produtos químicos”.

Em outra recordação afirmou que “naquela época a usina fornecia vale-almoço para os funcionários. Aos domingos, faziam baile na fábrica. Os colegas do meu marido eram o mecânico Argemiro, o Custódio, Manoel e os Cobras (pai e filho). E tinha o ajudante Pedro, que morava na Rua Campinas, e sua esposa era a Almerinda. Só me lembro desses nomes pois, de vez em quando, vinham a minha casa para tomar caipirinha”.

## Depoimento de quem lá trabalhou

Quem nos ajudou bastante na pesquisa sobre o resgate da história da Usina Colombina S.A foi Adelina Reis Orphão, que, na sua infância e juventude, morou em São Caetano do Sul (hoje reside na capital). Ela entrou na empresa em 1964, com 16 anos de idade.



Adelina Reis Orphão e seu pai Manoel Reis, ambos funcionários da Usina Colombina

### Como se deu sua entrada?

“Fui apresentada por meu pai, Manoel Reis, que trabalhava lá desde 1949, com o sogro dele, meu avô português Agostinho Cabral, que o tinha apresentado. Ambos eram ajudantes, na função de encaixotadores. Tinham vindo da roça, nunca frequentaram escola e mal sabiam escrever. Mas como meu pai começou a estudar no Instituto Monitor, fazendo curso de mecânico de automóveis, foi passando de função, chegando a ser motorista. Meu avô continuou como ajudante, trabalhando lá até sua trágica morte, em um acidente, em 1960. Era muito querido na usina (...). Eu saí no início de 1968, quando muitos funcionários foram dispensados por não quererem assinar a nova lei do Fundo de Garantia sobre Tempo de Serviço, que entrava em vigor naquele ano.”

### Algumas recordações daquele período?

“Como era menor de idade, entrei como aprendiz de escritório, e passei a auxiliar do depar-

tamento de vendas, na função de faturista. Acredito que havia uma média de 100 trabalhadores. Nos escritórios, eram cerca de dez, e, na direção, umas cinco pessoas. Lembro-me de um fato que marcou: Um funcionário, ao vistoriar um tanque de ácido, caiu nele e foram achados somente seus ossos. Tinha também um italiano (não recordo o nome) que, para economizar, apenas almoçava pão e bananas, ano após ano. Havia também três irmãos, de sobrenome Nogueira Pinto: Ulisses e Mercedes, da fábrica, e Luiz, do escritório, que eram antigos na empresa e muito considerados pelos patrões. Moravam na Vila Industrial”.

### Quais itens a empresa produzia?

“O forte da produção foi um produto novo no país, o lança-perfume *Colombina*, que fez muito sucesso nos anos de 1950, até a sua proibição. Era acondicionado em um tubo cilíndrico de vidro fino, com tampa spray. Tinha um belo rótulo, ilustrado por desenho de uma bela jovem



Adelina Reis, em foto de 21 de fevereiro de 1966

dançando entre confetes e serpentinas. Mas os produtos que eram fabricados e levados para muitos pontos, como o porto de Santos, eram os diversos tipos de ácidos (clorídrico, sulfúrico, muriático, etc) e vários outros materiais químicos em pó. Os ácidos eram acondicionados em grandes ‘bombonas’ de vidro, que eram protegidas por caixotes de madeira. Uma gota que pingasse por acidente, furava o que encontrasse pela frente. De São Caetano se transferiu para São Paulo, no Bairro Jaguaré. Meu pai a acompanhou e ainda trabalhou lá muitos anos até se aposentar”.



Caminhão da Usina Colombina, na frente do Museu Paulista (mais conhecido como Museu do Ipiranga). Manoel Reis (o primeiro, a partir da esquerda) posa ao lado de dois ajudantes. Foto de 1951



Funcionários da Colombina durante *happy hour*, realizado na década de 1960. Foram identificados, na imagem: Michel (químico responsável), Benedito, Mercedes, José da Paz, Alcides, Ulisses, Manoel, Maurício, Damião, Agenor, Merguilho, seu filho, e Antonio Zanetti

## Você tem fotos daquela época?

“Foto, infelizmente, não tenho, a não ser duas do meu pai, com o caminhão e a caminhoneite da Usina Colombina. Daquele tempo, tenho gravado na mente apenas a visão da entrada, que ficava no número 1 da Rua Luiz Gama. Mais para baixo, havia um grande portão, e, a seguir, a edificação, a portaria, depois o departamento pessoal, os escritórios e, por fim, a fábrica. Tudo em alvenaria bem simples. O espaço todo me parecia ter uns cinco mil metros quadrados. Recordo de alguns colegas do escritório, na maioria, moças, que hoje, se vivas, devem ter por volta de 75 anos: a Cleide, que era secretária da diretoria; a Neide, que morava na Vila Candelária; Marli, da Rua Sílvia; Ana Maria Dorothea Hillbrunner e Tereza Bonilha, ambas da Vila Paula”.

## O que representou, para você, trabalhar na Colombina?

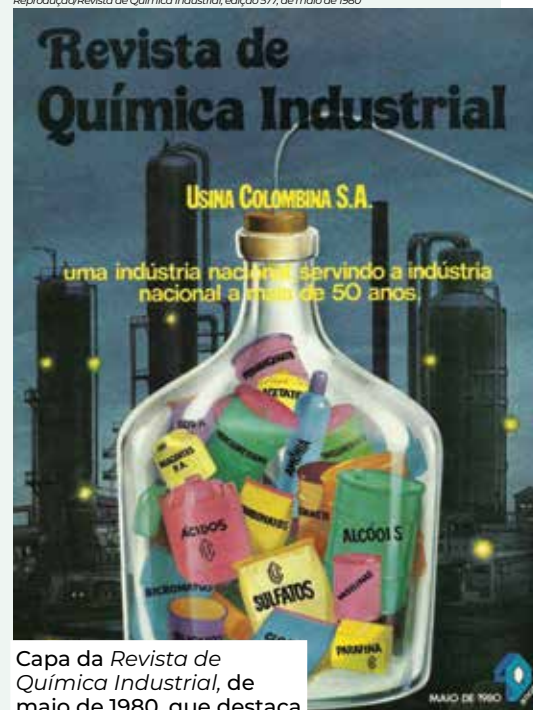
“Enfim, depois de todas estas recordações, resta dizer que foi muito bom ter tido o privilégio de viver esses tempos. Foram quatro dos meus bons anos de adolescência vividos na Colombina, com amigos inesquecíveis. Lá até conheci o meu primeiro amor (o caçula dos irmãos Nogueira), e ganhei a autoconfiança que estava precisando. Lá aprendi regras boas de trabalho, ia e vinha todos os dias, a pé, com meu pai, conversando e rindo, desde a Rua Engenheiro Rebouças, onde morávamos, e essa convivência foi muito benéfica para nós, pai e filha. Completando, de lá tenho minhas melhores recordações de uma época muito boa de ter sido vivida, e que já não se tem mais”. ■

Reprodução/Revista de Química Industrial, edição 577, de maio de 1980



Participação da Usina Colombina em feira da área química (sem data)

Reprodução/Revista de Química Industrial, edição 577, de maio de 1980



Capa da Revista de Química Industrial, de maio de 1980, que destaca a Usina Colombina

Humberto Domingos Pastore é jornalista, blogueiro e apresentador de programa de TV.

# Vincenzo D'Ângelo

## Um empreendedor italiano em nossa cidade

 Cristina Ortega



Foto: Antonio Reginaldo Cariani (FAPSCS)

Vincenzo D'Ângelo em foto de 2020

**NASCIDO NA CIDADE ITALIANA DE SALEMI**, na Sicília, em 9 de maio de 1930, Vincenzo D'Ângelo, um homem com espírito desbravador, ouvindo que do outro lado do mundo, o Brasil era o país do futuro, fez suas malas, com seu irmão, e, a bordo do navio Castelo Branco, partiu em direção às terras brasileiras. Era o ano de 1954. Desembarcando em Santos, seguiram os dois para São Caetano do Sul, onde outro irmão já morava.

Nessa época, D'Ângelo tinha 24 anos e muitas ideias de trabalho na cabeça para aqui se estabelecer. Na Itália, trabalhava como mecânico de autos e, com essa experiência, conseguiu trabalho nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo como soldador-mecânico. Não ficou muito tempo por lá. Depois de apenas 13 meses saiu em busca de outras oportunidades.

Começou a estudar Desenho Mecânico na Escola de Desenho Mecânico Santo Antônio, indo trabalhar como mecânico em uma oficina na Mooca. De lá ingressou na Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários (Cobrasma), em Osasco, como chefe de inspetor de ferramentaria e, depois de três anos, entrou na Willys Motor Company, onde permaneceu por sete anos.

Solteiro, construiu uma residência na Vila Califórnia, bairro paulistano onde morou por cer-

ca de oito anos, no decorrer da década de 1960. Nesta mesma região começou a trabalhar como autônomo com comércio próprio, no ramo de mercados e padaria.

Mas sua solteirice terminaria em 28 de dezembro de 1969, quando se casou com Cleusa Aparecida Perrella D'Ângelo, de família tradicional de São Caetano do Sul. A cerimônia religiosa aconteceu na Igreja Matriz Sagrada Família, tendo como padrinhos o prefeito Hermógenes Walter Braido e sua esposa Maria Braido.

Mas o que o faria enveredarse para o ramo hoteleiro foi a sugestão de um amigo que, ao visitar um terreno que D'Ângelo acabara de comprar, sugeriu a construção de um hotel, na Rua Serafim Constantino, em frente à estação rodoviária. Ali nascia seu primeiro empreendimento na área, o Flor do Amazonas.





Avenida Vincenzo D'Ángelo

Casamento de Cleusa e Vincenzo D'Ángelo, em 28 de dezembro de 1969. À esquerda dos noivos, vemos João Perrella (pai da noiva). À direita, posam para foto Francesca Marrone D'Ángelo (mãe do noivo) e Helena Facchini Perrella (mãe da noiva)

D'Ángelo e Cleusa após a cerimônia religiosa na Igreja Matriz Sagrada Família



Avenida Vincenzo D'Ángelo

Com o passar dos anos, outros hotéis foram sendo construídos, na Avenida Goiás, dois outros na Rua Santo Antônio, sendo um deles, o Hotel Capriccio, com a etiqueta de três estrelas. Em Mauá, no centro da cidade, ele instalou o Hotel Capriccio II. Os dois últimos estão em funcionamento.

Nas atividades sociais, com orgulho, Vincenzo D'Ángelo foi presidente do Circolo Italiano de São Caetano do Sul, na década de 1970. O empresário faz parte da Confraria da Praça, grupo de amigos que se reúne, diariamente, na Praça Cardeal Arcoverde, no Centro da cidade, para tomar um café, bater papo, mas também discutir e buscar soluções para questões relevantes para o município, em diversos aspectos.

Hoje seu trabalho continua com alegria e disposição na direção do Hotel Capriccio, ao lado de seu filho Marcelo D'Ángelo, que administra todos os negócios da família. E atualmente, no alto de seus 90 anos, fala com satisfação dos preceitos que nortearam sempre a sua vida: honestidade e trabalho! ■



Avenida Vincenzo D'Ángelo

Alguns integrantes da Confraria da Praça Cardeal Arcoverde em foto dos anos 2000. Em pé, da esquerda para a direita, vemos: Ramis Sayar, Miguel Campanella, Carmelo Conti e Franco Nobili. Sentados, no mesmo sentido, estão: Antônio Pádua, Paulo Wiermann, Ivan, Vincenzo D'Ángelo e Roberto Grandi



Avenida Vincenzo D'Ángelo

Família D'Ángelo em foto do início da década de 2010. Vemos, da esquerda para a direita: Vincenzo D'Ángelo, Marcelo D'Ángelo (seu filho), ao colo o neto Vincenzo, sua esposa Cleusa, Adriana (nora) e sua filha Márcia. À frente, as netas Larissa e Isabella

---

Cristina Ortega é pedagoga e advogada. Atualmente é assessora de difusão cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, atuando na área de pesquisa, e membro de sua Comissão Editorial. É organizadora do livro *São Caetano em Crônicas*, editado em 2018, pela Fundação Pró-Memória.

Acervo/FPMSCS



O prefeito Dall'Anese em foto tirada em virtude da visita da delegação da cidade italiana de Thiene a São Caetano do Sul, em 1996. Por força de um convênio firmado na década de 1970, as localidades foram declaradas irmãs (*gemellaggio*), o que previa a troca contínua de experiências entre ambas, nos ramos cultural, social e econômico

# Antônio José Dall'Anese, uma vida de dedicação e amor a São Caetano do Sul

**ANTÔNIO JOSÉ DALL'ANESE** nasceu na cidade de Bragança Paulista (SP), em 2 de fevereiro de 1934. Era filho de Giovanni Dall'Anese e Catherina Michelin Dall'Anese. Em 1936, ainda muito novo, chega a São Caetano com os pais e seus seis irmãos (Arthur, Augusta, Ada, Ângela, Mário e Ana Maria). Proveniente de uma fazenda situada na região de Atibaia, no interior de São Paulo, a família Dall'Anese vislumbrara a oportunidade de uma vida melhor em território são-caetanense, assim como inú-

meros outros grupos de origem italiana que, desde o final do século 19, vinham se dirigindo para cá. Nesta empreitada, o patriarca Giovanni contou com o apoio de Victorio Dal'Mas, oriundo da mesma localidade da Itália de onde vieram os Dall'Anese.<sup>1</sup>

Com uma trajetória marcada pelo trabalho, Antônio José Dall'Anese, ou Dadá, para os familiares e amigos, atuou em empresas como a Auto Ônibus Santo André e a Fábrica de Brocas Dassie, projetando-se no segmento metalúrgico. Em tal área, construiu uma sólida carreira, com passagens pela General Motors e Indústria Metalúrgica São Caetano.

Os conhecimentos adquiridos no ramo concederam-lhe a condição necessária para integrar, na qualidade de sócio-fundador, um empreendimento familiar de porte: a Metalúrgica Dall'Anese. Originária da firma pioneira de seu irmão Arthur, a qual surgira em 1953 nos fundos da residência da família, na antiga Rua Morumbi (atual Avenida Dr. Augusto de Toledo), a Metalúrgica Dall'Anese, cujas atividades iniciaram-se em 1955, expandiu-se, firmando-se como uma das principais empresas brasileiras nos setores de estamperia de metais e fabricação de ventiladores axiais.

Antônio Dall’Anese teve também proeminente participação junto ao âmbito esportivo de São Caetano do Sul. Foi diretor geral de esportes do São Caetano Atlético Clube, agremiação criada, em 1972, por um grupo de empresários, comerciantes e profissionais liberais da cidade<sup>2</sup>. Foi presidente do Clube Atlético Tamoyo (posteriormente, Clube Recreativo Esportivo – CRE Tamoyo)<sup>3</sup> e sócio-fundador da Associação Desportiva (A.D.) São Caetano, o popular *Azulão*.

Os contributos de Dall’Anese ao município não se restringiram a esses episódios, sendo igualmente relevantes em relação à vida política da localidade. Exerceu a vereança em três legislaturas (1973-1977, 1983-1988 e 1989-1992), chegando à presidência da Câmara em duas ocasiões: 1975-1976 e 1989-1990<sup>4</sup>. A sua caminhada como edil iniciou-se sob a chancela da expressiva votação que obtivera nas eleições municipais de 15 de novembro de 1972. Concorrendo no referido pleito pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), recebera 2.743 votos. Nas outras duas oportunidades em que disputara uma vaga no legislativo da cidade (em 1982 e 1988), já pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), conseguiu 1.303 e 1.169 votos, respectivamente.<sup>5</sup>

O ápice como político viria no começo da década de 1990. Contando com o apoio de Hermógenes Walter Braido e Luiz Olinto Tortorello, Dall’Anese foi eleito, com 46.263 votos, prefeito de São Caetano do Sul para o período 1993-1996. Dias depois do certame eleitoral, realizado no dia 3 de outubro de 1992, Dall’Anese assim se pronunciou ao *Jornal de São Caetano*: “Pretendo fazer uma administração com amor e carinho e dentro da filosofia de que tudo que for bom para a cidade será feito”.<sup>6</sup>

Em seu mandato, as áreas de saúde, segurança e educação receberam atenção especial, o que rendeu ao município respeitabilidade e reconhecimento por parte da sociedade e de instituições de renome internacional. Só para citar um exemplo, a Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) conferiu a São Caetano, na ocasião, o título de cidade que melhor atendia sua população na faixa etária de zero a seis anos, segundo informações veiculadas na publicação *São Caetano, 118 anos*, lançada em 1995 com o propósito de fornecer um panorama das principais realizações encetadas então.

(...) Dias depois do certame eleitoral, realizado no dia 3 de outubro de 1992, Dall’Anese assim se pronunciou ao *Jornal de São Caetano*:  
**“Pretendo fazer uma administração com amor e carinho e dentro da filosofia de que tudo que for bom para a cidade será feito”.**



Família Dall’Anese em foto do final da década de 1930. A partir da esquerda, Maria Michelin, Antônio José Dall’Anese, Mário Dall’Anese, Catherina Michelin Dall’Anese, Augusta Dall’Anese e Ângela Dall’Anese. Sentados, Giovanni Dall’Anese e Ana Maria Dall’Anese

Acervo/Márcio Gallo

Carro-chefe da gestão Dall'Anese, o projeto de reurbanização da Avenida Presidente Kennedy foi detalhado em tal publicação. Conforme exposto, tratava-se da implementação de um corredor de desenvolvimento, ao longo dos quatro mil e 200 metros da referida via, que fora embelezada com flores ornamentais e fontes artificiais e iluminada com lâmpadas a vapor de sódio.

Esse conjunto de obras compreendeu ainda a ampliação da calha do Córrego do Moinho (de 16 para 38 metros cúbicos), além dos serviços de tamponamento de seu leito, tendo em vista a resolução da perturbadora questão das enchentes naquela localidade.

Antônio José Dall'Anese foi casado com Ida Martha Dall'Anese, com quem teve três filhos: Janete, Renato e Luiz. No último dia 9 de setembro, Dall'Anese nos deixou, após uma vida de dedicação e amor à sua família, ao trabalho e a São Caetano do Sul. **(Cristina Toledo de Carvalho) ■**



Avenida Kennedy, em 1996, já com uma fisionomia revitalizada, como mostra o seu corredor central, em destaque na imagem. As obras na mencionada avenida marcaram a administração de Antônio José Dall'Anese

#### Notas

<sup>1</sup> Para mais informações sobre o processo de instalação da família Dall'Anese em São Caetano, bem como a respeito de sua trajetória na cidade, consultar: GALLO, Márcia. Família Dall'Anese (de Vittorio Veneto e São Caetano do Sul). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 5, p. 75-78, jul. 1991; LEMOS, Vilma; NOBREGA, Ângela Dall'Anese. *Estórias e Histórias de uma italiana em São Caetano do Sul*. São Paulo: Porto de Ideias, 2009.

<sup>2</sup> PASTORE, Humberto Domingos. União de empresários e comerciantes faz nascer o São Caetano Atlético Clube. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 9, p. 40-43, jul. 1993.

<sup>3</sup> ARAÚJO, Alberto do Carmo. Com mais de 50 anos, o Tamoyo é um dos clubes mais antigos da região. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 13, p. 66-67, jul. 1995, p. 67.

<sup>4</sup> ASCÊNCIO, Yolanda. *Meio século de legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999, p. 16-18.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>6</sup> JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano 45, n. 2.900, primeira página, 21 out. 1992.

### O apoio de duas grandes lideranças da cena política da cidade

Em 1992, durante a sua segunda candidatura à prefeitura de São Caetano do Sul (a primeira ocorrera em 1976), Antônio José Dall'Anese mobilizou o apoio de Hermógenes Walter Braidó e do então prefeito Luiz Olinto Tortorello, na época, as duas grandes lideranças da cena política da cidade. Na ocasião, ambos se manifestaram, incisivamente, a favor de Dall'Anese:

“São Caetano do Sul vem sendo governado com a mesma seriedade e dedicação há anos. O nosso grupo político vem trazendo progresso à cidade sem interrupções. Por isso, São Caetano está hoje entre as cidades mais desenvolvidas do Brasil. Dall'Anese é um dos mais atuantes vereadores que participam deste grupo. Seu trabalho como Presidente da Câmara Municipal garantiu várias vezes um bom andamento dos trabalhos da Prefeitura em benefício da população. Por isso, ele é o nosso candidato. Ele vai dar continuidade a este projeto que fez de São Caetano um verdadeiro exemplo de sucesso para todo o país. Ele é o homem certo. Para Prefeito é Dall'Anese.”  
(Hermógenes Walter Braidó)

“Administrar São Caetano é uma honra, mas também é um desafio. E para enfrentar este desafio, é preciso um homem digno, responsável, que conheça a fundo de todo o processo de engrandecimento da cidade que nós, Braidó e eu, colocamos em prática nos últimos anos. Dall'Anese é tudo isso.

Vereador sério, atuante, sempre trabalhando em defesa dos interesses da cidade.

E além de tudo, um valoroso participante do Projeto Vida, que colocou nossa cidade entre as melhores condições de vida no Brasil.

É por este trabalho que São Caetano é chamada pela imprensa como ‘cidade do primeiro mundo.’

E para continuar a ampliar ainda mais este Projeto Vida, com novas obras e idéias, conto com o voto de todos para Dall'Anese-Prefeito [...] Quem é pela vida, é Dall'Anese.”

(Luiz Olinto Tortorello)

*Dall'Anese: nome de tradição e família de verdade* (material de campanha política), São Caetano do Sul, 1992.

# E o microfone silenciou...

**CONTA SUA MÃE** que seu nascimento, no dia 29 de novembro de 1974, já causou “rebuliço” na sala de parto do Hospital Nossa Senhora de Fátima, pois o garoto nasceu mostrando, primeiramente, sua perna para o mundo!!! E assim começou e terminou sua vida, com muita agitação, trabalho, dedicação e amor até os seus minutos finais.

Nascido em São Caetano do Sul, de origem espanhola pelo lado materno, Maurício Sanches Todisco era neto do primeiro comerciante de secos e molhados do Bairro Nova Gerty. Sua família, composta por seu pai, Eduardo Todisco, metalúrgico, e sua mãe, Ana Libertad Sanches Todisco, cabeleireira, bem como seus irmãos Adriano e Silvana, vivia na Rua Floriano Peixoto, nº480, no Bairro Santa Paula.

Frequentou a pré-escola na Escola Municipal de Educação Infantil Pedro José Lorenzini. Os ensinamentos fundamentais e médio completou nas Escolas Municipais de Ensino Fundamen-

tal Dom Benedito Paulo Alves de Souza e Sylvio Romero e na Escola Estadual Prof. Alfredo Burkart. Ingressou na faculdade de Jornalismo da Universidade Bandeirante de São Paulo, onde se formou.

Aproximadamente aos 12 anos de idade, Todisco começou a fazer apresentações infantis em aniversários e festinhas, fantasiando-se como palhaço. Ali nascia o palhaço Estrela e, com sua irmã, criou a Constelação Shows, que apresentava a dupla de palhaços Estrela e Estrelinha. Esse trabalho, iniciado em meados de 1980, seguiu por mais 15 anos.

Durante o período do seu curso de Jornalismo, Maurício Sanches (como ficou conhecido) iniciou o trabalho de mestre de cerimônias em casamentos, festas de 15 anos e apresentações festivas. O microfone começou a ser o seu principal instrumento de trabalho.

Também na década de 1990, iniciou o trabalho em campanhas políticas, o que incluía



Maurício Sanches desempenhando seu principal papel, o de mestre de cerimônias da prefeitura de São Caetano do Sul. Foto da década de 2000

ficar em cima de caminhões, circulando pelas ruas da cidade e propagandeando o candidato que o contratava.

Nos supermercados de grandes redes, fazia promoção de mercadorias, como no antigo supermercado Jumbo, onde funcionava a Rádio *Pão de Açúcar*, criada por ele para divulgar os produtos da loja.

Atuou na TV Gazeta, fazendo comerciais das lojas do Shopping 25. Em outros canais,

fazia *merchandising* nos programas femininos exibidos no período da tarde. Em 2017, iniciou o programa *Negócios e Você*, nos canais 8 e 9 da Eco TV, no qual entrevistava empresários, comerciantes, atividade esta que desenvolveu até próximo de seu falecimento. Na TV Grande ABC, iniciou, em 2016, o programa *ABC Negócios* voltado à empresários e comerciantes.

Maurício Sanches era muito versátil. Fazia um pouco de tudo e não ficava sem trabalhar. Estava sempre agitando as mais diversas atividades na área de comunicação. E o que lhe dava mais prazer, honra e orgulho era atuar como mestre de cerimônias na Festa Italiana de São Caetano do Sul. Ele participou desde a primeira edição da festa, quando tinha apenas 22 anos de idade, até a sua última, a vigésima sétima festa, em 2019. A Festa de São Vito, realizada no Bairro do Brás, em São Paulo, era outra festividade a qual ele apresentou por mais de 20 anos.

Em 2019, foi ganhador do Prêmio *Quality*, o qual destaca empresários notáveis. Maurício Sanches teve também a honra de ser o mestre de cerimônia deste evento anual, do início da década de 2000 até 2019.

Como mestre de cerimônias da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, preparava o texto de apresentação, mas com sua experiência em palco e com microfone na mão, improvisava, falava espontaneamente, com aquele timbre de voz jovial que interagira com o público.

São Caetano sentirá falta desse jovem alegre, brincalhão, de coração generoso, jornalista eclético, apresentador de TV, nosso mestre de cerimônias, que a cidade tão bem conheceu. No dia 23 de setembro de 2019, um mês após fazer sua última apresentação pública, na Festa Italiana, Maurício Sanches Todisco partiu, agora para brilhar em plano superior. **(Cristina Ortega) ■**



Maurício Sanches Todisco, com 1 ano de idade, em 1975

Palhaço Estrela, em foto de 1994



Sanches aparece modelando, em 1990, no auge da adolescência



Registro de sua formatura no curso de Jornalismo, em 2005



Comandando o palco da Festa Italiana de São Caetano do Sul, em 2017. Maurício Sanches aparece no canto direito, de vermelho

# O homem que garimpava palavras

## HERMANO PINI FILHO

Itapira (SP), 20 de outubro de 1927

Campinas (SP), 14 de novembro de 2013

Ademir Medici

Acervo/Banco de Dados (DGABC)



Pini Filho em sua mesa de trabalho, no ano de 1978

**HERMANO PINI FILHO** nasceu no interior. Veio menino para São Caetano do Sul. Aqui cresceu, estudou, formou-se em Contabilidade – foi da turma de 1952 da Escola Técnica de Comércio de São Caetano. Trabalhou em duas empresas tradicionais, a Cerâmica São Caetano e a Fábrica de Chocolates Pan. Tornou-se jornalista, continuando os estudos na área de Publicidade e Marketing.

Iniciou a carreira jornalística na década de 1950, pelo *Jornal de São Caetano*, ao mesmo tempo em que trabalhava na Cerâmica São Caetano. Foi correspondente do jornal entre a segunda metade da década de 1950

e princípios da década de 1960. Correspondente de São Caetano, mas destacado para coberturas nos municípios vizinhos.

Registrou fotograficamente imagens que, sem o seu *click* e o seu olhar, estariam irremediavelmente perdidas. Caso das ruínas do pouso de tropeiros que existiu na bifurcação das estradas do Vergueiro e das Lágrimas. Cronista, Pini Filho construiu uma obra universal que deveria ser reunida em livro para não se perder nas páginas dos jornais, antes de serem informatizadas.

A dialética de Hermano Pini Filho levou-o a estudar as palavras, suas origens e significados. “Há algum tempo o Fausto (Po-



Boletim do Grupo  
Escolar Cerâmica São Caetano

“Uma das minhas professoras, Esther de Moura Carvalho, tinha o cuidado de preencher os boletins de seus alunos com letra muito especial, de aspecto tipográfico. Moça alta, vistosa, tinha a presença realçada pelo uso de pince-nez, óculos cuja armação, como se sabe, fixa-se na parte do nariz entre os olhos. Um charme. As professoras vinham, quase todas, da capital. Chegavam de trem, logo cedo, e da estação iam de “jardineira”, invariavelmente dirigida por Hugo Veronesi (dono do veículo), à escola, onde estavam pouco antes das 8 horas. Aos sábados lá aparecia, para aula de catecismo, o ainda jovem padre Ézio Gislimberti, anos mais tarde vigário da principal paróquia de São Caetano

Era assim até 1940. Depois o Grupo Escolar passou a ocupar ampla casa com bem cuidado jardim na parte da frente, grande pomar ao fundo, onde um bambual separava a escola do “barreiro”, desaterro de onde saía grande parte da argila utilizada pela Cerâmica. Ali morou durante anos um dos diretores da Cerâmica, o engenheiro Armando de Arruda Pereira.”  
Hermano Pini Filho

lesi, fundador do *Diário do Grande ABC* e seu diretor de Redação por décadas) mencionou que eu vivia garimpendo palavras. Foi quando tive a idéia de continuar no garimpo, colhendo algumas das preciosidades léxicas que estão no livro que ora chega a você”, escreveu Pini Filho, em maio de 2007, em carinhoso bilhete, ao enviar de Campinas, onde morava e trabalhava, o livro *Palavra que eu não sabia (Do valor dos bons dicionários)*, pela H. Tann-Sohn Editor.

A obra elucida o significado de palavras misteriosas, pitorescas e/ou contundentes. É um livro que vai buscar as origens de palavras e expressões sem ser chato e que traz todo o talento e cultura que o jornalista cultivou e adquiriu em uma carreira vitoriosa. Divulgamos o livro, destacando algumas palavras, entre as quais: “Caradura – Aqui um brasileirismo que significa pessoa cínica, sem vergonha. Como

tal não foi difícil passar a expressão para o bonde que seguia a reboque do veículo principal, porque desprovido de meio de movimentação próprio”.

Encrenca, gambiarra, latinice, papagaio, papel, plágio, primeira-feira (e não domingo), selá, zoilo... são muitas as palavras pinçadas por Hermano Pini Filho, cada uma recheada de uma, duas, dez histórias. Belas e curiosas definições, bem articuladas. Acompanha o livro uma foto que o próprio autor bateu nas ruínas de Pompeia, na Itália, com frades na entrada do fórum romano.

Uma feliz coincidência: ao levantar os dados para esta matéria da revista *Raízes* encontramos, por mero acaso, uma crônica de Pini Filho que provavelmente o estimulou a escrever o livro. Foi publicada no *Diário do Grande ABC*, em 7 de maio de 1978, com o título *Garimpo bem curioso esse das palavras* (vide íntegra que acompanha este texto).

**São Caetano** - Hermano Pini Filho tinha o olhar e a sagacidade do bom repórter, e o texto memorialista de prosa fácil, tal e qual Pedro Nava (médico e escritor, falecido em 1984). Em 2011, ao receber o mais recente número da revista *Raízes* (nº 44, dezembro daquele ano), um tema que o apaixonava – a origem das palavras – motivou outro belo texto, que a página *Memória*, do *Diário do Grande ABC*, publicou em 24 de janeiro de 2012.

O texto que se segue, da lavra de Pini Filho, traz lembranças da sua São Caetano da infância e juventude. O jornalista reconstituiu um clima que marcou gerações:



## As partes de um filme

Lazer é o tema central da edição nº 44 de *Raízes*. Nesta edição, Mariana Zenaro, que é jornalista e historiadora, didaticamente explica que a palavra lazer vem do latim *licere*, que pode ser traduzida como “ser lícito, permitido”. E registra como era em São Caetano, em passado algo distante, a presença dos cinemas, dos bailes, das reuniões em família, também inclui a realização de convescotes - aqui um ‘palavrão’ que Mariana logo ameniza: atualiza para piquenique. Até 1944, São Caetano se contentava com apenas dois cinemas - o Cine Central, na Rua Perrella, e o modesto Cine Parque, na Rua Maranhão, proximidades da Rua Espírito Santo. Este cinema, talvez por ser simples, uns poucos frequentadores desdenhavam, chamando-o maldosamente de pulgueiro.

Ambos os cinemas pertenciam a integrantes da família Lorenzini. Como era assim, único filme podia ser exibido quase simultaneamente em ambos, com pequena diferença de horário no início das respectivas sessões. Com isso, à porta no Cine Central sempre permaneciam garotos, nos horários das sessões, na esperança de ser um deles escolhido para conduzir do cinema da Rua Perrella para o da Rua Maranhão umas latas redondas, apropriadas para que dentro coubessem rolos de filmes. O menino escolhido ganhava o direito de assistir ao filme.

Não era fácil transportar, a to-

da pressa, tais latas por distância superior a um quilômetro. E se o portador chegasse atrasado era recebido com vaias, com muitos assobios dos que aguardavam a chegada das faltantes partes do filme. Acontece que em tais ocasiões o garoto, apressado e suado, era forçado a encarar parte do público que, impaciente, saía da sala, indo para a parte externa do Cine Parque que tinha boa distância de terreno vago, entre a portaria e a sala de exibição. Foi assim até o início dos anos 1940.

Como a cidade crescia, em 1944 foi inaugurado o Cine Max, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, frente para a Rua João Pessoa. Hoje o cinema não mais existe, no local instalou-se um templo religioso. Pouco antes, em fase final de construção, o grande teto do cinema desabou - “o teto desmoronou quando o Cine Max estava quase pronto”, registra a professora Yolanda Ascencio em *Raízes*, edição de julho de 2000. Caiu à noite, ninguém se machucou.

**A infância** - O menino Hermano viveu em torno da Cerâmica São Caetano. Estudou no grupo escolar mantido pela fábrica. Um dia foi escalado para hastear a bandeira brasileira, por ocasião da visita do presidente Getúlio Vargas. Em síntese: memória pura.

Pini Filho contou esta história em 2009, e dela tratamos em dois dias seguidos, na página *Memória*, do *Diário do Grande ABC*, em 3 e 4 de dezembro

Frequentei o quarto e último ano do curso primário do Grupo Escolar da Cerâmica São Caetano. Em 1941, como o presidente Vargas estaria lá, a diretora da escola, Clarice de Magalhães Castro, escalou-me para hastear a Bandeira Nacional durante a cerimônia programada. Com antecedência ela orientou-me sobre como deveria proceder.

daquele ano, com o título *Lembranças de uma escola e de uma fábrica*. Segue-se a primeira parte do texto do nosso homenageado, publicado no dia 3:

Da Cerâmica São Caetano resta apenas imenso espaço, devendo surgir ali novas construções, inclusive amplo shopping center, ora em fase de lançamento, como se observa em campanha publicitária em curso.

Entende-se que a memória da grande indústria que durante anos funcionou no local, deve ser preservada. Afinal, ela deixou marcas: a Prefeitura instala-se no Palácio da Cerâmica; o bairro é da Cerâmica, também o cemitério é da Cerâmica. Quantos hoje se lembrariam que uma escola, um grupo escolar como era na época, funcionou dentro da fábrica?

Assim, parece oportuno lembrar que em 1941 o presidente Getúlio Vargas visitava a Cerâmica São Caetano. Foi no dia 26 de novembro de 1941, ocasião em que aquela indústria iniciava firme expansão de suas atividades, ampliando a produção de material refratário de alta qualidade, principalmente para atender exigências do setor siderúrgico: a Companhia Siderúrgica Nacional inauguraria oficialmente sua grande unidade de Volta Redonda quatro anos depois. O presidente da República visitou também a escola, então em novo local.

O Grupo Escolar Cerâmica São Caetano esteve inicialmente em atividade, por muito tempo, em salas de prédio que ficava à entrada

da fábrica, lado direito do portão principal. A partir de 1941 mudou de endereço: foi para ampla casa, no centro de grande e bem cuidada área (com inúmeras árvores frutíferas, inclusive), que ficava aproximadamente onde hoje se encontra a Prefeitura de São Caetano, o Palácio da Cerâmica.

A segunda parte foi publicada em *Memória*, no dia 4 de dezembro:

Frequentei o quarto e último ano do curso primário do Grupo Escolar da Cerâmica São Caetano. Em 1941, como o presidente Vargas estaria lá, a diretora da escola, Clarice de Magalhães Castro, escalou-me para hastear a Bandeira Nacional durante a cerimônia programada. Com antecedência ela orientou-me sobre como deveria proceder.

No dia e hora lá fui eu, moleque meio sem jeito mas compreensivelmente um tanto orgulhoso, ciente de que deveria cumprir bem a missão. Isso no jardim da escola, em presença de Getúlio Vargas, de Roberto Simonsen, de Armando de Arruda Pereira, entre outros diretores da indústria e de autoridades que acompanhavam o presidente. Uma banda executou o Hino Nacional Brasileiro enquanto eu cuidava do hasteamento.

Claro que a direção da Cerâmica desejou mostrar a Vargas que a empresa dava atenção a seus empregados, à população enfim, porque a escola aceitava matrículas

de crianças em geral, não só de trabalhadores da fábrica.

Vale lembrar que já naquele tempo o Grupo Escolar da Cerâmica distribuía merenda escolar, na forma de sopa, a sopa escolar como era chamada. Nas instalações anteriores ela era servida em amplas mesas localizada na parte de trás da escola, em espaço apropriado que incluía a cozinha. Igual procedimento foi adotado nas novas dependências que a escola passou a ocupar, casa em que morou, e escreveu alguns livros, Armando de Arruda Pereira.

**O funcionário** - Hermano Pini Filho guardava boas lembranças do seu tempo de funcionário da Cerâmica São Caetano. É ele quem fala, em um dos tantos e-mails a nós encaminhados, com data de 24 de janeiro de 2012:

Quase todos os funcionários administrativos se acomodavam em diversos escritórios, instalados em casas similares às das fotos que tirei do antigo Grupo Escolar, principalmente as que ficavam à esquerda da entrada da indústria. O mesmo com o almoxarifado, espalhado por várias dependências, algumas inadequadas.

Por volta de 1940 decidiu-se construir para ele um grande pavilhão. Concluída a construção, como o prédio ficou bonito e com excelente localização, não houve como impedir que nele se concentrasse o principal escritório da Cerâmica. Assim aconteceu.

Prédio retangular, amplo, em nada



Turma de 1952 da Escola Técnica de Comércio de São Caetano. Pini Filho é o primeiro, à esquerda, na segunda fila. Em destaque, foto individual do formando



lembrava escritório com suas largas pesadas portas (eram quatro). Abriam lateralmente apoiadas em roldanas. Piso reforçado, em condições de suportar pesadas máquinas, se necessário até pequenos veículos. Divisões internas, de madeira, deram ao frustrado almoxarifado certo aspecto de escritório. Este ali permaneceu durante anos.

Como funcionário da empresa, lá utilizei muita tinta escriturando livros e mais livros, ao lado de bons colegas. Um deles era Pedro Di Vincenzo, que preenchia com letra firme, belíssima, sem rasura ou a menor falha que fosse, o livro Diário. Seria interessante localizar tal livro, escriturado pelo Pedro, para figurar em museu como exemplo de trabalho perfeito, realizado com tinta azul, marca Pelikan. A pena era Mallat-12, de bom aço francês, uma exigência do Pedro. Isso foi na década de 1950, no tempo em que ao lado de Pedro trabalharam, numa de-

pendência vista até como algo especial no amplo escritório, José Antunes de Azevedo, seu irmão Mário, Waldemar Siqueira, Issamu Uehara, Claudionor da Silva Rocha, Geraldo Plates, Vicente Giuzio e eu. O chefe era Francisco Bertolaccini.

**O correspondente** - Os primeiros textos jornalísticos de Pini Filho estão no *Jornal de São Caetano*. Encontramos um trabalho seu no semanário *A Vanguarda*, por indicação do então diretor, o advogado Nevino Antonio Rocco. Nesse periódico, em uma edição especial de dezembro de 1961, ele fotografa e descreve igrejas de São Bernardo do Campo, desde a Matriz da Boa Viagem (com a sua torre monumental em construção) até uma capela do então longínquo Bairro do Alvarenga, sobre a qual a Rodovia dos Imigrantes passou por cima.

Como correspondente do *Estadão*, documentou o cotidia-

no de São Caetano do Sul, com escapadas para cidades como Santo André, São Bernardo do Campo e Diadema. Hermano Pini Filho registrou, no dia 17 de julho de 1959, o surgimento do município de Diadema, outrora distrito de São Bernardo.

Em plebiscito recentemente realizado em Diadema, a população decidiu pela sua emancipação política e administrativa. No próximo dia 4 serão realizadas eleições para escolha dos primeiros vereadores e do primeiro prefeito.

Claro, o noticiário sobre São Caetano do Sul prevalecia, não raras vezes com fotos tiradas pelo próprio. Uma foto geral da cidade ilustra texto-legenda seguinte, publicado em *O Estado de S. Paulo*, de 16 de julho de 1959:

Com apenas 14 quilômetros quadrados de superfície, o Município de São Caetano do Sul é um dos menores do Estado de São Paulo, quanto a território. No entanto, com seus 130 mil habitantes, pos-

suí uma das maiores densidades demográficas do País. São Caetano continua crescendo, principalmente como cidade industrial, uma vez que praticamente inexistente a zona rural.

Outra matéria do correspondente Pini Filho sobre a cidade de São Caetano, publicada no periódico em 17 de julho de 1959, relata:

Depois de alguns anos, durante os quais as obras se arrastaram morosamente, chega ao fim a construção da ponte sobre o Rio Tamanduaté ligando a Rua Ibitirama, de São Paulo, à Rua Mariano Pamplona, de São Caetano do Sul.

Sobre a cidade de São Bernardo do Campo, Hermano Pini Filho cobriu a construção de um parque municipal no sofisticado Jardim do Mar, futuro cenário da novela *Redenção*, da TV Excelsior, e hoje Cidade da Criança, parque temático pioneiro do país. A matéria foi publicada no dia 12 de julho de 1959:

A Prefeitura está construindo um parque municipal, ao lado da Estrada do Vergueiro. Para a construção do bosque, aproveitou-se um pedaço da mata que ali foi conservado. Largas ruas e veredas foram abertas entre as árvores. A população começa a encontrar nesse parque seu local preferido para convalescer.

O ABC possuía, ainda, muitas ruas sem pavimentação. E o

solerte jornalista documentou, em edição de 12 de julho de 1959, a chegada do melhoramento em várias delas, no caso seguinte, em uma interligação dos municípios de Santo André e São Bernardo do Campo:

O DER (Departamento de Estradas de Rodagem) está pavimentando a estrada que liga Rudge Ramos a Santo André pela Vila Sacadura Cabral. Os trabalhos na Rua Afonsina estão praticamente terminados. A via em apreço tem início na Estrada do Vergueiro, a qual recentemente foi asfaltada.

**E assim...** - Hermano Pini Filho focaliza, como correspondente do *Estadão*, temas como o difícil exame vestibular para ingresso no curso normal (para formação de professores) do Colégio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho; a chegada das primeiras viaturas policiais chamadas Rádio Patrulha ao ABC; as reuniões patronais e dos trabalhadores; e a questão ambiental. “Escolheu-se São Caetano do Sul para o início do levantamento do grau de poluição ambiental por ser a localidade do ABC que maior índice apresenta, principalmente a do ar (*Estadão*, 29 de março de 1960).”

E com qual emoção ele deve ter informado que o edifício da Escola Técnica de Cerâmica Armando de Arruda Pereira estava quase pronto, entre as ruas Ni-

terói, Rio Grande do Sul e Goitacazes (*Estadão*, 25 de maio de 1960). Afinal, a Cerâmica São Caetano marcou de maneira indelével a vida do jovem.

Desde o final do século 19, correspondentes amadores ou semiprofissionais, de vários jornais paulistanos – *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Diário Popular*, *Fanfulla*, *A Platéia* – cobriram as atividades da região. Hermano Pini Filho fez isso maravilhosamente bem na sua cidade, São Caetano do Sul. E naquela mesma década de 1960, a região ganharia sucursais jornalísticas, entre as quais a do próprio *Estadão*, do *Última Hora* e do Grupo *Folha*.

Empresas como a General Motors e municipalidades como a prefeitura de São Caetano, constituíram suas assessorias de imprensa. E o nosso focalizado mestre Hermano Pini Filho foi quase que certamente o último correspondente do *Estadão* na cidade.

Absorvido novamente pela indústria, Pini Filho faria vários trabalhos *freelancer* (ou, no popular, “frilas”) na área jornalística. Coursou a Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo, até participar de um projeto do qual muito se orgulhou: a fundação do primeiro jornal diário que daria certo na região, depois da experiência da antiga *Folha do Povo*, hoje desaparecida.

**O nascimento de Julio Pinheiro** - “Também o Hermano Pini Filho, que só chegava no final da tarde, tinha emprego na Pan, dos chocolates. Assinava o ‘Primeiro Plano’ (coluna de Economia) como Júlio Pinheiro, e se reportava diretamente ao Fausto. Escrevia também editoriais, sempre fumando seu cachimbo. Maravilhoso companheiro (Milton Saldanha Machado, *Portal dos Jornalistas*, 13 de fevereiro de 2012).”

O aroma de dois cachimbos invadia e perfumava gostosamente a redação do *Diário do Grande ABC*, o cachimbo do Aleksandar Jovanovic, hoje professor universitário, na época editor de Política; e o do Hermano Pini Filho. Dois intelectuais, de grandes e profundas (entenda-se “gostosas”) conversas nos corredores do jornal e mesmo na redação do quarto andar do edifício da Rua Catequese, nº 562, em Santo André.

Pini Filho conhecia de longo tempo o jornalista Fausto Polesi, desde os seus tempos de correspondente do *Estadão*, enquanto Polesi, como fundador do semanário *News Seller*, fazia coberturas gerais em São Caetano, a terra do Pini Filho, que chegou a dar furos seguidos no *NS*. Afinal, o *Estadão* circulava diariamente, com exceção das segundas-feiras, enquanto o *News Seller* era semanário, antes ainda de tornar-se bissemanário.

**O fotógrafo e repórter Fausto Polesi** - Segue-se relato de Hermano Pini Filho, publicado pela página *Memória*, do *Diário do Grande ABC*, em 7 de setembro de 2011:

Conheci Fausto Polesi por volta de 1959, numa das reuniões habituais da Câmara de São Caetano que, na época, ficava no último andar do Edifício Vitória, esquina da Rua Baraldi com a Rua Santo Antônio. Ele estava lá em busca de notícias para o semanário *News Seller*, lançado em maio de 1958. Com igual propósito eu me encontrava na Câmara, embora a serviço de outro jornal. Pouco tempo depois, no dia 19 de março de 1961 inaugurou-se oficialmente o Paço Municipal, na Avenida Goiás, para onde foram Prefeitura e Câmara. Também no novo endereço às vezes eu via o Fausto

Hermano Pini Filho em fotos de 1966 e de 1971



entrevistando vereadores, ou com eles apenas conversando informalmente.

Numa dessas ocasiões chamou-me a atenção a maneira como Fausto trabalhava. Máquina fotográfica, uma *Rollerflex*, pendente do pescoço, com flash numa das mãos, enquanto a outra, na câmera, acertava o foco. Assim ele andava pelo plenário e falava com vereadores. Fazia anotações e fotografava.

Era interessante vê-lo, encorpado que era, com a câmera no alto do peito (a máquina era *reflex*, visor na parte de cima) para obter correto enquadramento do que ia ser fo-

tografado. Então erguia a mão que segurava o flash, para dar correta direção à luz, e registrava a imagem. Ainda hoje, 50 anos depois, lembro-me do Fausto, como repórter e fotógrafo, exibindo a expressão compenetrada, quando em serviço, que todos que trabalharam com ele certamente não esquecerem. Na época não imaginava que tempos depois eu haveria de conviver com ele, durante anos, no *Diário do Grande ABC*.

Em 1968, quando logo o *News Seller* passaria a ter circulação diária, com outro nome, eu já fazia parte de pequeno grupo que, sob orientação do Fausto, preparava com invulgar entusiasmo o lançamento daquele que seria o *Diário do Grande ABC*. Reuniões inesquecíveis, nas então simples dependências, se comparadas com as atuais, da Rua Catequese.

Conheci bem o Fausto que agora nos deixa (faleceu em 2011). Durante anos trabalhei ao lado dele, sei com que dedicação acompanhava seus comandados. Estava sempre disposto a aconselhar e orientar companheiros de Redação, principalmente quando principiantes - não foram poucos - quando necessário. Grande amigo, grande jornalista.

**O Diário** - Em 1978, por ocasião do 20º aniversário do *Diário do Grande ABC*, tivemos a oportunidade de entrevistar Hermano Pini Filho para um suplemento especial, chamado *Vinte anos sem parar*, publicado em 14

de maio daquele ano. Segue-se o depoimento:

Sou um dos redatores da ativa que estão ligados - como dois ou três mais - à vida do Dgabc (*Diário do Grande ABC*) desde o seu nascimento. Particpei das reuniões todas, aos sábados principalmente. Recém-egresso da Escola Superior de Propaganda de São Paulo, fui encarregado de selecionar os futuros redatores do *Diário*.

Ainda com os ensinamentos da Escola Superior de Propaganda em meu pensamento, resolvi preparar um teste, o qual seria submetido aos candidatos a redator. Um teste tremendo, hoje talvez eu mesmo encontrasse dificuldade em satisfazer alguns dos quesitos propostos. Conclusão: o teste não selecionou ninguém.

Depois se soube que os candidatos reclamaram:

- Esse cara pensa que somos gênios?

- Teste desgraçado.

- Nem vestibular é difícil assim.

Seja como for, a redação se compôs com prata da casa acrescida de mais alguns jornalistas, inclusive eu. As reuniões que cuidavam de assinalar as diretrizes do futuro jornal se sucediam. Um grupo heterogêneo, onde não faltavam os gritos, certamente de felicidade, do Waldemar Cestari: Sursum corda! (Erguei os corações!), dizia ele a todo instante, quando alguém surgia com uma ideia nova, tida como genial.

O certo é que o jornal saiu no dia determinado, em 9 de maio de 1968, número 623, continua-

ção numérica iniciada com o nº 1 do *News Seller*, em 1958.

No *Diário do Grande ABC*, Hermano Pini Filho usava o pseudônimo de Júlio Pinheiro, tanto ao assinar a coluna diária *Primeiro Plano*, a seção semanal *No Mundo das Rodas*, depois *Indústria e Tecnologia*, e a crônica dos domingos, com assuntos variados, leves e gostosos - cuja coletânea valeria por um livro.

Mantinha contatos estreitos com os grandes executivos da indústria, comércio e setor de serviços. Realizou inúmeras viagens em coberturas nacionais e internacionais. Disciplinado, deixou vários relatórios de atividades, preservados em seu *file* funcional do jornal, conforme o que segue abaixo, com data de 22 de outubro de 1976:

Primeira quinzena de 1976

Com a publicação de "Indústria & Tecnologia" às sextas-feiras, tem sido possível atender os interesses de uma vasta gama de empresas (...) Embora seja um trabalho de interesse para essas indústrias, o leitor também ganha, pois sempre procuro selecionar o material, tendo em vista o interesse nosso, da empresa visada e do leitor.

Quanto às visitas programadas, às vezes nem sempre isso é possível numa semana, tentando-se o encontro em outra e, assim, sucessivamente.

(segue-se a lista de contatos):

Prosb, Holiday Inn, Molins do Brasil, Enar, Sindipeças, Vasp (entrevista com o presidente da empresa, em Goiânia), Coferraz,



Em evento no Volkswagen Clube, em São Bernardo, Pini Filho aparece ao fundo e ao centro, de terno escuro. Foto do final da década de 1970

Zselics, Filtros Fram, Chrysler, Casas Bahia, Banespa... (prosseguia):

Aqui estão os fatos principais, além dos muitos contatos feitos rapidamente por telefone e que, no caso, interessa mais à coluna “Primeiro Plano”, mas que não deixa de ser relações públicas.

Assim, esperamos estar desempenhando bem as atividades e permanecemos prontos a acolher sugestões para o aprimoramento do serviço.

Às ordens,

Hermano

22-10-1976

Hermano Pini Filho deixou o *Diário do Grande ABC* em 1979, ao participar da greve geral dos jornalistas. Nas reuniões preparatórias do movimento, ele e Valdenízio Petrolli demonstraram preocupação com o que poderia ocorrer com o movimento paredista. “Seria uma loucura parar, sem a participação dos gráficos”, defendiam os dois. Foram votos vencidos. Éticos, fiéis à categoria, eles aderiram à greve que fracassou e que lhes custou o emprego, “por justa causa”. Pini Filho continuou carreira na imprensa de Campinas, onde se aposentou definitivamente.

**O retorno** - Graças ao jornalista Mário Porfírio Rodrigues, Hermano Pini Filho retornou ao Grande ABC em março de 2003. Veio de ônibus, de Campinas. Almoçou com velhos companheiros e visitou a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, onde pôde folhear a coleção do *Jornal de São Caetano*.

Ele continuava o mesmo piadista dos tempos do *Diário*, quando era comum vê-lo caminhando pela redação, mãos às costas, cachimbo na boca, enquanto pensava no melhor *lead* da sua matéria para o dia seguinte.

Seu texto mantinha a qualidade da ironia fina, dos tempos em que se assinava Júlio Pinheiro, das crônicas de domingo em que dividia a página dos editoriais com o cronista Roterdan Cravo, pseudônimo do jornalista Fausto Polesi. E para mostrar que escrevia ainda muito bem, publicamos, em 29 de abril de 2003, a crônica com a qual Hermano Pini Filho nos brindou no reencontro de março de daquele ano, em São Caetano.

Vi, na foto anexa, uma costeleta muito em moda há uns 30 anos e não tive dúvida: vou enviar uma cópia ao dono de tão sexy suíça. Aí está a fotografia, feita na oficina do Dgabc em meio a composições no chumbão velho de guerra, aparecendo atrás aquelas incríveis máquinas in-

ventadas por Ottmar Megenthaler que, embora desajeitadas, imperaram durante cerca de meio século. No longo período ninguém teve idéia melhor, até que surgiu essa coisa chamada informática, tão valiosa, que deu glória, endinheirada glória, a Bill Gates. A reunião que ensejou a fotografia foi uma espécie de confraternização, no finalzinho de 1973 (faz tempo, hein?). Nela aparecem, além da costeleta famosa, pessoas que então conhecíamos bem.

Infelizmente, de algumas só reconheço fisionomia que não consigo ligar ao nome. Lá estão, além do 'giovane' Ademir, os grandes olhos do Chiquinho Palmério (por onde anda ele?), Valdeci Verdelho, Sônia Nabarrete, Renato Campos, aquele rapaz que trabalhava com Paulo Klein, Wagner Dotto, umas moças bonitas (a menina é minha filha, Gláucia). E o excelente José Louzeiro, antes da barba e de ficar famoso como autor de livros, de roteiro de filmes, de novela. O maranhense era um 'bichinho bom da moléstia' já naquela época, depois deslanchou de vez. Cabra arretado... Um grande companheiro, e quanto a isso você seguramente vai concordar comigo. Muitos, entre os quais me incluo, aprenderam uma enormidade com o Zé Louzeiro. Depois do *Diário* teve meteórica passagem pela "Folha", logo indo para o Rio.

Além da costeleta, muita coisa mudou nesses 30 anos. A foto mostra isso. O tempo passou, ficou o retrato de um momento que, seja como for, vale recordar. O Ademir, bom memorialista, entende bem disso.

Até logo, meu caro.

E nós respondemos: Até logo, amigo Hermano. Saiba que você está sempre no nosso coração. Basta folhear a coleção do *Diário* para vê-lo e aprender com você. Localizamos os negativos da confraternização de 1973. Foi em 30 de dezembro. E o registro, que ficou inédito até hoje, foi feito pelo saudoso João Colovatti.

Ah...o Chiquinho Palmério permanece no Grande ABC. Reside em Santo André. E mantém sua coluna em vários semanários locais. Valdeci Verdelho virou executivo, é vice-presidente associado da Andreoli, Manning, Selvage & Lee (puxa!!!). Sônia Nabarrete mantém empresa própria de comunicação. A Lúcia também, produzindo, entre outros trabalhos, a bela *Coop Revista*.

Renato Campos é que sumiu. Disseram-me, outro dia, que continua em Santo André. Por onde andas, Renato? Paulo Klein brilha no jornalismo de São Paulo. Wagner Dotto está nos Estados Unidos. Devanir Leite segue pela publicidade – e outro dia o vimos fotografando uma solenidade na Câmara Municipal de São Bernardo. Lépidio como nos velhos tempos.

**Nota** – Foi a última vez que estivemos pessoalmente com o bom Hermano Pini Filho, mas estreitamos nosso contato via e-mails, recebendo crônicas maravilhosas que, algumas delas, vão sintetizadas ao longo deste trabalho.

**O Adeus** - Hermano Pini Filho faleceu no início da noite de 14 de novembro de 2013, em Campinas, aos 86 anos. Ele estava internado desde 17 de julho daquele ano. Quando adoeceu, entrou em coma diabético. Seu sepultamento foi no início da tarde de 15 de novembro de 2013, no Cemitério Flamboyant, em Campinas.

Era filho de Hermano Pini e de Antonia Zanovello. Deixou a esposa, Maria Estela Falleiros Pini, e a filha Glaucia Falleiros Pini – que, menina, em 1973, acompanhou o pai à confraternização de final do ano nas oficinas gráficas do *Diário do Grande ABC*, na Rua Catequese.

O último trabalho intelectual de Hermano Pini Filho foi o prefácio do livro sobre os 75 anos da Associação Comercial e Industrial de Santo André (Acisa), lançado em junho de 2013. ■



## Garimpo bem curioso esse das palavras

Júlio Pinheiro, pseudônimo de Hermano Pini Filho.

Os nomes das pessoas podem, em muitos casos, ligar-se à própria atividade exercida. Os exemplos são muitos. O José Silveira de Araujo Cintra era proprietário de uma chácara, onde criava uns exemplares de vacas-leiteiras. Vendia o produto a quem desejasse ter em suas casas leite fresco, purinho como se dizia. Tanto se popularizou a tal procura do leite que o José, por inevitável associação de ideais, transformou-se em “Zé Vaqueiro”.

Ao fim de alguns anos se alguém chegasse ao lugar à procura de um tal José Silveira de Araujo Cintra é quase certo que não o localizaria, a não ser a custo de muito trabalho, de muito caminhar e indagar. Agora, se pronunciasse as palavras simples “Zé Vaqueiro”, até as crianças indicariam, na hora, onde residia. Assim é e sempre foi.

A hoje conhecida nicotina que os cigarros contêm em maior quantidade em razão direta da qualidade do fumo e dos tratamentos que recebe, teria origem no nome de um cidadão francês, Jean Nicot; ele é tido como o introdutor do fumo na Europa, a herba nicotiana. De Nicot saiu “nicotiana” que passou a ser “nicotina” por força de pequena transformação que a palavra sofreu. E por aí vai.

Outro francês, Boulanger (não confundir com um tocador de violino famoso, de igual nome, conhecido pelas canções ciganas que difundiu através dos

discos), é o “inventor” da palavra “restaurante”, mundialmente conhecida.

“Monsieur” Boulanger vivia em Paris – é claro! – à época em que chegava ao fim a Guerra dos Sete Anos, isso em 1763, quando a França perdeu o Canadá para os ingleses. Bem, terminado o conflito, Paris passou a acolher grande número de refugiados, sobreviventes ao longo episódio. Como guerra é guerra, muitos desses indivíduos não tinham o que comer e, de certo modo, onde comer. Passaram a “sofrer do estômago”, uma forma de dizer que comiam mal, tinham fome.

Não deu outra: Boulanger teve a ideia de abrir uma casa para vender refeições. Como na época distante a propaganda já funcionava como a alma do negócio, o novo proprietário mandou que escrevessem na fachada, em latim, algo como “Vinde a mim vós que sofreis do estômago e eu vos restaurarei”.

É evidente que a expressão, como propaganda, hoje não funcionaria – mas aí pelo ano de mil setecentos e sessenta e pico deu certo. Se o Boulanger vendeu suas refeições a história não conta – e nem precisa – porque a palavra “restaurarei”, no latim é “restaurabo”. Logo: restaurabo, restaurant, chegando ao nosso restaurante que todos sabem o que seja e os que apreciam comer bem procuram sempre, selecionando o melhor, de acordo com a opinião – ou o estômago – de cada um.

Existem também as origens curiosas atribuídas a certas palavras, como chofer, que vem do francês “chauffeur”. Mas o que significa “chauffeur”?

Explica-se que ela quer dizer, em sua origem, “alguém que aparece”. E daí?

Acontece que os primeiros veículos eram movidos a vapor (não seriam, é claro, máquinas velozes, mas, sem a menor dúvida, eram “máquinas quentes”. É fácil agora saber que relação existe entre chofer e “alguém que aquece”. No inverno certamente era agradável andar nas primitivas geringonças que bufavam vapor por todos os lados; no verão seriam umas fornalhas ambulantes.

Bem, vamos fazer uma pausa porque nos oferecem, neste exato momento, um doce de askutas-quash. Esse “nomão” significa abóbora na língua dos índios norte-americanos que viviam junto à baía do Narragansett. Práticos como sempre, os americanos transformaram aquele vocabulário em “squash” – que significa abóbora.

Vamos ficando por aqui porque o Zé Impressor, olhando o relógio, reclama o material para não atrasar a elaboração do jornal. Qualquer dia vou saber do Zé Impressor se ainda se lembra do seu nome: o real, de registro.

*Diário do Grande ABC,*  
7 de maio de 1978

---

Ademir Medici é jornalista. No *Diário do Grande ABC* mantém, há 33 anos, a página *Memória*, de publicação diária. É autor de 37 livros, três dos quais referentes a São Caetano do Sul: *Migração e Urbanização. A presença de São Caetano na região do ABC* (1993); *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube* (2003); e *Construtora Lorenzini: 50 anos* (2006).

Colaboraram: Cecília Del Gesso, responsável pelo Banco de Dados do *Diário do Grande ABC*, e Andressa Nunes da Silva Agostinho, responsável pelo departamento de Recursos Humanos do jornal.

# Ricardo Rizek: um furacão de possibilidades criativas atingiu a Fundação das Artes

☰ Marcos Eduardo Massolini

**QUEM TEVE O PRIVILÉGIO DE ASSISTIR A SUAS AULAS** antológicas na Fundação das Artes de São Caetano do Sul entre 1979 e 1986, 1989 e 1990 certamente nunca mais foi o mesmo, seja no aperfeiçoamento musical por meio de teorias inovadoras, seja no próprio aprofundamento pessoal ou espiritual, visto que o mestre em questão misturava sem pestanejar e sem arruinar o tempero, Música, Filosofia, Cinema, Estética, Sociologia, Artes, Matemática, Ciências, História e Religião. Ricardo Rizek, um paulistano da gema enraiza-

do em Pinheiros, passou cerca de nove anos - com um pequeno intervalo entre eles - na instituição sul-são-caetanense como professor de Harmonia e Contraponto, e deixou marcas perenes, que muitos alunos da época carregam na memória, como notas de aprazível e inesquecível sonoridade.

Um deles é Orlando Marcos Mancini, músico e professor de música formado na Faculdade de Artes Alcântara Machado (Faam), com mestrado na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e doutorado na Uni-

versidade Estadual de Campinas (Unicamp), morador de Santo André, que conviveu com Rizek por três décadas. Mancini, que chegou à Fundação das Artes como aluno, em 1982, foi um dos fundadores do grupo *Boca da Noite* - famoso no circuito São Paulo-ABC entre os anos 1970 e 1980 - e alcançou a função de professor e coordenador de Música na mesma instituição até meados dos anos 1990, onde acabou se tornando amigo de Rizek, inclusive sendo responsável pela sua volta a São Caetano, por um período de dois

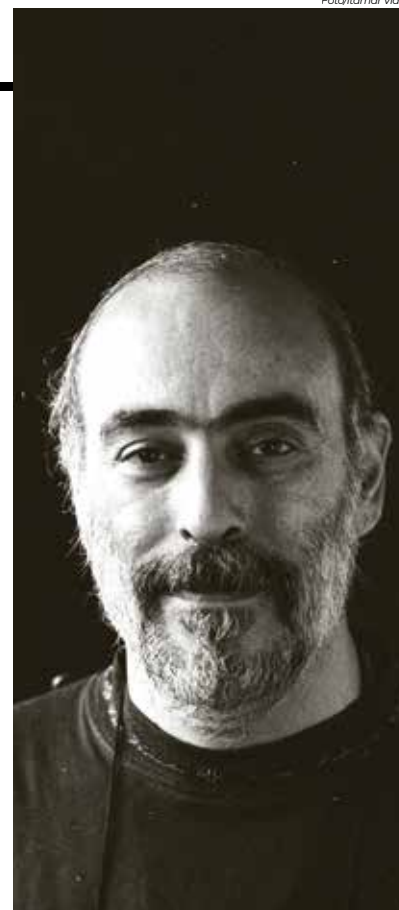
anos, e depois seguindo com ele na Faculdade de Artes Alcântara Machado, em São Paulo. Além das salas convencionais, Mancini sempre esticou os estudos no estúdio de Rizek, em Pinheiros, próximo à Praça Panamericana – na verdade, a casa de sua família – local famoso por suas análises e discussões artístico-filosóficas que varavam a noite. Guarda com muito carinho a forma generosa com que ele passava seus ensinamentos. Muito além de discípulo ou seguidor, Orlando Mancini faz questão de frisar: “Sou e serei um aluno de Ricardo Rizek para sempre”.

O estudo sempre foi bússola e norte para Rizek. Começou na década de 1970 na Universidade de São Paulo (USP) como aluno ouvinte em aperfeiçoamento no Curso de Música de Câmara (1973) e aperfeiçoamento em Técnica e Interpretação Pianística (1973 a 1976), passando para graduação em História pelo Centro de Ensino Unificado Bandeirante (1976 a 1979) e mestrado em Artes pela USP (2000 a 2002).

Antes, durante e depois da Fundação das Artes, Rizek ficou famoso também por seus cursos e oficinas extracurriculares. Dos históricos encontros com músicos da USP na I e III Bienal Internacional de Música (1974 e 1978, respectivamente), passando pela disciplina de Análise e Técnica Musical, ministrada em

cinco edições do Seminário de Violão, na primeira metade dos anos 1980, e seguindo com suas inesquecíveis e surpreendentes sessões de análises de filmes, como a sua análise performática do filme *Videodrome*, de David Cronenberg, no XXI Congresso Brasileiro de Homeopatia em 1992, ou aquelas com interpretação mitosófica e simbólica de filmes como *Bagdad Cafê* (em 1994), *O Vingador do Futuro* (também em 1994), *Coração Sotânico* (em 1998), e *Excalibur*, *Drácula de Bram Stoker* e *A Festa de Babette* (os três de 1998), culminando com seus apoteóticos cursos de Análise Musical e Harmonia em quatro edições do Festival de Música de Londrina, entre 2001 e 2004. Algumas palestras únicas de sua lavra também são lembradas com entusiasmo até hoje por quem teve o privilégio de presenciá-las: *A Teoria da Harmonia em Platão*, na 3ª Semana de Estudos Filosóficos (1996); *O Ensino de Música no 3º Grau*, no lançamento da revista *Polifonia* (1997); *O Que é Música?* (1998) e a palestra para professores *A Ciência da Harmonia* (2000).

Quem conviveu com Rizek de perto sabe que ele era um compositor de mão cheia – escrevia música com grande fluência e sem necessitar de instrumento como apoio – e suas criações se tornavam subsídios importantes para suas aulas di-



Ricardo Rizek pelas lentes do fotógrafo Itamar Vidal, em 2005

“Qual a função da Arte? Através das formas resgatar as pistas de um anjo. Anjo aqui, como sendo um ângulo de Deus, ou do divino.”

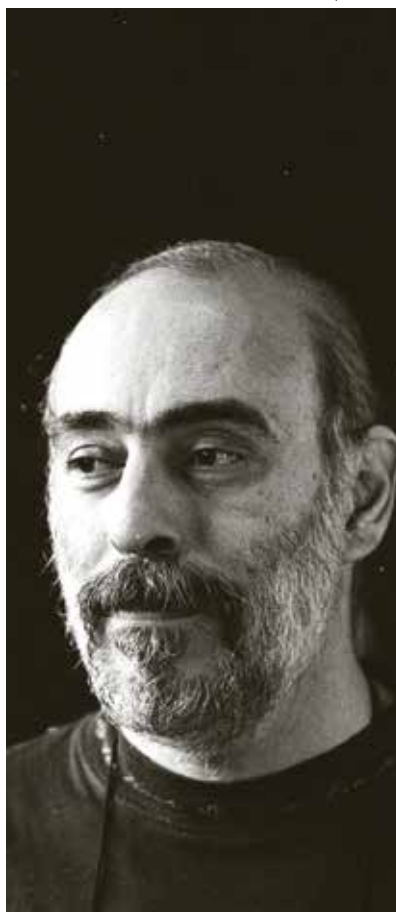
nâmicas e surpreendentes. Antes da Fundação das Artes, teve breves passagens pela Universidade Federal de Viçosa – onde, durante o ano de 1977, deu aulas de Iniciação Musical, Teoria Musical, História das Artes e foi regente do coral da instituição – e pela Escola de Comunicação e Artes, em 1978.

O método utilizado desde sempre por esse instigante e transgressor educador era trabalhar a análise musical a partir de princípios estéticos e filosóficos, em muitos momentos comparando a música a conceitos matemáticos ou mesmo em sincronicidade com a estrutura sequencial de filmes. Em sua autodefinição, se via como um professor que sempre percebeu a musicalidade extramusical da música, tanto quanto a extramusicalidade musical da música, e essa dupla via era levada para suas aulas. Durante sua produtiva carreira como docente deu ênfase a observações ocultas em obras de Bach, Brahms, Beethoven, Bartók e Schoenberg, além de uma abordagem particular de Heidegger, Platão, Rene Guenon, do antropólogo Henry Corbin e do filósofo brasileiro Mario Ferreira dos Santos.

O que o movia com tanta paixão era a insatisfação que adquiriu ainda nos anos 1970 com a forma e a tônica de se dar aulas musicais no Brasil, quase sempre lineares, sem arroubos ou questionamentos fora “da

“A música é liberdade no prospecto e necessidade no retrospecto.”

Foto/Tamar Vidal



“Homens!! Não basta amar...tem que dizer!”

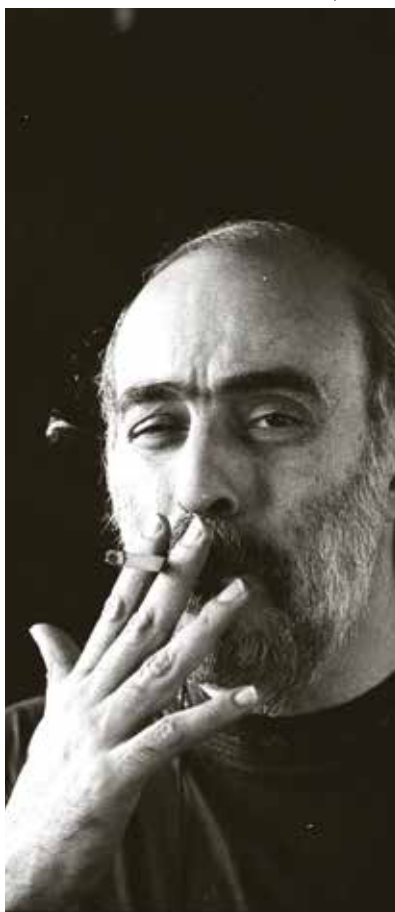
caixa”. Com essa inquietude como mote, seu trabalho chamou logo a atenção, quando trouxe à tona os princípios da Harmonia Tradicional e reavaliou/balizou o projeto pedagógico-teórico de Arnold Schoenberg. Sua transgressão não era intempestiva ou agressiva e mantinha consonância com o ideário pacificador da geração Woodstock - ganhava suas batalhas com a música e a retórica. Desde seu indefectível rabo de cavalo, passando pela voz tranquila que não atropelava as palavras e um brilho intenso no olhar, sua abordagem era artesanal como de um *luthier*, afetuosa, aconchegante. Claro que com toda sua inquietação, tinha alguns oponentes no campo teórico. Um de seus “adversários” mais famosos foi o professor e musicólogo Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), que embora tivesse importância crucial para a música brasileira, recebia críticas no meio acadêmico por conta do seu demasiado foco na música moderna e dodecafônica.

A partir do momento em que entrou na Fundação das Artes, tornou-se mestre e formador de dezenas de músicos, muitos se tornando virtuosos em seus instrumentos e outros tantos alcançando uma carreira brilhante na profissão. Sem contar os diversos alunos seus que acabaram virando professores também, levando todo o aprendizado dinâmico e singular de Rizek na bagagem.

Músicos importantes de São Caetano, como o saxofonista Amílcar Lobosco e o guitarrista Marcopolo Pan, mesmo que por um breve período, passaram por suas aulas. Sidney Molina, membro fundador do quarteto de violões *Quaternaglia* foi, assim como Orlando Marcos Mancini, outro aluno seu que virou professor. Frequentou suas aulas regularmente durante dez anos (na Fundação, de 1983 a 1986) e trabalhou com ele mais 13 anos – nessa convivência intensa, o considerava não só amigo, mas um irmão: “A primeiríssima aula que tive na Fundação das Artes foi ‘Harmonia’, com Ricardo Rizek. Eu fazia, simultaneamente, o curso de Filosofia na USP, e frequentava conservatório de música desde criança, mas saí da aula com a impressão que não sabia nada, nem de música, nem de Filosofia. A partir daí fiquei com uma vontade gigante de estudar, de conhecer a ampla bibliografia que ele citava e de participar do processo pedagógico que ele propunha”. Outro integrante do *Quaternaglia*, Fabio Ramazzina, também seguiu esse caminho de aluno de Rizek e, posteriormente, professor na Fundação. Atualmente é membro e orientador do quarteto de violões da instituição. César Franco, atual coordenador de Música da Fundação das Artes, também foi aluno de Rizek na época, assim como Sueli Bimbachi, da Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul.

“A morte é um vizinho incômodo com o qual você se acostuma.”

Foto/Itamar Vidal



“Vocês conhecem os quatro Bs da música? Bach, Beethoven, Brahms e os Beatles.”

O guitarrista Tonho Penhasco, que em mais de 50 anos de carreira participou ativamente da Vanguarda Paulista entre os anos 1970 e 1980, e acompanhou artistas como Tom Zé, Itamar Assumpção, Arrigo Barnabé, Skowa e a Máfia e Chico César, era estudante da USP quando começou a ter aulas na Fundação das Artes, ainda em 1979. No segundo semestre, viu quando apareceu na escola um sujeito diferente, à primeira vista tradicional, mas que se expressava de um jeito teatral, para dar aula de Contraponto. Descobriu logo em seguida que o tal professor era só um ano mais velho que ele e, ao assistir as suas aulas, não só teve uma assimilação musical que iria levar para o resto de sua carreira, como pôde presenciar suas explicações filosóficas que cavavam preciosidades do passado e dos grandes pensadores, dando mais sentido à atividade musical.

Como os dois vinham de São Paulo, chegaram a trocar carona para São Caetano – às vezes Rizek ia no fusca de Penhasco, em outras, o guitarrista ia no fusca do professor, e, nesse trajeto, conversavam sobre tudo: desde política - onde viram ter o mesmo direcionamento – até artes em geral, os rumos da música, relacionamentos, família, etc. Tonho Penhasco também viu a aproximação cada vez mais forte de Rizek com o cinema e sua declaração em sala sobre descobertas no campo esotérico.

Esse sentido de descoberta ampla, Molina também levou para sua vida: “Um momento inesquecível que tento sempre partilhar com meus alunos foi de uma aula em que, em meio a uma densa e difícil análise harmônico-musical de uma obra do alto romantismo, após horas de atenção à partitura, ele – com uma naturalidade que beirava a genialidade – fez um inesperado paralelo com a canção de roda *Ciranda Cirandinha*. O impacto foi imenso! Rizek foi um buscador – buscava o conhecimento onde quer que estivesse, com a mesma disponibilidade diante da complexidade e da singeleza – e contagiava a busca de quem estivesse próximo, em especial seus alunos e amigos”.

A sua saída da Fundação das Artes foi em 1986. Mas antes, houve uma “briga” interna que acabou repercutindo no meio musical. A escola contava, desde 1977, com nomes importantes da música brasileira em seu corpo docente, como Nelson Ayres, Roberto Sion, Hector Costita e Amilson Godoy. E foi com os dois últimos que Rizek acabou se indispondo, pois o projeto deles de implementar um curso de música popular batia de encontro com sua luta ferrenha contra o preconceito secular dos meios acadêmicos em relação ao violão, taxado de instrumento de tradição popular e dispensável para a música erudita. Não houve rupturas

personais – o respeito era grande entre as partes – mas, nessa queda de braço, tanto Amilson Godoy, que era o coordenador na época, como Costita, acabaram deixando a instituição. Rizek saiu pouco tempo depois – voltaria entre 1989 e 1990, pelas mãos de Mancini – e seguiu na Faculdade de Artes Alcântara Machado, instituição na qual já lecionava desde 1984, e onde permaneceu por duas décadas.

Com o tempo, suas aulas incorporaram telas de vídeos, controle remoto na mão e cenas reprisadas incessantemente. As suas, cada vez mais frequentes, análises de filmes ficaram famosas e tanto as palestras com esse viés como grupos formados para esse intuito acabaram virando tema central de uma entrevista no programa do Jô Soares, em 2003. Cada vez mais artistas plásticos, arquitetos, escritores, estudantes de Filosofia e cineastas se inscreviam em suas oficinas e as gravações feitas por alunos, amigos e admiradores em suas aulas viraram tradição. Um de seus admiradores, em um fórum do finado Orkut, chegou a anunciar orgulhoso que guardava uma fita cassete com sete horas de análise do filme *Matrix*! Vale acrescentar que antes dessas maratonas, Rizek preparava suas reflexões assistindo minuciosamente a cada filme, do começo ao fim, em *slow motion*.

Em seus últimos anos, Ricardo Rizek continuou com todo o

“No início era o Logos, a razão universal. Agora, bem, agora é o caos. Por isso precisamos de músicos, ou melhor, por isso precisamos da música.”

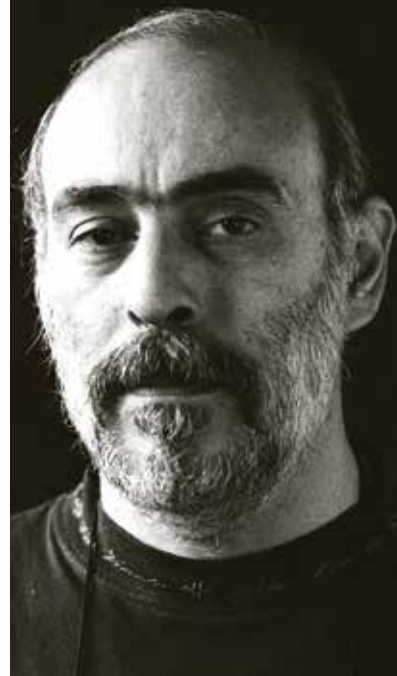


Foto: Renata Vanni

vapor nas oficinas, palestras e aulas na Faam e, a partir de 1999, no Colégio Vértice, onde lecionou Artes e Filosofia. A sua produção bibliográfica também se intensificou no final dos anos 1990, com destaque para os ensaios *Quadrados Mágicos e Música: Alguns Fundamentos dos Quadrados Mágicos com suas Conexões Musicais* (Revista *Polifonia*, 1997) e *A Teoria da Harmonia em Platão* (1998). Orlando Marcos Mancini e Sidney Molina continuaram próximos. Seus fãs se multiplicaram em todo o Brasil, e as fitas cassetes e CDs com suas aulas viraram amuletos passados de mão em mão entre iniciados. Alguns o chamavam de mago, outros de visionário. Tonho Penhasco vinha prometendo para si uma visita ao mestre, que, por circunstâncias da vida, não via há 20 anos. Não teve tempo: em 2 de fevereiro de 2006, dois dias antes de completar 53 anos e em plena atividade, Ricardo Rizek faleceu de septicemia, deixando família, amigos e admiradores perplexos. Entre os familiares, a esposa Joyce, a filha Camila e o editor Sérgio Rizek, seu irmão.

Quase 15 anos depois, músicos, filósofos, escritores e cineastas fazem questão de colocar as disciplinas ministradas por Rizek em destaque em seus currículos e as homenagens ao mestre continuam pipocando nas redes sociais. O ensino, mais que sustento, era seu alimento, e ele lecionou com vontade até o último instante de vida. Na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, plantou sementes pioneiras que ainda hoje florescem em jardins surpreendentes. ■

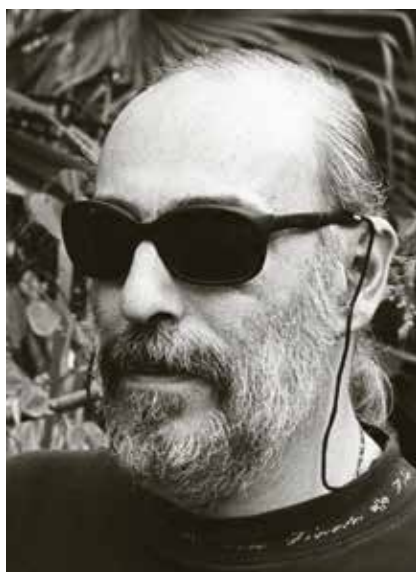


Foto: Renan Veldi



Foto: Renan Veldi



Foto: Renan Veldi

“Somente a paz é capaz de devolver a linguagem ao seio do ser, através da flexibilidade, maleabilidade, docilidade, amor.”

---

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis* e, em 2016, o livro de ficção *Abílio* e o *Espelho* no formato e-book. No final de 2020, foi lançado seu terceiro livro de poesias: *Quase Oásis*.



Nos últimos anos, em todas as edições do mês de dezembro, a revista *Raízes* publica as redações premiadas com os primeiros lugares do concurso de redação *História da Autonomia*, promovido pelo Grupo de Amigos do Movimento da Autonomia (Gama), com apoio da prefeitura municipal, da Secretaria Municipal de Educação e da Fundação Pró-Memória.

Em 2020, por conta da pandemia de Covid-19 e a suspensão das aulas presenciais na rede municipal de ensino, o concurso não pôde ser realizado. Mas o fato não impediu que a Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti trabalhasse o tema virtualmente, não como um concurso, mas como uma atividade, com seus alunos da turma do curso de Língua Portuguesa. **Vamos ao resultado!**

Sônia Maria Vieira Rubio  
Português - Módulo 3

### **Autonomia de São Caetano do Sul**

No ano de 2002, eu e minha família mudamos de São Paulo para a cidade de São Caetano do Sul. Visitávamos os bairros procurando um lugar para morar, e, nos apaixonamos pela cidade. Com meu esposo e filha de dois anos, estávamos entusiasmados para conseguirmos uma moradia.

Assim que conseguimos, fomos extremamente acolhidos em todos os sentidos. Nesse período, estávamos em uma situação difícil, e precisávamos do serviço assistencial.

Falar de São Caetano é falar de algo muito especial para mim, e para minha família. Posso dizer que São Caetano está no íntimo dos nossos corações. Desejo que todos nós de algum modo, possamos nos desenvolver muito mais, juntamente à cidade tão querida.

Ao buscar compreender sobre a ação do movimento autonomista da cidade de São Caetano do Sul, tive uma sensação prazerosa, e muitas descobertas sobre sua origem. Uma delas, o fato de “Sul” ter sido acrescentado ao nome da cidade, quando a mesma passaria a ser um mu-

nicipio. Sendo apenas um sub-distrito de Santo André, o nome poderia ser mantido; mas após a descoberta de que já existe uma cidade no sertão do agreste de Pernambuco, foi necessária uma alteração no nome. Desse modo, a cidade recebeu o nome de “São Caetano do Sul”. Assim, foi instalado o município no dia 1º de janeiro de 1949.

Sou imensamente grata pela existência de São Caetano do Sul, agradeço a todos que acreditaram e acreditam no desenvolvimento e que trabalham para isso.





Cristiana Rezende Ruela Rodrigues  
Português - Módulo 2

### **Autonomistas**

São Caetano do Sul tem uma bela história quanto à sua emancipação.

Isso só ocorreu devido ao comprometimento dos primeiros autonomistas.

Esses dedicaram-se com amor, não sentiram lágrimas, suores que escorriam...

Enfim, lutaram pela liberdade de expressar o quanto São Caetano do Sul era capaz de ser independente.

Hoje somos nós, que através das memórias, celebramos e lembramos daqueles que com garra e persistência fizeram de São Caetano do Sul a melhor cidade para se viver.

Gratidão aos autonomistas!!!!



Luciana Maria Cassettari  
Português - Módulo 2

### **Grito Leal**

Houve um tempo em que o Príncipe era descalço. Tinha falta de tudo!

O que possuía ia tudo para Santo André!

A juventude gritava por mudanças!

Então, da dificuldade surge a luta.

Da indignação, a fibra!

Da união, a conquista!

De um simples jornal, rompe a guerra!

Da guerra, rompe a conscientização!

Da conscientização, o Plebiscito!

E do Plebiscito, a Autonomia!

O sonho já era realidade!

O grito valera a pena!

O Príncipe agora galgava garboso, pleno, dono de si!

E agigantava-se mais e mais!



Marisângela Araujo Costa Atanazio  
Português - Módulo 2

### **São Caetano do Sul**

Vivemos em uma cidade linda.

Com árvores, praças e jardins.

Temos escolas, hospitais, comércio, indústrias, clubes e parques.

Nada disso existiria se não fossem os autonomistas.

Pessoas determinadas e guerreiras, lutaram e jamais desistiram,

pois simplesmente queriam

o melhor para a nossa São Caetano do Sul.



Primeira página do *Jornal de São Caetano*, em sua edição de 31 de outubro de 1948, que celebrou a vitória autonomista



Edson José Domenichelli  
Português - Módulo 3

## Um Conto da Cidade

- Pai, o que é... “ple ple bis cito”? - Assim foi logo perguntando Felipe, na saída do Externato Santo Antônio, naquela tarde de sexta-feira, 2 de outubro, mal havia entrado no carro do pai.

- Plebiscito filho? Plebiscito é uma espécie de eleição... Mas não é pra eleger o prefeito ou o presidente. É mais como uma pesquisa que o governo faz pra saber se o povo quer ou não alguma coisa... Uma mudança ou coisa assim. Mas, por que esta pergunta, Felipe?

- É que a minha professora disse que este mês é o aniversário do plebiscito dos autonomistas, é isso, né?

- É mais ou menos isto, filho. É o aniversário do plebiscito que decidiu pela autonomia de São Caetano, que era como se fosse um bairro de Santo André, e que passou a ser uma cidade.

- Conta mais, pai... A professora disse que eu vou ter que fazer uma redação sobre isto.

- Olha filho, eu até poderia... Eu sei algumas coisas, apesar de não ser nascido quando isto aconteceu, mas tenho uma ideia melhor...

- Então fala, o que é?

- Por que você não pergunta pra sua avó Olga? Ela era mo-

cinha na época e, com certeza, sabe mais do que eu.

- Que demais, pai!... Então você me deixa na casa dela agora? Será que ela me conta?

- Ah conta!... Pode apostar que sim... Ela adora contar histórias!

E assim mudaram de rumo na direção da casa da avó...

- Boa tarde Dona Olga! - disse Rogério, o pai de Felipe, assim que chegaram na casa da sogra. - Este seu neto quer saber tudo sobre o movimento autonomista de São Caetano. A senhora tem tempo agora? Ele pode ficar aqui?

- Claro que pode - respondeu a senhora, já agora não muito longe dos 90 anos, toda sorridente.

- Eu venho buscá-lo mais tarde, tá bom assim?

- Tá bom, mas ele janta comigo... Venha filho! - disse ela se dirigindo ao menino -

Tenho uns bolinhos de chupa para animar a conversa! - E foram entrando na antiga casa, no Bairro da Fundação, onde ela morou a vida toda.

- Me conta filho, por que quer saber sobre isto?

- É que a minha professora disse que este mês é o aniversário deste ‘plebiscito’ e todos vamos ter que fazer uma redação...

- Tá bom então: este plebiscito foi uma votação para saber se o povo de São Caetano queria se separar da cidade de Santo André e passar a ser uma cidade independente.

- Sei, meu pai já me disse isto mas por que eles queriam se separar?

- É porque, naquela época, São Caetano já era importante; já tinha muitas fábricas e um comércio forte. Arrecadava muito dinheiro com os impostos, mas este dinheiro ia todo para Santo André, e Santo André não fazia muita coisa por nós: não tínhamos água encanada, luz elétrica, escolas e coisas assim - explicou a velha senhora.

- Além disso - continuou - São Caetano tinha mais de 50 mil habitantes. Já era grande para ser só um distrito. Mesmo hoje tem muitas cidades que não têm tantos habitantes.

- Entendi.

- Então, voltando ao plebiscito, foi no ano de 1948, no dia 24 de outubro, mas na verdade isto tudo começou muito tempo antes. Já tinha acontecido uma tentativa de separação havia 20 anos, mas não deu em nada. Aí a coisa começou a esquentar de novo quando foi criado o *Jornal de São Caetano*, em 1946. O jor-

nal saía uma vez por semana e foi com ele que o povo começou a se conscientizar da necessidade de conseguir a autonomia...

O menino ouvia atento, quase nem piscava.

- Nesta época - continuou Dona Olga - havia um grupo de pessoas, na maioria jovens ainda, que se reunia para discutir sobre este assunto. No final foram 95 homens e mulheres que ficaram conhecidos como "os autonomistas". Eles foram os responsáveis por conseguir a emancipação da cidade e é por isto que são lembrados até hoje. Os nomes de todos eles estão numa placa muito bonita, no formato de um livro, que fica na praça em frente à igreja matriz, você já viu?

- Não, nunca reparei.

- Eles também receberam muitas outras homenagens pela cidade: nomes de ruas, escolas, praças, do viaduto velho perto da estação e outros monumentos também.

- Vó, você conheceu eles?

- Alguns... Na verdade muitos deles porque, do meu jeito, também dei uma mãozinha pra eles.

- Como assim vó? - O menino quase saltou da cadeira...

- É o seguinte: para que o governo autorizasse a realização do plebiscito, eles precisavam apresentar vários documentos, provando o número de habitantes, a renda do distrito e uma lista com as assinaturas de pelo menos um

décimo dos habitantes, pedindo que a votação fosse feita. Foi aí que eu dei a minha contribuição: eu frequentava o Externato Santo Antônio...

- Como é que é vó? O Externato já existia nesta época e você estudou lá onde eu estudo? - perguntou o menino surpreso.

- Sim senhor, doutor Felipe! O Externato já existia até antes de eu nascer, em 1933, e eu fiz o curso primário lá, mas na época do movimento eu frequentava um curso de corte e costura e outras prendas domésticas que havia lá, porque não existiam roupas prontas para se comprar, a gente tinha que fazer a gente mesmo ou encomendar de alguma costureira.

- Que legal vó!

- Então, continuando, o curso terminava às quatro horas da tarde e depois disto, eu e algumas alunas saíamos em grupo, batendo de porta em porta, explicando a importância de São Caetano virar um município e pedindo para as pessoas assinarem o documento que o governo exigia.

- Mas então, por que seu nome não está na placa, vó?

- Porque se fossem colocar o nome de todo mundo que ajudou um pouquinho teria que ser um livro mesmo, não só uma placa - disse a velha senhora sorrindo.

- Na verdade - continuou Dona Olga - eu nunca liguei

muito para isto; eu era muito jovem e para nós, naquela idade, era quase uma diversão... Uma aventura percorrer as casas e conversar, normalmente com as donas de casa.

- Mas vocês eram só meninas... Elas escutavam vocês?

- Claro que sim! Muitas nos convidavam pra entrar e ofereciam biscoitos e tudo o mais. Eram muito simpáticas.

- Vovó, e essa gente toda, os noventa e tantos, ainda estão vivos?

- Ah... A maioria não mais - disse com uma ponta de tristeza - Da última vez que eu soube eram só cinco ainda vivos. Hoje já não sei. Mas uma coisa eu te digo: todos entraram para a história da cidade.

- E como foi no dia do plebiscito, vó?

- Ah, foi tanta emoção! Foi num domingo... Passamos o dia todo andando pela cidade só pra ver o movimento. Estávamos preocupados com o resultado. Tínhamos conseguido mais de cinco mil assinaturas naquele documento, mas não sabíamos quantos iriam votar contra. Além disso, tinha um pessoal de Santo André tentando convencer as pessoas a não votar na emancipação. Mas não adiantou.

Quase dez mil pessoas votaram e às sete horas da noite saiu o resultado: Só mil pessoas, eu acho, votaram contra. Foi uma vitória enorme! Mais de oito mil

votos a favor! E aquela noite foi a maior festa: sirenes tocando, buzinas, todas as fábricas tocando seus apitos. Foi demais! Nem quando o Brasil ganhou a primeira copa do mundo, dez anos depois, teve tanta festa na cidade.

- Puxa vó, que história bonita! Você é que devia fazer esta redação. Tem tanta coisa pra contar! Eu posso escrever que você participou do movimento?

- Pode, meu filho, só não sei se vão acreditar, mas isto não importa, nunca fiz questão que soubessem mesmo.

- Legal! E, eu posso te pedir outra coisa?

- O que, Felipe, respondeu Dona Olga já ante-vendo o pedido.

- Posso dormir aqui hoje?

- Pode menino, pode! Só liga pro teu pai e pede pra ele trazer o seu pijama, em vez de vir te buscar..

Naquela noite, antes de pegar no sono, Felipe sonhou acordado, imaginando como tudo teria acontecido e se imaginando na festa da vitória!

Apuração dos  
votos do plebiscito



Katia Valéria Gomes de Souza  
Professora de Língua Portuguesa  
Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti

## Gratidão

A história da minha cidade é a minha também, o que antes do meu nascimento se passou na terra onde nasci toca o meu coração e desperta em mim uma profunda gratidão a todos aqueles que lutaram pelo bem-estar das gerações futuras.

Foi no ano de 1933, meus avós compraram a prestações uma pequena e humilde casa na Rua Tapajós, em São Caetano. Meu avô era um imigrante português, funcionário da São Paulo Railway.

O local ainda não dispunha de água tratada, sistema de saneamento ou calçamento nas ruas. O pequeno filho do casal, então com dois anos, adoeceu gravemente, os médicos afirmaram que a água do lugar fazia-lhe mal e era necessário que se mudassem para salvar a vida do menino.

A família então não hesitou, abandonou a casa e partiu para o Bairro do Canindé, em São Paulo, e passou novamente a pagar aluguel para morar. A vida seguiu, o pequeno menino recuperou a saúde e outros filhos vieram.

Mas ah!!... A vida!!...

São Caetano ainda tinha muito a oferecer a esta família e então, na década de 1960, aquele pequeno menino, já adulto e casado, mudou-se para São Caetano e aqui construiu sua vida, teve e criou seus filhos. Presenciou o crescimento da cidade, viu as construções crescerem, o asfalto chegar e os carros tomarem conta das ruas.

Anos mais tarde, outros familiares também se mudaram para a crescente cidade que acolheu a todos, que aqui construíram suas vidas e prosperaram. Hoje, comemorando a grandeza da nossa cidade, saúdo os líderes autonomistas e todos os envolvidos nesta belíssima luta, lembrando que dias melhores se fazem com determinação, força e fé.

Gratidão a estes homens e mulheres que fizeram muito mais do que plantar o próspero futuro da nossa cidade, salvaram vidas, devolveram esperanças e permitiram sonhos.

Que as gerações futuras inspirem-se neles e percebam que a vida se faz com a grandeza de construir o bem comum, a perseverança de seguir lutando mesmo sem a certeza da vitória.

Gratidão também aos meus destemidos avós, que enfrentaram a pobreza e as dificuldades, lançando-se na vida a fim de salvar a vida do meu pai. A história conta os inegáveis fatos, os corações e o brilho dos olhares contarão para sempre uma linda história de gratidão.



Alguns líderes autonomistas após o encerramento do plebiscito. Foram identificados, em primeiro plano, a partir da esquerda, ao centro: Nelson Infanti e Mário Porfírio Rodrigues

## CONCURSO DE FRASES SOBRE A AUTONOMIA

Ainda para celebrar os 72 anos da autonomia de São Caetano do Sul, a Secretaria Municipal de Educação promoveu um concurso de frases com os alunos da rede municipal de ensino. A partir de um vídeo sobre o assunto, disponibilizado pela Fundação Pró-Memória, os estudantes puderam elaborar frases sobre a história do movimento que, em 1948, libertou o então subdistrito de Santo André. Acompanhem as frases vencedoras:

“Mudanças abrem portas e conseguimos viver o sucesso dessa mudança graças aos autonomistas”.

Aluna: Samira Salvina Neri (8ºG)  
Prof. Adriana Martins Christianini - Escola Municipal de Ensino Alcina Dantas Feijão

“De pequeno subdistrito a importante município, resiliente, São Caetano provou ser autossuficiente ao tornar-se independente e afirmar fortemente seu valor e mérito”.

Aluna: Luana Lobato Pontes (9ºC)  
Prof. Caroline Ferreira Lacerda – Escola Municipal de Ensino Fundamental Olyntho Voltarelli

“São Caetano do Sul... que transformação.

Diversas fases: Primeiro como fazenda, depois a falta de estrutura e agora o que vemos é resultado de muito trabalho, luta, evolução e descobertas ao longo do tempo. Obrigada Autonomistas!”.

Aluna: Natalia Lavagnini Rota (9ºB)  
Prof. Humberto dos Santos - Escola Municipal de Ensino Fundamental 28 de Julho

“Depois de muita luta e trabalho firme, de porta em porta, São Caetano virou o município independente, graças aos valentes autonomistas que acreditaram que tudo poderia ser melhor!”.

Aluno João Vitor Macedo Passarini (7ºD)  
Prof. Humberto dos Santos - Escola Municipal de Ensino Fundamental 28 de Julho

“Não foi fácil, não foi da manhã para noite, mas os Autonomistas conseguiram transformar o subdistrito em município e a população aplaudiu”.

Aluno Vitor Hugo Tersi (7ºC)  
Prof. Humberto dos Santos - Escola Municipal de Ensino Fundamental 28 de Julho

Já a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bartolomeu Bueno da Silva realizou uma produção coletiva dos alunos do 7º ano. Os professores responsáveis pela atividade foram Adrianne Eliin e Eber Dias de Souza.

### **A determinação de São Caetano**

São Caetano se destacou pela Fazenda São Caetano, que fazia tijolos, lajotas. A Fazenda São Caetano foi o primeiro a ser inaugurado, em 29 de junho de 1877, foi desapropriada pelo Governo Imperial para nela instalar o Núcleo Colonial de São Caetano em 28 de julho de 1877. Os imigrantes partiram de Gênova e desembarcaram no porto de Santos. Quando chegaram trabalharam nas olarias.

A história de São Caetano se resume na determinação de 95 jovens que queriam uma condição melhor para sua cidade com melhores condições de saúde, educação, etc. E com a ajuda da população os autonomistas conseguiram a independência de São Caetano.

Depois da autonomia de São Caetano, a questão de organização da cidade melhorou muito, nisso se agrupa a moradia, educação e higiene. Educação gera conhecimento, conhecimento gera sabedoria, e só um povo sábio pode mudar seu destino. ■



## **Autonomia**

**72 anos**

Mário Porfírio Rodrigues, líder autonomista, no momento em que depositava seu voto na urna, durante o plebiscito de 24 de outubro de 1948



## Acervo Nilton Jorge Vetorazzi



Familiares e amigos na frente da residência de Antonio Vetorazzi e Maria Olívia Montebello, na Rua Tenente Antonio João, no Bairro Cerâmica. Foram identificados, na imagem: Moacyr e Antonio João (filhos do casal), Romualdo, Carlos, Neide e Isa. Foto de 1957 (aproximadamente)



Confraternização dos funcionários da Fábrica de Manômetros Willy, em 1954. Antonio João Vetorazzi (o quinto, na lateral direita da mesa) trabalhou na empresa, que fica na Rua João Pessoa, no Bairro Centro



Na frente da casa de Antonio João Vetorazzi e Eunice Scareli Vetorazzi, na Rua Antonio de Andrade, no Bairro Cerâmica, vemos, em pé, a partir da esquerda: Lídia (à frente), Nívea, Ana e Silvana (de vestido xadrez, filha do casal). Sentadas, estão: Sílvia e Silmara (outra filha do casal). As irmãs Lídia e Ana eram vizinhas da família, enquanto Nívea e sua filha, Sílvia, estavam visitando a residência. Foto de 1969

# JOSÉ AGOSTINHO LEAL

José Agostinho Leal, ex-vereador que dá nome a parque da cidade



Aerona/FMNSCS



Aerona/FMNSCS

No dia 9 de fevereiro de 2020, o Parque José Agostinho Leal foi reinaugurado. Dentro do conceito da Praça da Família, o local ganhou Academia da Longevidade, Espaço Pet e novo playground para crianças. Foto de 2020

INAUGURADO EM JULHO DE 2001, o Espaço de Lazer e Recreação, hoje Parque José Agostinho Leal (Avenida Tietê, na esquina com a Rua Prestes Maia, no Bairro Nova Gerty), tem como patrono um ex-vereador que representou a população na Câmara Municipal por seis legislaturas (mandatos de 1961, 1965, 1969, 1973, 1977 e 1984). Nascido em 4 de maio de 1921, no distrito de Pau Santo, em Caruaru (PE), era filho de João José Leal e Maria Idalina Bezerra. Conhecido como Zuzinha, chegou a São Caetano com 28 anos, já com quatro filhos pequenos (João e três Marias), e sua esposa Olívia da Silva (chamada de Nena), que estava grávida de Isabel. Era o ano de 1949, e o migrante procurava uma vida melhor para sua família. Em sua terra natal, havia trabalhado como lavrador e comerciante de quadros fotográficos. Em São Caetano do Sul, seria mais um operário a serviço da indústria que alimentava a recém-criada cidade.

Leal trabalhou por muito tempo na Cerâmica São Caetano. Depois passou a gerenciar a pensão na qual a casa da família foi transformada. Eles abrigavam migrantes nordestinos e imigrantes. E foi com apoio da população que, em 1961, assumiu pela primeira vez a vereança. Quando chegou a cidade, Leal era semianalfabeto, mas buscou crescimento intelectual e pessoal, formando-se em Direito aos 60 anos de idade. José Agostinho Leal faleceu em 24 de junho de 2001, em decorrência de complicações causadas por um atropelamento, deixando 14 netos. ■

**Colaborou:**  
Rogério Leal, neto de José Agostinho Leal



# Um símbolo de progresso e desenvolvimento...

## ➔ Monumento aos Imigrantes



O MONUMENTO AOS IMIGRANTES foi inaugurado em 27 de julho de 1972, durante a segunda gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei (1969 - 1973). Localizada na Praça dos Imigrantes, na Avenida Presidente Kennedy, no Bairro Olímpico, a obra foi concebida pelo arquiteto Mamor Sugo e se tornou um dos primeiros monumentos a homenagear, de forma significativa, os imigrantes que integraram a população de São Caetano.

A estrutura de concreto aparente representa as diversas correntes migratórias que convergem como galhos de uma árvore. No topo do monumento, um elo de união entre os elementos verticais simboliza

a união do povo e das ideias. Três pedras localizadas no centro representam a fusão das etnias. A foto que apresentamos é de 1972. Por muitos anos, o local foi espaço de lazer ao ar livre para os moradores dos arredores, deixando memórias de muitos momentos de alegria. Era muito comum crianças andarem de bicicleta no entorno do monumento.

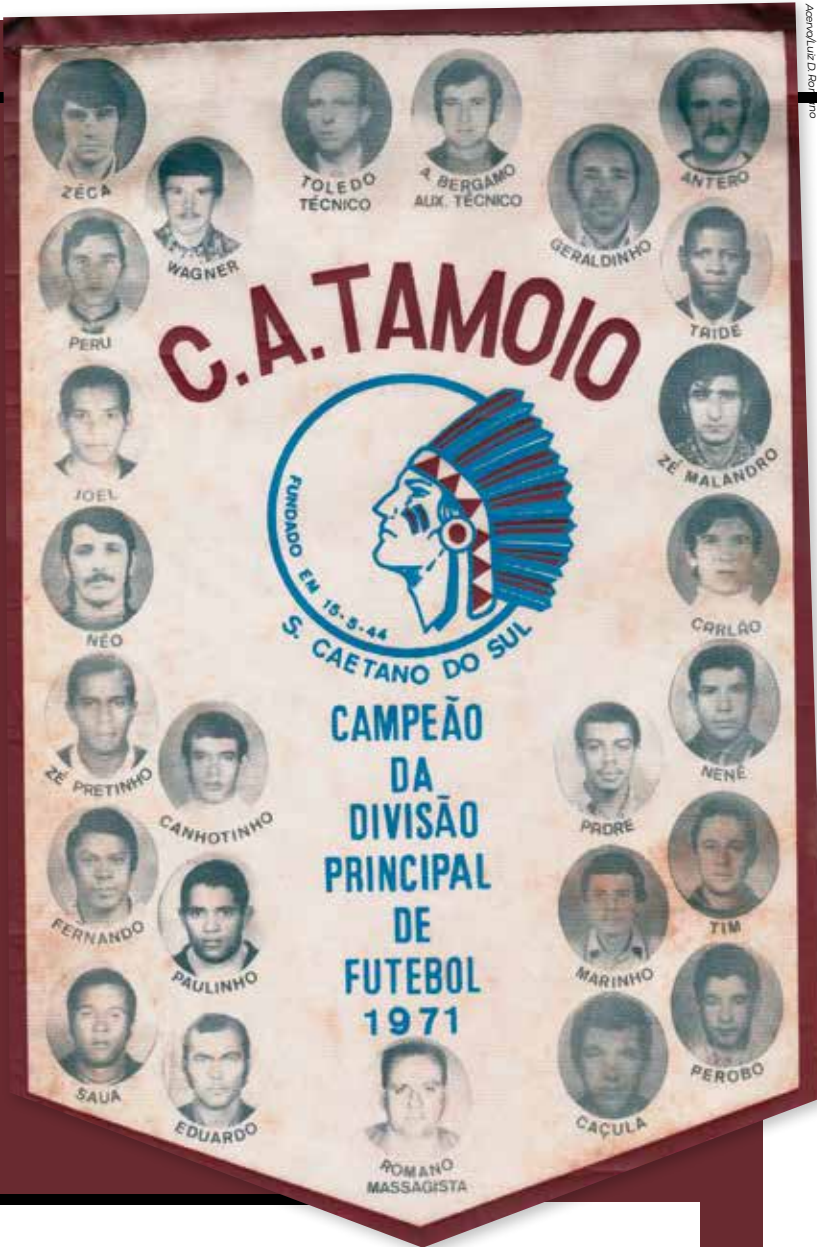
Em função das intervenções urbanas realizadas na região, a estrutura foi demolida. Em agosto de 1999, a praça foi totalmente remodelada, sendo inaugurado no local outro monumento, de autoria de Adélio Sarro Sobrinho, também dedicado aos imigrantes. ■

# Adeus ao tabu de 27 anos

Clube Atlético Tamoio, finalmente campeão da divisão principal de futebol de 1971

Flâmula comemorativa de campeão do Clube Atlético Tamoio, em 1971

 Luiz Domingos Romano



**DOMINGO DE CÉU AZUL** - Era um domingo, dia 16 de janeiro de 1972. Uma manhã de sol irradiante e céu de brigadeiro. Era o dia do grande jogo, da grande decisão do Clube Atlético Tamoio frente ao São Cristóvão Futebol Clube, no Estádio Arthur Garbelotto, no Bairro da Fundação.

Palco do jogo completamente lotado, mais de duas mil pessoas presentes, com maior predominância de torcedores tamoioenses, que desceram o morro até o bairro. Um ambiente propício para a decisão e um cenário decorado com muitas bandeiras e faixas, animado pelo som de instrumentos musicais, em uma bela “batucada”. Estava tudo pronto para o grande jogo e a inédita decisão para

o time do Tamoio, depois de muitos anos. Apita o juiz e começa o espetáculo!

**Como foi o jogo** - Começa a partida, começa a decisão. Como se previa, o jogo se inicia com muita velocidade, rapidez, e belas jogadas de ambas as equipes. A pressão exercida pelo time do Tamoio é muito intensa e ofensiva, destacando a dupla de atacantes Paulinho e Sauá, com seus dribles rápidos. Aos 20 minutos, o árbitro Dalmo Castro Rodrigues assinala um pênalti a favor do time grená. Para desespero da imensa torcida do Tamoio presente no estádio, o atacante Paulinho chuta e o goleiro Mantovani, do São Cristóvão, faz a defesa. Mas o time não desanima!

E o jogo continua muito disputado. Na correria, muitas faltas, o que acabou ocasionando a expulsão do técnico do São Cristóvão, José Soares, por reclamações ao árbitro. O clima do jogo vai esquentando, com jogadas mais ríspidas e desleais. E, aos 26 minutos, em grande jogada, o ponta esquerda Eduardo faz o primeiro gol do jogo, para a felicidade da torcida tamoioense. O primeiro tempo da grande decisão termina com vantagem para o time da Vila Olinda.

Começa o segundo tempo com a equipe do São Cristóvão impondo um ritmo mais intenso, com muita ofensividade e criando muitas jogadas de perigo, tentando empatar o jogo. E isso acontece aos 21 minutos, em um contra-ataque do atacante Ney, da equipe alvinegra. Esse resultado não interessava ao Tamoio, somente a vitória importava à equipe.

Por isso, a equipe dirigida pelo técnico Sebastião Toledo passou a jogar com mais intensidade e objetividade, gerando muitos ataques perigosos à equipe adversária. De tanto pressionar, o Tamoio chega ao seu segundo gol. Depois de uma confusão

dentro da área, a bola sobra para o atacante Taíde, que, de cabeça, faz o gol. Isso aos 27 minutos. A emoção da conquista do título inédito está prestes a chegar. A tensão continua. Mas o jogo ainda não acabou!

O confronto começa a ficar mais violento, o que provoca a expulsão do jogador do São Cristóvão, Urugue, aos 43 minutos. E quando o jogo já se encaminhava para o final, nos descontos finais da partida, o atacante Paulinho driblou vários jogadores e marcou o terceiro gol, solidificando o título de campeão da divisão principal de futebol de São Caetano do Sul, depois de 27 anos de espera. Aleluia!!!

**A grande festa** - O juiz apita! Acaba o jogo! A festa já começa dentro de campo, com os jogadores e dirigentes se abraçando e vibrando muito com o título conquistado. Fora de campo, a grande torcida do Tamoio fazia a festa com suas bandeiras ao som de um bom batuque.

Uma grande carreata parte do estádio com os jogadores em cima de uma perua vermelha, desfilando por toda a cidade até

O juiz apita!  
Acaba o  
jogo! A festa  
já começa  
dentro de  
campo, com  
os jogadores  
e dirigentes  
se abraçando  
e vibrando  
muito com  
o título  
conquistado.



CLUBE ATLÉTICO TAMOYO 1971  
CAMPEÃO DA DIVISÃO PRINCIPAL DE FUTEBOL

Faixa comemorativa de Campeão da divisão principal de futebol de São Caetano de 1971

Assim, Luiz D. Romero



A inesquecível diretoria do clube, em foto de 1971. Em pé, da esquerda para a direita: Osvaldo Ricci, Júlio Narciso, Francisco Nabarrete, Sebastião Toledo, Vicente Geraldo Novembrini, Mario Romano e Hermenegildo Toledo. Sentados, no mesmo sentido, estão: Antônio Romera, Joaquim Amador, Pedro Sasso (presidente) e Ademar Sciorilli

chegar à sede do clube, na Rua Tenente Antônio João, na então Vila Olinda. A chegada foi triunfal. No interior da sede a comemoração foi muito grande entre jogadores, dirigentes e torcedores. Não ficou ninguém livre de levar o seu banho de comemoração. A festa não tinha hora para acabar, indo até altas horas da noite do domingo. Afinal, o título tinha de ser bastante comemorado, depois de uma longa espera de 27 anos.

**A campanha vitoriosa** - Para o Tamoio chegar ao seu título máximo do campeonato da primeira divisão de São Caetano do Sul teve de realizar a seguinte campanha:

Fase de classificação: Sociedade Esportiva Gisela (1x0); Flamengo Futebol Clube (1x1); Esporte Clube Vila Bela (0x1); Náutico Futebol Clube (5x1); Associação Atlética Vila Gerty (2x1); Atlético Vila Alpina (1x1); São José Futebol Clube (2x1); União Jabaquara Futebol Clube (7x0); São Cristóvão Futebol Clube (2x2); América do Sul Futebol Clube (3x1).

Fase final: Vila Bela (3x0); América do Sul (3x3); Vila São José (4x0); São Cristóvão (3x1).

Foram 14 jogos, nove vitórias, quatro empates e apenas uma derrota. O Tamoio marcou 37 gols, sofreu 13, com um saldo de 24 gols. Os artilheiros foram: Paulinho (12 gols), Sauá (9), Canhotinho (4), Zé Pretinho, Zé Malandro, Carlão, Mesquita e Taíde, com um gol cada.

**Os campeões** - Registramos, a seguir, o nome de todos os integrantes da equipe do Tamoio: José Antônio Seabra (Zeca), Vagner Toledo (Vagner), Alencar Martins (Peru), Admar Honorato de Souza (Joel), José Carlos Dias (Zé Pretinho), Manoel José Lopes (Néo), Fernando Ramos da Veiga (Fernando), Paulo Roberto Faria (Paulinho), Washington Nunes (Sauá), Luiz Fiorio (Canhotinho), Eduardo Moscatelli (Eduardo), José Carlos Guinsani (Zé Malandro), Antônio Carlos Caversan (Carlão), Altair Nunes de Oliveira (Taíde), Valdivio Francisco de Oliveira (Padre),

Antonio Reich Garcia (Tim), Oswaldo Mantelatto (Oswaldo), Anthero de Almeida Mattos Filho (Anthero), José da Silva (Perobo), Oduvaldo Sanguin (Caçula), Mario Mesquita (Mesquita) e Geraldo de Oliveira (Geraldinho); Sebastião Toledo (técnico) e Mario Romano (massagista).

**Os jogadores que mais atuaram** - Fernando, Zé Pretinho, Paulinho e Sauá (14 vezes); Zeca e Peru (13); Canhotinho e Joel (12); Néo (10); Vagner (9); Zé Malandro, Carlão e Eduardo (8); Geraldinho (7); Perobo e Taíde (6); Tim e Padre (4); Mesquita, Nene e Anthero (3); e Caçula (1). ■

## RESUMO DA PARTIDA EQUIPES

### C. A. Tamoio

Zeca, Vagner, Perú, Joel e Néo (Geraldinho), Zé Pretinho, Canhotinho, Fernando (Taide), Paulinho, Sauá (Carlão) e Eduardo

#### Técnico

Sebastião Toledo

### São Cristóvão F. C.

Mantovani, Galvão, Urugue, Décio (Belfare), Plefer, Ney, Hortêncio, Titi (Cabrita), Marinho (Sabão), Valdir e Edú

#### Técnico

José Soares

### Gols

Eduardo, Taide e Paulinho (Tamoio) e Ney (São Cristóvão)

### Expulsões

José Soares e Urugue (São Cristóvão)

### Árbitro

Dalmo Castro Rodrigues

### Estádio Arthur Garbellotto

Bairro da Fundação – 16 de janeiro de 1972

Luiz Domingos Romano é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em Comunicação Visual. Atualmente é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Memória do Futebol), em São Paulo e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Agradecimentos: Ademir Medici, Vagner Toledo e José Pires Maia.

Fontes de dados: *Diário do Grande ABC*



A partir da esquerda, vemos: Antonio Peres (Panga), Pedro Sasso, presidente do clube, e Mario Romano, massagista. Sasso segura cartaz onde se lê: “Adeus Tabu de 27 anos”

Relíquia de quase 50 anos: o ex-jogador Vagner Toledo mostra a camisa que usou no jogo da decisão. Foto de outubro de 2020



# Associação Desportiva São Caetano: 1992, rumo à primeira divisão

Renato Donisete Pinto

Equipe da A.D. São Caetano no dia 1º de novembro de 1992, no Estádio Anacleto Campanella. Em pé, da esquerda para direita, vemos: Luiz Olinto Tortorello (então prefeito e presidente de honra), Jarbas, Claudio, Daniel, Helinho, Airton, Cavani, Carlão, Fernando (fisioterapeuta), Jaime Tortorello. Agachados, no mesmo sentido, vemos: Pádua (massagista), Luis Carlos, Paulinho Kobayashi, Serginho Chulapa, Heriberto, Valbert, Jaime Tavares, Cristiano Alves de Mello (gandula)



A ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA SÃO CAETANO manteve em 1992 sua brilhante trajetória. Em apenas três anos após sua fundação, já acumulava um título e três acessos seguidos. O ano ao qual nos referimos neste texto foi marcado pela superação e determinação para alcançar a primeira divisão do futebol paulista.

**Preparação** - A A.D. São Caetano começou os preparativos para o Campeonato Paulista da divisão intermediária de 1992 no dia 16 de fevereiro. Realizou um jogo-treino contra a equipe do Nacional. Empate sem gols na capital paulista.

Durante a temporada, a diretoria de futebol da A.D. São Caetano foi reforçando o elenco. Antes do início do Campeonato Paulista chegaram Edvaldo, Zé Carlos, Netinho e Ismael, todos do vizinho Santo André; o zagueiro Daniel veio do Jacareí Atlético Clube; o centroavante Sidnei veio, por empréstimo, do Palmeiras. Da base subiram Alexandre, Marcelo, Zé Ricardo, Rivaldo e Rogério Lima. Prestes a iniciar o certame veio a grande notícia da renovação do meia Paulinho, que se destacaria no futebol como Paulinho Kobayashi.

Neste início a equipe foi comandada pelo José Gazetto, o popular Zelão. Para finalizar a prepa-



Serginho Chulapa, autor dos dois gols da vitória contra o São Bento, no Estádio Humberto Realli, em Sorocaba, no dia 29 de novembro de 1992

ração, no dia 22 de março, o último compromisso foi um empate de um gol em Araraquara frente à Associação Ferroviária de Esportes. Antes da primeira partida oficial, a equipe jogou seis vezes, sem nenhuma derrota.

**Primeira fase** - O Campeonato Paulista da divisão intermediária de 1992 contou com 27 clubes participantes. A A.D. São Caetano ficou na série C do grupo 2. Nesta etapa, a equipe jogou contra as equipes da série D.

A tabela da primeira fase não ajudou muito, com as três primeiras partidas realizadas

longe de São Caetano do Sul. A equipe até começou bem. No dia 28 de março, vitória sobre o Fernandópolis Futebol Clube, com gol do Tião. A equipe sul-são-caetanense entrou em campo com Uilton, Ismael, Luciano, Adriano e Cláudio; Tião, Luis Carlos, Daniel e Xaléu; Zé Carlos Silva e Netinho (Taloni). Na sequência, duas derrotas (Clube Atlético Taquaritinga e Clube Atlético Votuporanguense). Depois destes resultados, o treinador Zelão deixou a equipe.

O primeiro jogo no Estádio Anacleto Campanella aconteceu no dia 26 de abril contra a equi-

pe do Rio Preto Esporte Clube. O gol de Daniel aos 23 minutos do segundo tempo deu a vitória ao Azulão, que foi comandado interinamente pelo preparador físico Laurindo Menezes.

No dia 27 de abril, era anunciada a contratação do treinador Antonio Wilson Honório, o Coutinho, que é considerado um dos maiores atacantes do futebol brasileiro, formando o inesquecível quinteto mágico do Santos da década de 1960, com Dorval, Mengálvio, Pelé e Pepe. Teve uma passagem como atleta pelo saudoso Saad Esporte Clube, em São Caetano do Sul, contada

## S. CAETANO NA PRIMEIRA DIVISÃO

### A CAMPANHA

#### 1ª FASE

- 20.02 Fernandópolis 0 x São Caetano 1
- 20.04 Taquaritinga 2 x São Caetano 0
- 23.04 Taquaritinga 1 x São Caetano 0
- 26.04 São Caetano 1 x Rio Preto 0
- 02.05 Sorocaba 1 x São Caetano 1
- 05.05 São Caetano 2 x Fernandópolis 0
- 08.05 São Caetano 2 x Taquaritinga 2
- 11.05 São Caetano 0 x Taquaritinga 0
- 14.05 Rio Preto 0 x São Caetano 1
- 17.05 São Caetano 1 x Sorocaba 0
- 21.05 Jaboticabal 0 x São Caetano 0
- 23.05 São Caetano 1 x Velo Clube 0
- 25.05 São Caetano 1 x União de Mogi 1
- 28.05 União Barbearas 1 x São Caetano 0
- 30.05 São Caetano 1 x Wilsonianos 0
- 02.06 Palmeiras 2 x São Caetano 0
- 05.06 Centro Brás 2 x São Caetano 1
- 08.06 Velo Clube 1 x São Caetano 1
- 11.06 São Caetano 0 x Palmeiras 1
- 14.06 União de Mogi 1 x São Caetano 0
- 17.06 São Caetano 1 x União Barbearas 0
- 20.06 Marília 1 x São Caetano 1
- 23.06 São Caetano 2 x Centro Brás 0

#### 2ª FASE

- 04.10 Nacional 1 x São Caetano 2
- 07.10 São Caetano 1 x Jaboticabal 0
- 11.10 Taubaté 1 x São Caetano 1
- 14.10 São Caetano 2 x Taubaté 2
- 18.10 Jaboticabal 0 x São Caetano 1
- 21.10 São Caetano 2 x Nacional 2
- 25.10 Taubaté 2 x São Caetano 2

#### TOTAL

- 20 jogos
- 10 vitórias
- 17 empates
- 8 derrotas
- 47 gols pró
- 22 gols contra
- saldo: +25

Em pé (da esq. para a direita): Genésio Ferraz (Presidente), Arnaldo, Carlos, Carlos, Carvetti, Rodnei, Wilson, Daniel, Cláudio, Aírton; Agachados: Pádua (Imagostino), Daniel Silva, Pininho, Marcelo, Luiz Carlos (encoberto), Helinho, Serginho Chulapa, Waldner e Jaime Tavares Júnior (médico).



# DIÁRIO DO GRANDE ABC

Reprodução de pôster publicado no *Diário do Grande ABC*, na edição do dia 17 de dezembro de 1992

na edição 59 da revista *Raízes* (julho de 2019). No dia 3 de maio, Coutinho comandou o time no empate em um gol contra o Sertãozinho Futebol Clube.

Além do treinador, a equipe foi reforçada pelo lateral e zagueiro Fantick (ex-jogador da Portuguesa de Desportos), pelo zagueiro Juarez (campeão paulista pelo Internacional de Limeira, em 1986) e o retorno do goleador Serginho Chulapa, que fez sua reestreia no dia 24 de maio, contra o Taquaritinga. Empate em dois gols, sendo os dois gols da A.D. São Caetano marcados por Serginho Chulapa. No final da partida, ele foi aplaudido pelos torcedores no Estádio Anacleto Campanella.

Mais quatro consagrados jogadores foram

apresentados no final de maio e junho: o volante Dema (campeão paulista pelo Santos, em 1984), o habilidoso meia Heriberto, e o lateral esquerdo Aírton (ambos campeões paulistas, em 1980, pelo São Paulo); além do retorno do zagueiro Carlão.

Após cinco jogos, sem nenhuma derrota, a inesperada saída do treinador Coutinho foi anunciada no dia 10 de junho. Imediatamente, foi contratado Edson Oliveira, que vinha fazendo excelente trabalho no São Bernardo. Oliveira estreou contra o Rio Preto fora de casa, no dia 14 de junho. Vitória com um gol de bicicleta de Chulapa.

Nesta etapa, o São Caetano ficou apenas atrás da Associação Esportiva Velo Clube (da cidade de Rio Claro) na classificação da série C, com 14



pontos conquistados. Na sequência, jogou contra as equipes da série C, da qual fazia parte. Com a vitória contra o Velo Clube, o time assumiu a liderança, com 16 pontos e uma série invicta de dez partidas.

O ponta de lança Ramon veio do Valeriodoce Esporte Clube para ajudar na campanha. O jogo contra a Matonense, no dia 26 de julho, foi realizado com os portões abertos do Estádio Anacleto Campanella, fazendo parte dos festejos do aniversário da cidade. Goleada do Azulão de 3 a 0 para o grande público presente.

No começo do mês de agosto, depois das derrotas para o Palmeiras de São João da Boa Vista e para a Associação Atlética Central Brasileira, da cidade de Cotia, o treinador Edson Oliveira pediu demissão. Para o seu lugar foi contratado Oscar Amaro, que no currículo tinha o acesso para a primeira divisão com o Esporte Clube Taubaté, em 1979, além de ter treinado clubes como Juventus, Bragantino, e os vizinhos Santo André e São Bernardo. Mais reforços: o ponta esquerda Valber, que veio do Blumenau Esporte Clube, e o meia Israel, do Itaquaquecetuba Atlético Clube. Da Ferroviária vieram o volante Helinho e o centroavante Marcão, que atuou por diversos clubes e jogou no São Paulo em 1983 e 1984.

Na sequência do campeonato o São Caetano empatou com o Velo Clube; aplicou uma goleada no Palmeiras, de São João da Boa Vista; sofreu uma derrota, em Mogi das Cruzes, contra o União Futebol Clube; venceu, em casa, a União Agrícola Barbarense; empatou, fora, contra a Sociedade Esportiva Matonense; e fechou esta fase classificando-se, no Estádio Anacleto Campanella, com vitória sobre o Central Brasileira, no dia 20 de setembro. O centroavante Marcão fez os dois gols da partida. O São Caetano jogou com Cavani; Claudio, Daniel, Carlão e Airton (Fantick); Helinho, Heriberto e Marcão; Ramon, Serginho Chulapa (Paulinho Kobayashi) e Valber. A equipe terminou a primeira fase em primeiro lugar na série C, com 28 pontos.

**Segunda fase** - A A.D. São Caetano ficou na série E com o Esporte Clube Taubaté, o Nacional Atlético Clube e o já conhecido Jalesense Atlético Clube. Mais reforços para o time: o zagueiro Cássio, e o meia Arnaldo. A estreia nesta fase foi contra o Nacional, no dia 4 de outubro. Dez ônibus levaram a torcida a acompanhar a equipe no Estádio Nicolau Alayon, na zona oeste de São Paulo. O apoio dos torcedores contribuiu para a vitória por 2 a 1, com gols de Valber para o Azulão.

Na sequência, três empates seguidos colocaram em risco a classificação e custaram o cargo do treinador Oscar Amaro. O mais dramático foi no dia 18 de outubro. Empate em São Caetano do Sul contra o Taubaté (2 a 2), que só foi conquistado aos 47 minutos do segundo tempo, com gol de Daniel. Este resultado manteve viva a chance de classificação.

Uma vitória em Jales, no dia 25 de outubro, contra o Jalesense, praticamente assegurou a equipe na fase final, com mais um gol decisivo de Serginho Chulapa. Mas a classificação só foi realmente conquistada na força e na garra, no Estádio Anacleto Campanella, contra o Nacional, na última rodada, no dia 1º de novembro. Depois de estar perdendo por 2 a 0, o Azulão (que jogou com a camisa vermelha!) conseguiu o empate somente nos acréscimos do final do jogo com gol de Ramon. Os mais de quatro mil torcedores quase foram à loucura. Nestes dois últimos jogos, novamente o preparador físico Laurindo Menezes comandou a equipe.

**Fase final** - O acesso estava cada vez mais próximo. A fase final contou com São Caetano, Taquaritinga, Taubaté e Esporte Clube São Bento. Só duas equipes subiriam para a primeira divisão de 1993. Para esta fase decisiva o treinador Valter Zapparoli foi contratado. Ele havia conquistado o acesso com o Velo Clube no ano anterior, e tinha evitado rebaixamentos de várias equipes durante sua carreira. A baixa ficou por conta da grave lesão do meia Heriberto, que o afastou da competição.

Um tropeço frente ao Taquaritinga não tirou o ânimo para buscar o acesso. Na sequência, três vitórias - incluindo uma goleada contra o São Bento, com direito a apresentação impecável de Chulapa, fazendo três gols, - encaminharam o objetivo da equipe, que só foi atrapalhado por uma derrota na penúltima partida, contra o Taubaté, fora de casa. Faltava apenas um ponto para o acesso e o São Caetano tomou o gol do Taubaté aos 45 minutos do segundo tempo, através de um pênalti.

Este jogo foi realizado em São José dos Campos, pois o Taubaté foi punido por conta de incidentes no seu estádio no jogo anterior contra o Taquaritinga. No último jogo, um empate classificaria a A.D. São Caetano (o Taquaritinga já estava classificado, após uma goleada na penúltima rodada). Foi o que acabou acontecendo, mas de forma dramática. A equipe de São Caetano tomou um susto e chegou ao placar de 2 a 0. Novamente, o time se superou e conseguiu o empate. Segue a ficha técnica deste jogo histórico:

## A.D. SÃO CAETANO 2 X 2 C.A. TAQUARITINGA

### DATA:

13 de dezembro de 1992

### LOCAL:

Estádio Anacleto Campanella, em São Caetano do Sul

### A.D. SÃO CAETANO:

Cavani; Claudio, Daniel, Carlão e Airton; Helinho, Luís Carlos, Paulinho e Marcão (Daniel Silva); Serginho Chulapa e Valber (Arnaldo).  
Reservas: Uilton, Rodnei e Cassio Técnico: Valter Zapparolli

### C.A. TAQUARITINGA:

Angelo; Ditinho, Luis Fernando, Roberto Alves e Du; Josemar, Paulo Bem e Zó (Silvano); Careca, Carlão e Márcio Fernandes (Nívio).  
Reservas: Sérgio, Nenê e Buião. Técnico: Benazzi

### GOLS:

Márcio Fernandes (9'), Careca (19'), Paulinho (20') e Serginho Chulapa (32' do segundo tempo)

### ÁRBITRO:

Dionísio Roberto Domingos

### CARTÃO AMARELO:

Claudio, Helinho e Serginho

### CARTÃO VERMELHO:

Luís Fernando

### RENDA:

Cr\$ 203.880.000,00 (8.427 pagantes)

Desta forma, o Taquaritinga sagrou-se campeão e a A.D. São Caetano conseguiu seu terceiro acesso seguido em apenas três anos desde sua fundação. Com 16 gols, Chulapa foi o vice-artilheiro da competição. Mais um final de ano de muita festa e alegria em São Caetano do Sul!

Atletas que vestiram a camisa da A.D. São Caetano em 1992: Adriano, Airton, Alexandre, Arnaldo, Carlão, Cássio, Cavani, Claudio, Daniel, Daniel Silva, Dema, Edson Oliveira, Edvaldo, Emiliano, Fantick, Fernando, Giba, Helinho, Heriberto, Ismael, Israel, Juarez, Luciano, Luís Car-

los, Marcão, Marcelo, Marquinhos, Murakami, Netinho, Osmir, Paulinho Kobayashi, Ramon, Ricardo, Rivaldo, Rodnei, Rogério Lima, Serginho Chulapa, Sidnei, Taloni, Tião, Uilton, Valber, Xaléu, Zé Carlos e Zé Ricardo. Treinadores: José Gazetto (Zelão), Laurindo Menezes, Coutinho, Edson Oliveira, Oscar Amaro e Valter Zaparolli. ■

## CAMPANHA DA A.D. SÃO CAETANO

### PRIMEIRA FASE

28/3 – Fernandópolis F.C. 0 x 1 A.D. São Caetano  
 5/4 – C.A.Taquaritinga 2 x 0 A.D. São Caetano  
 19/4 – A.A. Votuporanguense 1 x 0 A.D. São Caetano  
 26/4 – A.D. São Caetano 1 x 0 Rio Preto E.C.  
 3/5 – Sertãozinho F.C. 1 x 1 A.D. São Caetano  
 10/5 – A.D. São Caetano 1 x 1 C.A. Jalesense  
 17/5 – A.D. São Caetano 2 x 0 Fernandópolis F.C.  
 24/5 – A.D. São Caetano 2 x 2 C.A.Taquaritinga  
 7/6 – A.D. São Caetano 0 x 0 A.A. Votuporanguense  
 14/6 – Rio Preto E.C. 0 x 1 A.D. São Caetano  
 18/6 – A.D. São Caetano 0 x 0 Sertãozinho F.C.  
 21/6 – C.A. Jalesense 0 x 0 A.D. São Caetano  
 28/6 – A.D. São Caetano 1 x 0 A.E. Velo Clube  
 12/7 – A.D. São Caetano 3 x 1 União Mogi das Cruzes F.C.  
 19/7 – U.A. Barbarense F.C. 1 x 0 A.D. São Caetano  
 26/7 – A.D. São Caetano 3 x 0 S.E. Matonense  
 29/7 – Palmeiras F.C. 2 x 0 A.D. São Caetano  
 2/8 – A.A. Central Brasileira 3 x 1 A.D. São Caetano  
 16/8 – A.E. Velo Clube 1 x 1 A.D. São Caetano  
 23/8 – A.D. São Caetano 5 x 1 Palmeiras F.C.  
 30/8 – União Mogi das Cruzes F.C. 1 x 0 A.D. São Caetano  
 6/9 – A.D. São Caetano 2 x 0 U.A. Barbarense F.C.  
 13/9 – S.E. Matonense 1 x 1 A.D. São Caetano  
 20/9 – A.D. São Caetano 2 x 0 A.A. Central Brasileira

### SEGUNDA FASE

4/10 – Nacional A.C. 1 x 2 A.D. São Caetano  
 7/10 – A.D. São Caetano 0 x 0 C.A. Jalesense  
 11/10 – E.C. Taubaté 1 x 1 A.D. São Caetano  
 18/10 – A.D. São Caetano 2 x 2 E.C. Taubaté  
 25/10 – C.A. Jalesense 0 x 1 A.D. São Caetano  
 1/11 – A.D. São Caetano 2 x 2 Nacional A.C.

### FASE FINAL

8/11 – C.A. Taquaritinga 1 x 0 A.D. São Caetano  
 15/11 – A.D. São Caetano 2 x 1 E.C. Taubaté  
 22/11 – A.D. São Caetano 4 x 1 E.C. São Bento  
 29/11 – E.C. São Bento 1 x 2 A.D. São Caetano  
 6/12 – E.C. Taubaté 2 x 1 A.D. São Caetano  
 13/12 – A.D. São Caetano 2 x 2 C.A. Taquaritinga



#### Referências Bibliográficas

CÂNDIDO, Edécio. São Caetano acerta a contratação de Coutinho. *Diário do Grande ABC*, 28 abr. 1992.  
 \_\_\_\_\_. São Caetano perde técnico Coutinho. *Diário do Grande ABC*, 10 jun. 1992.  
 \_\_\_\_\_. São Caetano reforça o time com o lateral Airton e zagueiro Carlão. *Diário do Grande ABC*, 17 jun. 1992.  
 DA COSTA, Alexandre. *Almanaque do São Paulo*. São Paulo: Abril, 2005.  
 DUARTE, Alec. Edson Oliveira pede demissão no S. Caetano. *Diário do Grande ABC*, 5 ago. 1992.  
 \_\_\_\_\_. Helinho acerta e pode estreiar no S. Caetano. *Diário do Grande ABC*, 17 set. 1992.  
 \_\_\_\_\_. Marcão é a novidade do coletivo do São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 10 set. 1992.  
 \_\_\_\_\_. São Caetano demite Oscar Amaro e fisicultor será o técnico em Jales. *Diário do Grande ABC*, 21 out. 1992.  
 JÚNIOR, Leo. Estrela de artilheiro. *A Gazeta Esportiva*, 14 dez. 1992.  
 MAIA, José Pires. Cantinho do Zézé. *Imprensa ABC*, 14 set. 2013.  
 PIERRE, Arnaud. Oscar Amaro é o novo técnico do São Caetano. *Diário do Grande ABC*, 7 ago. 1992.  
 PINTO, Renato Donisete. Coutinho, um craque desfilando sua categoria em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 59, p. 86-89, jul. 2019.

Renato Donisete Pinto é pedagogo e professor de Educação Física. Membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul, é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013) e coautor do *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos Autores, 2019).

Agradecimentos  
 José Pires Maia (Zezé) e Rodolfo Pedro Stella Jr.

 João Tarcísio Mariani

**NEM TODOS SABEM** que a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul está lançando um livro contando a vida e a obra, “modelada” em massa cerâmica, do geólogo Paschoal Giardullo, de quem tenho a honra de ser amigo.

O livro que tem por título: *Nos Caminhos da Geologia, da Cerâmica e da Arte – A Trajetória de Paschoal Giardullo*, tem como autora a jornalista Silvana Baierl, e narra a vida de um pioneiro e empreen-

dedor em todos os sentidos, uma vez que: foi formado pela Universidade de São Paulo (USP) na primeira turma de geólogos da instituição, participou da fase áurea da Cerâmica São Caetano, foi presidente da Associação Brasileira de Cerâmica, criador da Comissão Técnica de Minerais Industriais, lançou a primeira revista do Brasil especializada em massas para cerâmica, e foi o idealizador e promotor do Congresso Nacional de

Técnicas para as Artes do Fogo. O que não faltam são iniciativas precursoras na caminhada recheada de boas histórias que é a vida de Giardullo, narrada, no livro, com riqueza de detalhes e bom-humor.

Os leitores de *Raízes* poderiam, eventualmente, estranhar que, apesar de neste artigo o foco ser o Paschoal Giardullo, ao mesmo tempo, ele deve também ser considerado como coautor deste texto. A explicação é muito

## Quem para a massa parte, faz cerâmica e faz arte!

simples, não há como enaltecer a figura do: geólogo, pioneiro, bandeirante, escritor e amigo, sem citar algumas pérolas de seu livro, e seria a primeira vez na história dos direitos autorais que não se daria crédito ao autor de sua própria biografia, ou seja, ao Giardullo.

Também é bom informar que este artigo tem o claro objetivo de provocar os leitores da revista *Raízes* a lerem o livro, porque ele transcende a biografia de uma pessoa ou de uma família, ele contém parte da história de nossa

querida cidade de São Caetano do Sul. Outra observação interessante reside no fato de que os leitores da revista, em várias edições anteriores, se depararam com artigos homenageando figuras importantes na vida da cidade, mas sempre foram homenagens efetuadas por este autor, a personagens ilustres ainda vivos.

Essa é uma tese que defendemos há muito tempo e que deveria ser sempre apoiada, pois demonstrar o nosso reconhecimento e admiração por aqueles

que fizeram, fazem e farão São Caetano ser sempre um lugar em que possamos viver, e viver bem, é um tributo legítimo e um dever da cidade para com os seus cidadãos mais ilustres. Já foram alvos de nossas homenagens: Mário Dal’Mas, José de Souza Martins, Oscar Garbelotto, Mário Porfírio Rodrigues e Ivo Pellegrino.

Por isso mesmo, Paschoal Giardullo passa hoje a figurar na galeria dos insígnis colaboradores desta nossa querida São Caetano, homenageado como

alguém que, literalmente, “pôs a mão na massa” e dedicou muito do seu trabalho e da sua vida ao progresso desta cidade.

Podemos começar lembrando de Giardullo, desde os tempos de juventude e estudante, nas décadas de 1950 e 1960, quando participou do Centro Acadêmico de São Caetano do Sul. Registrou a sua marcante passagem ao fazer parte da diretoria que empreendeu as iniciativas mais memoráveis, e que serviram para alavancar as atividades de uma era de ouro na história cultural da nossa cidade. Mais tarde, já como geólogo formado pela USP, trabalhou na Cerâmica São Caetano, onde pesquisou e desenvolveu jazidas minerais importantes.

Como natural de São Caetano do Sul, fiquei imensamente feliz ao reviver, nas lembranças registradas por Giardullo neste livro, por meio de descrições detalhadas e primorosas, aquilo que era São Caetano nos bons tempos de nossa juventude. Os detalhes se repetem nas narrativas e histórias que ele conta sobre toda a trajetória de sua vida profissional. Chama-nos a atenção, especialmente, a rica apresentação envolvendo o cenário do que era o enorme conglomerado constituído pela Cerâmica São Caetano, na parte industrial e na infraestrutura de apoio, por meio das casas construídas na Vila dos Engenheiros, anexa à fábrica.

Entre as explicações sobre a história da Cerâmica São Caetano, Paschoal Giardullo nos leva a conhecer e a entender por que a indústria ganhou fama, no segmento de pisos, graças à excelência dos materiais que produzia com a melhor qualidade do mercado, e ao desenvolver até mesmo produtos em algumas cores que somente ela conseguia fabricar.

As histórias da vida profissional de Giardullo tratam das pesquisas de jazidas minerais, nas quais existem nomes de materiais tais como: feldspato, dolomita, talco e calcita, que poderiam criar a impressão de uma linguagem técnica, pesada e chata. Ao contrário, o livro passa de forma simples e atraente pelos cenários das jazidas, graças à riqueza da matéria-prima com a qual o geólogo recheou o livro. Por isso, o leitor

jamais será pego de calça curta por alguma explicação técnica, talvez quando muito poderia ser pego de ‘calcita’ curta.

Mas o melhor mesmo do livro são os “causos” que aconteciam nas expedições para as pesquisas que Paschoal Giardullo realizava, praticamente a quase todos os rincões do Brasil, em busca de matérias-primas cerâmicas. No início, as pesquisas foram para a Cerâmica São Caetano, mais tarde, ele continuou as pesquisas para a sua própria empresa. As situações pitorescas nessas aventuras são relatadas por meio de seu olhar perspicaz, de forma prazerosa e, por vezes, surpreendente.

Dentre muitas dessas situações inusitadas, o leitor vai descobrir por que Giardullo, não sendo fumante, sempre andava com cigarros. Em suas expedições, nas quais o seu trabalho de prospecção dependia de gente completamente desconhecida, às vezes era preciso: um cigarro, um maço, ou um pacote de cigarros.

Também podemos destacar outra situação, ou outro “causo”, que esclarece por que um geólogo, que deveria se envolver apenas com plantas, ou desenhos das adjacências de uma jazida, às vezes se via obrigado a entender, e muito, de plantas da flora das loca-



Arquivo/Paschoal Giardullo

Registros de visita à região de Brumado, na Bahia. Uma das muitas expedições de Giardullo em busca de matéria-prima

lidades visitadas. As expedições de Paschoal Giardullo, nas quais aconteciam tais situações curiosas, se davam sempre que existiam indícios da possível presença de minerais de interesse da Cerâmica São Caetano e boa parte das prospecções ocorria em condições precárias e adversas de locomoção e acessibilidade. Deve-se associar às dificuldades para realizar tais pesquisas o fato de que elas nem sempre resultavam em jazidas economicamente viáveis. Por isso mesmo, pode-se concluir que o geólogo, muitas vezes, trabalhou sem resultados compensadores e foi um verdadeiro bandeirante das jazidas brasileiras.

Mais tarde, Giardullo empreendeu um novo caminho e passou a se dedicar à produção de massas cerâmicas de alta qualidade, trabalhando por conta própria, e já faz 40 anos que ajuda os artistas a transformar as suas ideias em peças cerâmicas ou, melhor ainda, a modelar os seus sonhos. Isso aconteceu a partir de sua constatação da necessidade que os artistas cerâmicos tinham em confeccionar peças com determinadas especificações de cores e temperaturas de queima.

Para tornar mais efetiva a sua contribuição para o desenvolvimento da Arte Cerâmica no Brasil, Giardullo lançou uma revista especializada no assunto com o sugestivo nome de: *Mão na Massa*, publicação que, há quase 20 anos, vem orientando os artistas da área conhecida como Artes do Fogo.

Os bandeirantes originais de outrora e Paschoal Giardullo se assemelham em seu espírito desbravador com uma diferença fundamental entre eles. Os bandeirantes buscaram e nem sempre encontraram pedras preciosas, enquanto que o Giardullo sempre preferiu garimpar coisas mais preciosas que as pedras, tais como: a alegria de viver, a família, os amigos, a fé em Deus!



Acervo/Paschoal Giardullo

Paschoal Giardullo discursa durante abertura do Congresso Nacional de Técnicas das Artes do Fogo 2019, evento idealizado pelo geólogo desde sua primeira edição



Acervo/Paschoal Giardullo

Edição de nº 58 da *Mão na Massa*, lançada em 2020

Por falar em Deus, é preciso agradecer a Ele por esta oportunidade de homenagear o geólogo, e agradecer também ao saudoso amigo, Oscar Garbelotto, por ter me apresentado ao Paschoal Giardullo.

Cabe ainda assinalar outro preito de gratidão a Garbelotto que, indo à nossa frente, de Giardullo e minha, nos abriu as portas e nos ensinou os caminhos que nos conduziram juntos até a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Mais do que um livro, ele nos premia com um registro primoroso sobre a vida e a amizade. Consolida a visão de que os autênticos amigos ultrapassam o conceito de tempo: uma amizade verdadeira é permanente, é eterna!

Por isso mesmo, encerramos este artigo da mesma forma que o fizemos no prefácio do livro de Paschoal Giardullo, isto é, enfatizando o valor da amizade e defendendo a tese de que poderíamos ser avaliados, ao final de nossa vida terrena, pelo número de amigos verdadeiros que conseguimos reunir, como uma das recompensas para alcançar a vida eterna. Outra recompensa será ter a satisfação de voltar a conviver, perene e divinamente, com esses amigos lá no Céu. Parabéns pela obra escrita, com cerâmica e arte, ao geólogo, bandeirante, escritor e amigo eterno Paschoal Giardullo! ■

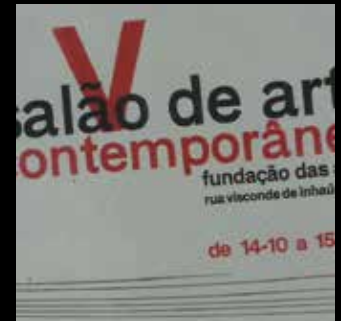
João Tarcísio Mariani é membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e presidente do Grupo dos Amigos do Movimento Autonomista de São Caetano do Sul (Gama).

# Os Salões de Arte Contemporânea de São Caetano

**MUITAS PESSOAS NÃO SABEM**, mas o universo artístico e cultural de São Caetano do Sul já viveu momentos de grande efervescência entre as décadas de 1960 e 1980. O ano de 1967 foi marcado pela realização do I Salão de Arte Contemporânea da cidade, promovido pelo Departamento de Educação e Cultura, e que contou com 87 artistas participantes.

Responsáveis por projetarem várias pessoas no campo das artes e abrigarem exposições com trabalhos de artistas brasileiros, os Salões de Arte Contemporânea de São Caetano ocorreram sem endereço fixo no início e, anos depois, passaram a ser realizados no prédio da Fundação das Artes. De forma não consecutiva, onze Salões foram realizados na cidade, até 1988, sendo que, nesta última edição, foram 33 artistas participantes.

Dentre os 761 participantes de todos os Salões, destaque para Claudio Tozzi, Helio Vinci, Antonio Henrique do Amaral, Nelson Leirner, Tomoshige Kusuno e Marcello Nitsche. A maioria das obras que foram prêmio-aquisição de cada edição do Salão de Arte Contemporânea de São Caetano está sob os cuidados da Fundação Pró-Memória, na Pinacoteca Municipal. ■





UMAS DAS PEÇAS MAIS CURIOSAS do acervo do Museu Histórico Municipal é um par de patins com rodas, que data de, aproximadamente, 1920. O equipamento pertenceu ao líder autonomista Accácio Spachacqueria. Segundo consta, ele era um exímio patinador e o par de patins em destaque foi adquirido em 1939. Sua esposa, Orlanda Spachacqueria, foi quem fez a doação da peça ao museu.

Podem até parecer uma invenção não muito antiga, mas os primeiros patins foram criados por volta de 1750, por Joseph Merlin. O modelo não tinha freios e contava com somente uma roda em cada pé. O resultado não foi o esperado. Depois de muitos melhoramentos e aperfeiçoamentos, foi cair no gosto da população somente no final dos anos de 1800. ■

# PAR DE PATINS



# HANNAH BRANDT

*Folhas soltas II*  
Hanna Brandt  
Xilogravura  
sobre papel  
1974  
87 x 62 cm



*NOSSO ACERVO* traz mais uma obra do acervo da Pinacoteca Municipal de São Caetano que foi prêmio-aquisição do Salão de Arte Contemporânea da cidade. Desta vez, apresentamos *Folhas Soltas II*, da alemã naturalizada brasileira, Hannah Brandt, participante da sexta edição do projeto, ocorrida em 1975. Em 2002, 34 gravuras da artista foram reunidas em uma mostra na Pinacoteca Municipal, ocasião em que Hannah doou mais uma obra para o acervo sul-são-caetanense. ■

A Pinacoteca Municipal tem atendimento direcionado para grupos e escolas. Conheça o projeto Agir e Interagir. Saiba mais em [www.fpm.org.br](http://www.fpm.org.br)

A gravadora, pintora e desenhista, Hannah Henriette Brandt, nasceu na Alemanha, em 1923. Veio para o Brasil em 1935, fixando residência em São Paulo. “Hannah lembra-se muito bem do momento em que recebeu o prêmio aquisição da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, e isso dá a medida da importância que a artista atribui à sua participação nos salões, mesmo sendo uma gravurista premiada na XII Bienal de São Paulo.

Hannah produziu pinturas por aproximadamente dez anos, participando, com outros alunos de Durval Pereira, de visitas à periferia da cidade, às favelas, trabalhando, assim, fora de seu ateliê. (...) Fez curso de desenho com modelo vivo na Associação Paulista de Belas Artes, ilustração na Famous Artists School de Westport (USA), trato das cores e linguagem da arte sensorial com Hedva Megged. Interessou-se também pelo mosaico e trabalhou por algum tempo com Ted Derichs Hilgers. Em 1961, foi aluna de gravura de Lívio Abramo e Maria Bonomi e, em 1962, participou como sócia e fundadora do Núcleo dos Gravadores de São Paulo, Nugrasp (...)\*.

\*Trecho retirado do artigo *Hannah Brandt*, de Neusa Schilaro Scaléa, publicado na revista *Raízes* nº26, de dezembro de 2002



Ao lado da casarão da família De Nardi, foram identificados, a partir da esquerda: João Domingos De Nardi, Alice De Nardi, Angélica De Nardi e Conceição De Nardi, em foto de 1939

Acervo/FPMSCS



Mercado Central do Bairro Cerâmica, fundado em 1924, em sua nova instalação, situada na Avenida Senador Roberto Simonsen, nº1799

Acervo/FPMSCS



Casas localizadas na Rua Maranhão, na altura do número 1.400, de propriedade de Paulo Alves Martins e Atilio Nuñez. As crianças no portão são Milza e Mirley. Foto de 1948

Acervo/FPMSCS

Moradores da cidade reunidos para piquenique realizado em 1947, em benefício da construção do Hospital São Caetano



Acervo/FPMSCS



Casal Belarmina e Joaquim Pires Laranjeira, em foto tirada em estúdio fotográfico, no ano de 1947

Acervo/FPMSCS



Ademar Falchero  
Ascencio com a farda  
da Escola Naval, em  
foto de 1948

Vista panorâmica do Bairro Centro. A foto foi tirada em 1948, do alto do Edifício Fortaleza, na esquina das ruas Santa Catarina e João Pessoa. À direita, a parte posterior do Cine Max. Ao fundo, vista da Rua Santo Antonio. Ainda vemos, da esquerda para a direita, a Indústria Química Anhembí, a fábrica de carroceria Corona e o Viaduto dos Autonomistas



Desfile dos atiradores do Tiro de Guerra 277, de São Caetano do Sul, em 1957, na Praça Cardeal Arcoverde, junto à Igreja Matriz Sagrada Família

Acervo/FPMSCS



Decoração moderna de uma sala de estar típica da década de 1960. A residência da foto ficava na Rua Nilo Peçanha. Foto de 1960

Acervo/FPMSCS



Encontro informal, em 1960, entre Ângelo Raphael Pellegrino, Walter Braido e Oswaldo Samuel Massei (prefeito, na época)

Rua Sílvia, no Bairro Santa Maria. Vemos no alto, a Igreja Batista de Vila Gerty. Foto de 1960



Vista panorâmica da Praça 1º de Maio onde ficava instalada a Concha Acústica. Ainda em construção, vemos a Praça dos Estudantes. Diante da Concha, a Avenida Goiás e, em primeiro plano, a Rua Rio Grande do Sul. Foto da década de 1960



Acervo/FPMSCS



Vista aérea do Bairro Santo Antonio, vendo-se, à esquerda, a Rua Espírito Santo. Na esquina com a Rua Maranhão, à esquerda, a EMEF Bartolomeu Bueno da Silva e, ao lado, o antigo Tiro de Guerra. No centro, ao fundo, o edifício da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Foto da década de 1960

Acervo/FPMSCS



Rua Aurélia, no Bairro Barcelona, em 1966

Acervo/FPMSCS



Alunos do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, diante da Igreja Matriz Sagrada Família, para ensaio da formatura ginásial, em 1972

Acervo/FPMSCS



Vista aérea do Centro Esportivo e Recreativo Gisela, em 1991

Imagem de baile realizado no São Caetano Esporte Clube, em 1956



## FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

### SEDE ADMINISTRATIVA PINACOTECA MUNICIPAL CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255  
São Caetano do Sul – SP  
(11) 4223-4780  
fpm@fpm.org.br  
pinacoteca@fpm.org.br  
centro.documentacao@fpm.org.br

### MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122  
São Caetano do Sul – SP  
(11) 4229-1988  
museu@fpm.org.br

### SALÃO EXPOSITIVO ESPAÇO VERDE CHICO MENDES

Avenida Fernando Simonsen, nº 566  
São Caetano do Sul – SP

### ESPAÇO CULTURAL CASA DE VIDRO

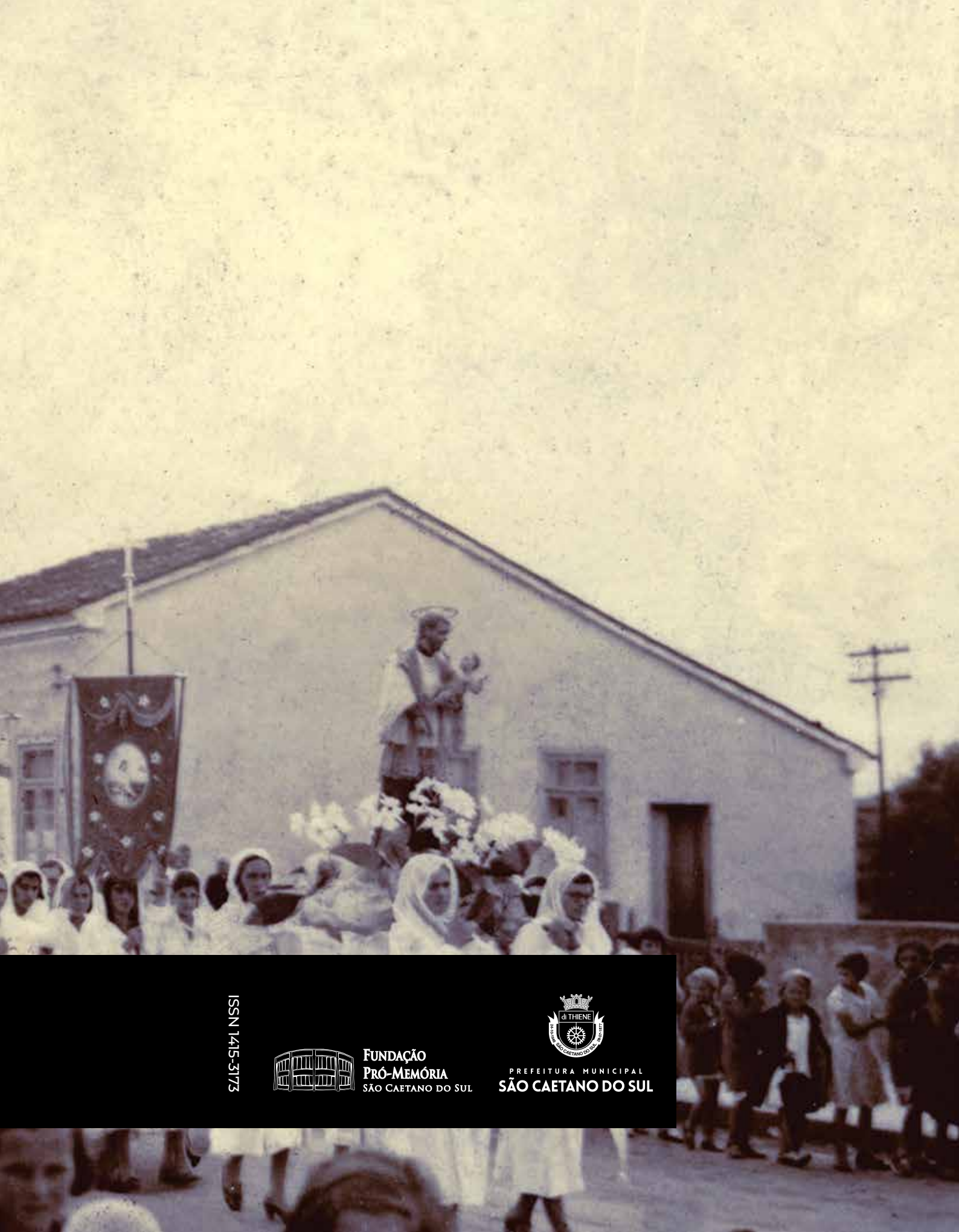
Praça do Professor  
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)  
São Caetano do Sul – SP

### ESPAÇO DO FORNO

Praça do Forno  
Espaço Cerâmica  
São Caetano do Sul – SP



Paço Municipal, na Avenida Goiás, em foto de 1967



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO  
PRÓ-MEMÓRIA  
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA MUNICIPAL  
SÃO CAETANO DO SUL

